

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

NÍVEL MESTRADO

VERA MARTINS

**DESPERTA MULHER: CARTOGRAFIA SOBRE
COMUNICAÇÃO E ENGAJAMENTO NO JORNAL
DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS DO RS**

São Leopoldo, RS

Março de 2010

VERA MARTINS

**DESPERTA MULHER: CARTOGRAFIA SOBRE
COMUNICAÇÃO E ENGAJAMENTO NO JORNAL
DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS DO RS**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientadora: Professora Doutora Christa Berger

São Leopoldo, RS

Março de 2010

VERA MARTINS

**DESPERTA MULHER: CARTOGRAFIA SOBRE
COMUNICAÇÃO E ENGAJAMENTO NO JORNAL
DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS DO RS**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. _____

Profa. Dra. _____

Profa. Dra. _____

**Para Maria, Lira, Francisca, Helma, Idalina
Fátima, Marli,
Vania, Mariane
e Joana**

Agradecimentos

Os dois anos de mestrado foram intensos de aprendizado e convivência com pessoas, que desde diferentes lugares me acompanharam e me fortaleceram. Escrever seus nomes aqui é uma forma de expressar minha alegria por sua presença em minha vida.

Agradeço aos professores do PPG, pela convivência desafiadora.

Aos colegas de turma, especialmente, Ângela, Daniel, Joel, Maria Joana e Marina Z. , pela companhia constante e generosa.

À minha orientadora, Profa Dra. Christa Berger, pelo aprendizado e pela convivência baseada em autonomia e confiança.

À Profª Dra. Nisia Martins do Rosário, pelo incentivo à minha aventura metodológica.

À minha família, Norberto e Joana, pelo suporte integral: da organização do tempo ao pagamento das contas, mas principalmente, pelo carinho e pela paciência.

À Prefeitura Municipal de São Leopoldo, na pessoa do Secretário de Planejamento e Coordenação, Sr. Marcel Frison, pela autonomia na organização de meus horários de trabalho. Sem isso seria impossível cumprir com meus compromissos acadêmicos.

Ao Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, unidade Novo Hamburgo, pela “bolsa auxílio educação”.

Ao Movimento de Mulheres Camponesas – MMC/RS pelo exemplo de luta e esperança.

**Eu quase que nada não sei.
Mas desconfio de muita coisa.
(...)**

**Quem desconfia fica sábio: dizendo como pude, muito
confirmei; mas confirmei acrescentando que chegara até ali por
dar volta cautelosa, e mesmo para ter a calma de resolver os
projetos em meu espírito.**

RESUMO

Esta dissertação trata da relação entre o Movimento de Mulheres Camponesas – MMC/RS e seu jornal *Desperta Mulher*, com o objetivo de compreender qual o potencial do jornal para concretização de um projeto de mulher camponesa. A pesquisa se organizou através de três eixos de problematização: a) como o jornal participa da construção de um ideal de mulher camponesa? b) a partir de que conteúdos o jornal se articula ao projeto político do MMC/RS de combater toda discriminação de gênero e posturas machistas? c) como estão organizados os conteúdos ligados à presença das camponesas nos espaços público e privado? A partir dos passos metodológicos da cartografia e do rizoma, foram elaborados três mapas de compreensão do objeto. O primeiro apresentou o MMC/RS como um movimento social, no segundo (mapa) se elaboraram marcadores da Comunicação Popular e dos Estudos de Gênero e o terceiro estudou os textos do jornal numa abordagem rizomática. A sobreposição destes mapas revela que a relação entre o MMC/RS e o jornal é um território onde se constrói este projeto de mulher camponesa. Revela ainda que o jornal *Desperta Mulher* consolida este projeto como uma ação política, porque dá visibilidade aos seus processos de formação, documenta os discursos de apropriação do acúmulo histórico das lutas feministas, e guarda em seus traçados a memória dos movimentos sociais que lutam pela justiça no campo.

Palavras-chaves: Comunicação Popular. Gênero. Cartografia. Engajamento.

RESUMÉ

Cette dissertation traite de la relation entre le *Movimento de Mulheres Camponesas - MMC/RS* et leur journal *Desperta Mulher*, afin de comprendre le potentiel du journal dans la concrétisation d'un projet de femme paysanne. La recherche a été organisée selon trois axes – questionnements : a) comment le journal participe de la construction d'un idéal de femme campagnarde ? b) à partir de que contenus le journal s'articule au projet politique de le *MMC/RS* de combattre toute discrimination de genre et les attitudes sexiste ? c) comment sont organisés les contenus liés à la présence des campagnardes dans les espaces public et privé ? À partir des étapes méthodologiques de la cartographie et du rhizome, ont été élaborées trois cartes de compréhension de l'objet. La première, elle a présenté le *MMC/RS* comme un mouvement social. La deuxième carte a développé marqueurs de la Communication Populaire et des Études de Genre et la troisième a étudié les textes du journal dans un abordage rhizomatique. La superposition de ces cartes révèle que la relation entre le *MMC/RS* et le journal est un territoire où se construit ce projet de femme campagnarde. Il révèle encore que le journal *Desperta Mulher* consolide ce projet comme une action politique, pour donner une visibilité à leurs processus de formation, documenter les discours d'appropriation de l'accumulation historique des luttes féministes, et garder dans leurs tracés la mémoire des mouvements sociaux qui bataillent pour la justice dans le champ.

Mot-clés : Communication Populaire. Genre. Cartographie. Engagement.

LISTA DE SIGLAS

MMC – Movimento de Mulheres Camponesa

MMC/RS – Movimento de Mulheres Camponesas do Rio Grande do Sul

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

MMTR- Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 O MMC/RS e o Jornal Desperta Mulher	12
1.2 Motivações	15
1.3 Da problematização aos objetivos	16
1.4 Aportes teórico-metodológicos	18
1.5 Teorias Feministas, Estudos de Gênero e o novo paradigma da Ciência	29
1.6 Comunicação	21
1.7 Organização do relatório: propostas de uma cartógrafa em formação	22
2 MAPA METODOLÓGICO	24
2.1 Entre a cartografia e o cartógrafo	27
2.2 Linhas rizomáticas para leitura do jornal	35
3 MAPA DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS- MMC/RS	38
3.1 MMC/RS, o começo	40
3.2 O MMC/RS hoje	43
3.3 O jornal Desperta Mulher, através do MMC/RS.	47
PRIMEIRO ESPAÇO DE CONEXÃO	56
4 OS MAPAS DA COMUNICAÇÃO E DOS ESTUDOS GÊNERO	60
4.1 Comunicação Popular	60
4.2 Imprensa Feminista	64
4.3 Estudos de Gênero	69
SEGUNDO ESPAÇO DE CONEXÃO	74

5 O MAPA DO JORNAL DESPERTA MULHER	77
TERCEIRO ESPAÇO DE CONEXÃO	95
OS OUTROS CAMINHOS E A CARTOGRAFIA FINAL	99
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
ANEXOS	109
ANEXO A: Quadro completo das manchetes do jornal Desperta Mulher, de 2004 à 2008	110
ANEXO B: jornal Desperta Mulher, Ano XIV, no. 78 nov/dez, 2007	117

1 INTRODUÇÃO

Para chegar a este relatório percorri um longo caminho. E esta caminhada foi determinada por dois contextos, um ligado às lutas sociais historicamente empreendidas por mulheres na busca de sua emancipação como sujeito, e outro particular, ligado à minha história e minhas descobertas neste mesmo universo de lutas e conquistas. Não percorri este caminho sozinha, mas porque as escolhas foram minhas, relato o percurso em primeira pessoa.

O que deu início a esta trajetória foi à descoberta do jornal **Desperta Mulher**, publicado pelo Movimento de Mulheres Camponesas - MMC/RS há 19 anos. Foi a vontade de compreender este jornal como uma prática de comunicação, mas também como um elemento inserido numa prática política, que me trouxe até aqui.

1.1 O MMC/RS e o Jornal Desperta Mulher

Há 19 anos o Movimento de Mulheres Camponesas do Rio Grande do Sul – MMC/RS produz, a cada dois meses, um número do jornal **Desperta Mulher**. São 500 exemplares impressos e uma versão *on line*. Mais de duzentos exemplares são enviados pelo correio para militantes, entidades ligadas ao Movimento e o restante é distribuído nos eventos que o Movimento promove e participa. A versão *on line* é enviada a todas aquelas pessoas ou entidades que manifestem interesse em receber o material. É nas páginas deste jornal que esta pesquisa vai buscar articulações sobre os temas da Comunicação e dos Estudos de Gênero.

A partir da Comunicação, esta pesquisa quer se juntar ao conjunto de investigações que partem do entendimento dos meios de comunicação como elementos centrais na produção da realidade. Nesse contexto, as instituições, meios de comunicação e sujeitos, que participam do processo de produção dessa realidade e configuram a mesma através de um complexo jogo de sentidos, buscam tornar válidas suas versões dos acontecimentos.

Deste complexo processo de negociações de sentidos e significados participam múltiplos interesses que se organizam de diversas formas na sociedade. Uma dessas formas de organização são os movimentos sociais, reconhecidamente atores sociais importantes da

atualidade¹, cumprindo um papel destacado na reflexão de práticas políticas em diversas áreas. Considerando, a partir dos estudos das Ciências da Comunicação, que os processos midiáticos podem ser considerados chaves heurísticas para leitura da realidade, então é possível observar estes movimentos organizados e entender como suas práticas e discursos são afetados por esses processos.

No cenário dos movimentos sociais, os movimentos protagonizados pelas mulheres estão entre os mais relevantes porque alertaram para a invisibilização destas como sujeitos históricos e sociais. Com os movimentos feministas vieram, entre tantos questionamentos, aqueles que “suspeitam” da grande narrativa ocidental feita a partir de um ser ideal, masculino, branco e ocidental, incluindo assim outra perspectiva e outros valores para a organização da sociedade. Todas as tensões provocadas pelo questionamento desta ordem estão refletidas na Comunicação e suas produções nos mais diversos contextos. Ao estudar o jornal **Desperta Mulher**, de reconhecida importância dentro do MMC/RS, acredito que é possível conhecer práticas sociais organizadas, elaboradas dentro de um conjunto de cultura específico e de um contexto de significados e sentidos que se materializam através da Comunicação e seus processos e que são relativos à significativa parcela da população: são 893.282 mulheres vivendo no universo rural do Rio Grande do Sul (IBGE, censo 2000).

No conjunto da sociedade, as discussões relacionadas ao espaço ocupado pelas mulheres cavaram brechas em várias esferas e já se consolidaram também no mundo acadêmico. As mulheres organizadas saíram da invisibilidade para compor a agenda política do país, disputando espaços importantes de decisão sobre suas questões específicas como o divórcio, o direito ao aborto legal, o acesso ao mundo do trabalho, a equivalência de cargos e salários em relação aos homens, e, ainda, naqueles relacionados às pautas sociais do país, desde os Movimentos pela Anistia, contra a Carestia, contra a violência até os em defesa da infância.

Diversas áreas do conhecimento têm se dedicado a pesquisar e problematizar, a partir de seu campo epistemológico, as temáticas de gênero². A afirmação dos Estudos de Gênero, enquanto campo de pesquisa acadêmica se deve, em grande parte, às organizações feministas que no Brasil têm uma longa história de lutas e reivindicações constituindo um importante capítulo na história do país.

¹ Os movimentos sociais configuram importante objeto de estudo no campo das Ciências Sociais, conformado linhas de pesquisa em importantes PPG's como, por exemplo, da Sociologia da UFRGS.

² Cito especialmente os movimentos do Grupo de Filosofia Feminista da Unisinos, o Núcleo de Pesquisa de Gênero do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia e os Estudos Feministas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Publicações especializadas dão um panorama das produções acadêmicas que estudam a questão das mulheres e dos Movimentos de Mulheres em todo país. Uma busca nelas mostrou que áreas como Educação, Sociologia (associada à Extensão Rural), Literatura e História têm dedicado esforços na compreensão da situação das mulheres na sociedade frente a temas como: identidade de gênero, atuação profissional, relações de trabalho, saúde, participação, atuação política e organização de mulheres em movimentos sociais nas diversas regiões do país. Outros estudos que se dedicaram especialmente aos Movimentos de Mulheres do meio rural (de diversas regiões do país) não têm tratado de questões ligadas à Comunicação. Seus temas mais frequentes são educação, saúde, organização em movimentos sociais, suas histórias, estratégias de luta...

Também a área da Comunicação acumula uma vasta produção no que se refere às mulheres, problematizando e analisando conteúdos produzidos e difundidos pelas diversas mídias (TVs, revistas, materiais publicitários, etc.). No entanto, é possível perceber que quando o recorte temático se refere à Comunicação no meio rural, os trabalhos e as pesquisas têm privilegiado temas relacionados ao turismo ou às estratégias de agronegócio. Quando o recorte temático é Comunicação e Estudos de Gênero no Universo Rural, o número de trabalhos produzidos é ainda menor. Esta lacuna aponta para possibilidades de pesquisas e estudos no campo da Comunicação. Entre estas produções merecem destaque algumas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação (que priorizaram uma análise sobre as mulheres em contextos rurais): é o caso do documentário "Ocupar, Resistir, Produzir" (CAVALCANTI, 2002) que apresenta depoimentos das mulheres de um assentamento do MST no RJ, e o artigo "O rural televisivo nas apropriações das telespectadoras camponesas" (PEREIRA, 2007), resultado de um estudo de recepção em dois assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST no RS.

Ainda buscando conhecer os caminhos que estão sendo percorridos por pesquisadores e pesquisadoras que articulem os temas da Comunicação e do Gênero, o "Seminário Internacional Fazendo Gênero 8"³, na sua oitava edição, reuniu em 2008 mais de 3 mil pessoas entre pesquisadores, pesquisadoras e militantes na Universidade Federal de Santa Catarina. Este seminário, que é bianual, tem um caráter interdisciplinar e reúne diversos Centros, Departamentos, Programas de Pós-Graduação, Núcleos de Pesquisa de universidades regionais, nacionais e internacionais sendo uma referência tanto acadêmica quanto para a organização dos movimentos feministas. Organizados a partir de Simpósios Temáticos, 72 temas foram trabalhados tendo recebido cada um 24 artigos. Entre os diversos temas a que se dedicaram os

³ As informações detalhadas sobre os Simpósios Temáticos e os resumos dos artigos estão disponíveis no site do Seminário: <http://www.fazendogenero8.ufsc.br/>. Acessado em 03 de abril de 2009.

Simpósios Temáticos, dois dizem respeito à Comunicação: Gênero e Cinema e Corporalidade na Mídia. Nos textos apresentados, as reflexões trouxeram as práticas discursivas, a representação do corpo na mídia, a representação de feminino e masculino no trabalho de diversos cineastas e na imprensa escrita e ainda a representação na televisão, em seus diversos programas, nas revistas e na fotografia. Estes aspectos foram abordados tanto na perspectiva histórica quanto apresentando aspectos da atualidade. A leitura dos artigos revela que o olhar dos pesquisadores e pesquisadoras privilegia aspectos da produção midiática sobre mulheres e homens, mais do que aquela Comunicação produzida por eles. Este contexto das pesquisas que envolvem comunicação e gênero demonstra a importância e as possibilidades para o campo comunicacional desta pesquisa que privilegiou um veículo de comunicação do MMC/RS.

1.2 Motivações

Bergson (2006) afirma que há algo da duração de nossos objetos que dura em nós também e que nos move como pesquisadores e pesquisadoras. Quando conheci o jornal tive vontade de conhecer mais profundamente este material produzido a partir de um universo que me era familiar, já que vivi no meio rural até os 18 anos. Eu entro neste trabalho como uma leitora do jornal, mas também como alguém que conviveu com algumas mulheres que militaram e militam no MMC/RS. Assim, minha entrada nesta pesquisa e meu modo de empreendê-la são também um compromisso e um desejo de somar aos projetos de transformação social empreendidos por homens e mulheres da cidade e do campo; portanto não é neutro, mas quer ser vigilante na objetividade e observância do rigor científico para ofertar mais um olhar sobre a realidade que, somado ao conjunto das investigações da Comunicação e às reflexões feministas e de Gênero, irá compor um panorama desta época.

É esta época marcada por uma crise de paradigmas (SANTOS, 2007), marcada também pela consolidação das Teorias Feministas e dos Estudos de Gênero como uma contribuição definitiva para a instalação de um novo modo de produzir conhecimento que deve caracterizar-se pela abertura do saber científico para outros saberes como o religioso, o mítico, o artístico, o literário, o poético e o político. Assim se pode afirmar que a entrada da perspectiva feminina na ciência já trouxe para os fatos sociais outros olhares, outros ângulos para análise gerando um conjunto de saberes que redefiniram o papel social da mulher.

Então esta pesquisa pretende ser relevante também do ponto de vista social para entender como um meio de comunicação, o jornal **Desperta Mulher**, é atravessado pelo contexto de disputa de sentidos e versões de uma época onde se questiona fortemente o

ordenamento da sociedade a partir do masculino. Neste contexto o jornal tanto contribuiu na preservação da memória das lutas das mulheres camponesas do RS quanto na elaboração de sua identidade camponesa e feminista.

O MMC/RS acumula uma história importante de lutas e reivindicações que contribuiu para a consolidação da temática feminista na sociedade. Processo este que pode ser acompanhado através de suas práticas comunicacionais. Refletir sobre estas práticas – com o amparo rigoroso do método científico - pode oferecer elementos para um proveitoso diálogo entre academia, instância formadora de aportes conceituais e paradigmas profissionais, e os movimentos sociais, instâncias mais próximas do dia-a-dia das comunidades, fazendo com que ambas as esferas, que olham de lugares diferentes para uma mesma sociedade, resignifiquem suas práticas.

1.3 Da problematização aos objetivos

O processo de elaboração de um problema de pesquisa é longo e complexo e não cessa completamente, é por isso desafiador. Desafia o pesquisador e a pesquisadora a reconhecerem sua própria estatura frente às necessidades de fazer cortes e recortes e de escolher abordagens, ainda que conscientes da dinamicidade de seu objeto e de sua atuação contínua no contexto da pesquisa. É um percurso particular.

O meu percurso, que partiu de leituras teóricas para chegar ao jornal, se fez também com experiências de análise, com a socialização das dúvidas e avanços para recompor outra vez estes aportes teóricos e configurar os procedimentos metodológicos. Isso quer dizer que o contato com o material empírico, com o jornal **Desperta Mulher**, e as abordagens iniciais suscitaram um conjunto de questionamentos e reflexões que, por sua vez, me permitiram (re)construí-lo como objeto de pesquisa. Neste processo o jornal saiu da condição de substantivo, que apenas exprime o sujeito de uma substância ou ser (HOUAISS, 2010, *on line*), para colocar-se num lugar que articula sujeitos sociais e dá a ver suas relações. É no movimento da teoria ao empírico que se deu este deslocamento e assim sua configuração como um objeto de pesquisa; é neste movimento que se instaura sua problematização.

Apresento um breve histórico do MMC/RS. A relação entre o Movimento e o jornal será problematizada em três eixos.

Serão estudados 25 exemplares, cujo recorte temporal está relacionado com a história do Movimento de Mulheres. No final do ano de 2003 o então Movimento de Mulheres

Trabalhadoras Rurais/MMTR, espalhado em vários Estados do Brasil, depois de um longo processo de discussão interna consolida uma unificação nacional passando a chamar-se Movimentos de Mulheres Camponesas/MMC que hoje está organizado e formalizado em 15 estados brasileiros. Este foi um marco fundamental nos rumos do Movimento.

Este movimento oportunizou a muitas mulheres a reflexão sobre sua condição de trabalhadoras chamando atenção para condições de subordinação social, como as duplas jornadas de trabalho lavoura/casa e a ausência dos homens nas questões relativas ao cuidado e educação dos/as filhos/as (PAULILO, 1987). O movimento oportunizou ainda a participação política das mulheres buscando reverter a situação de invisibilidade destes sujeitos sociais nas decisões e na utilização dos recursos gerados nas propriedades e ainda na contemplação de pautas específicas em políticas públicas para o setor agrícola. Uma marca importante no Movimento de Mulheres Camponesas e que define ainda sua relação com os outros Movimentos Sociais voltados para o universo rural diz respeito ao seu surgimento. Suas principais lideranças na época da constituição do Movimento eram militantes de outros Movimentos que lutavam pelo acesso à terra e que iniciavam uma trajetória autônoma, por entender que a luta e a conquista da terra não eliminava as situações de opressão das mulheres.

Ao longo da atuação do MMC/RS foram produzidos inúmeros documentos que registram a história destas mulheres como textos de reflexão, cartilhas, cartazes e o *site* oficial. O jornal **Desperta Mulher** se destaca neste cenário de documentação por existir há 19 anos e por ser o um dos documentos que mais assiduamente chega às mãos das camponesas, já que outros documentos são ligados a campanhas específicas e poucas têm acesso à internet. A informação sobre as condições de criação do jornal se perdeu na história do MMC/RS junto com pessoas que se perderam do Movimento ou que ele as perdeu. Atualmente nas suas páginas está a escrita de mulheres, sobretudo as gaúchas, que vivem no campo e que há anos buscaram construir um movimento social organizado e autônomo.

Em uma primeira aproximação dos conteúdos do jornal **Desperta Mulher**, chama atenção a forma como temas ligados à esfera privada da vida das mulheres camponesas são menos frequentes que aqueles que indicam uma participação na esfera pública. Esta diferença entre a abordagem de temas relativos às questões do domínio público e privado (THOMPSON, 1995)⁴ é uma das características do jornal **Desperta Mulher**, e uma pista sobre fatores que explicariam este fato pode ser a sua vinculação a movimentos de esquerda (o MMC/RS, junto

⁴ “O domínio privado inclui organizações econômicas particulares operando numa economia de mercado orientada primariamente em direção ao lucro, bem como um conjunto de relações pessoas e familiares que pode ser informais ou sancionadas formalmente por meio legais (por exemplo, o casamento). (THOMPSON, 1995, pg. 313).

com o MST, entre outros, integram a Via Campesina no Brasil)⁵. Todos estes movimentos sociais têm sua militância marcada pela perspectiva marxista, que defende a centralidade da categoria, classe social, para compreender as diferenças e desigualdade sociais incluindo aí as que têm implicações sobre homens e mulheres (BERGER, 1998).

A partir desses movimentos de aproximação do jornal **Desperta Mulher** já descritos, a problematização que norteou esta pesquisa se desenvolveu em torno da relação entre o MMC/RS e o jornal e está organizada em três eixos amparados pelos estudos temático-conceituais, buscando por autores e teorias da Comunicação, Comunicação Popular e Comunitária e Estudos de Gênero.

Estes eixos são: **a)** Como o jornal participa da construção de um ideal de mulher camponesa? **b)** A partir de que conteúdos o jornal se articula ao projeto político do MMC/RS de combater toda discriminação de gênero e posturas machistas? **c)** Como estão organizados os conteúdos ligados à presença das camponesas nos espaços público e privado?

A partir desta problematização, o estudo das edições de 2004 a 2008 do jornal **Desperta Mulher** tem como objetivo compreender qual o potencial do jornal para a concretização de **um projeto de mulher camponesa**.

Este objetivo será perseguido através: **a)** da identificação das motivações do MMC/RS para produzir e manter o jornal **Desperta Mulher**; **b)** do conhecimento dos conteúdos que são tratados no jornal e sua forma de abordagem; **c)** da identificação do modo com o Movimento apresenta suas militantes no espaço público e no mundo privado e **d)** da identificação do lugar que o jornal ocupa nas relações institucionais do MMC/RS.

1.4 Aportes teórico-metodológicos

Os aportes teóricos que apoiaram meu trabalho de pesquisa se afirmaram como tal a partir da escolha da perspectiva metodológica que orientou o desenvolvimento dos trabalhos. Esta perspectiva é a cartográfica, através de percursos rizomáticos, elaborada especialmente a partir das reflexões propostas por Barbero (2002), Rosário (2008), Rolnik (2006), Deleuze e

⁵ La Vía Campesina es un movimiento internacional de campesinos y campesinas, pequeños y medianos productores, mujeres rurales, indígenas, gente sin tierra, jóvenes rurales y trabajadores agrícolas. Defendemos los valores y los intereses básicos de nuestros miembros. Somos un movimiento autónomo, plural, multicultural, independiente, sin ninguna afiliación política, económica o de otro tipo. Las organizaciones que forman la Vía Campesina vienen de 56 países de Asia, África, Europa y el continente Americano. Disponível em: www.viacampesina.org. Acessado em 19 de maio de 2008.

Guattari (1995). Já os outros aportes teóricos se concentram em torno das reflexões feministas e Estudos de Gênero e da Comunicação Popular e da Imprensa Feminista.

O jornal **Desperta Mulher** como objeto de pesquisa é constituído de relações por vezes duras e exigentes e pede uma metodologia também exigente como a cartografia, mas que comporte a maleabilidade e a permeabilidade em seu território de investigação.

Algumas reflexões de Jesus Martin-Barbero (2002) têm se preocupado especialmente em articular a comunicação com a cartografia considerando assim as possibilidades deste encontro na proposição de um novo paradigma de pesquisa, situando-as na encruzilhada entre a ciência e arte, se abrindo em ambigüidade ilimitada. Para o autor a cartografia serve para desestabilizar o objeto, para conectá-lo com os contextos filosóficos e sociais e deve tematizar as mediações que “articulam as práticas de comunicação com as dinâmicas culturais e os movimentos sociais” (Barbero, 2002, p.20). Nesta perspectiva a cartografia não se encerra nas fronteiras dos traçados dos mapas, mas pode mostrar relações, entrelaçamentos e caminhos de fuga. A cartografia se propõe a traçar mapas dos territórios percorridos durante a investigação, mapas que registram tanto a trajetória da pesquisa como a do próprio investigador.

1.5 Reflexões Feministas, Estudos de Gênero e o novo paradigma da Ciência.

A partir da visão proposta por Barbero (2002), traço meus passos de investigação acrescentando leituras de Boaventura de Souza Santos (1989) que afirma que, no novo paradigma para a produção de conhecimento, o cientista deverá abandonar a postura supostamente neutra e assumir uma posição, pois, diz o autor, vivemos numa sociedade de muita injustiça e em relação a isto não podemos ser neutros.

A partir deste entendimento o resultado desta pesquisa, expresso em mapas de compreensão, deverá poder dialogar também com o MMC/RS a fim de compor sua competência argumentativa (SANTOS, 1989), competência esta imprescindível para a viabilização de seu projeto político de construir um mundo mais justo. Assim, retomo as contribuições de Boaventura de Souza Santos (1989) que são fundamentais para que se possa refletir sobre o lugar que os Estudos de Gênero neste novo modo de entender e operar o fazer científico vêm se construindo.

Este novo paradigma, que precisa de certas condições sociais e teóricas para se efetivar, leva em conta todas as relações implicadas nos processo de produzir conhecimento como as relações com as instâncias de poder representadas pelo capital e pelo Estado. Para Santos o ponto de partida para este novo paradigma (como um processo incompleto porque é novo e está

acontecendo no “agora”) se assenta na constatação de que a sociedade vive uma crise de referências que não reside em uma crise da idéia de que necessitamos de uma sociedade melhor e mais justa e de que a liberdade, a igualdade e a solidariedade ainda são uma aspiração humana, mas nos modos como buscamos chegar a essa sociedade melhor e mais justa. E neste contexto a ciência como um dos “poderes-saberes” que circulam na sociedade tem um papel importante a cumprir (SANTOS, 2007).

A partir do aporte teórico desenvolvido pelas feministas que questiona a organização social, política e econômica, as mulheres lutam pela “desnaturalização” das relações estabelecidas a partir de uma lógica masculina. Estes movimentos já geraram uma série de mudanças que interfere positiva e diretamente na vida de milhares de mulheres como, por exemplo, as quotas para mulheres nas eleições, a Lei Maria da Penha relativa à violência doméstica, atenção diferenciada nas questões da saúde, acesso ao crédito pelas mulheres chefes de família entre outros⁶. Na perspectiva de Santos (1989, 2007) este é conhecimento que faz sentido porque transforma e qualifica o senso comum e acaba por transformar-se nele quando a comunidade científica produz conhecimento que serve para “empoderar” os grupos oprimidos, oferecendo-lhes condições para que desenvolvam uma competência argumentativa e social, decisiva nos embates travados por estes grupos frente aos interesses da sociedade capitalista.

Para o sociólogo português, Boaventura de Souza Santos, todo conhecimento é contextual e é preciso identificar os contextos em que é aplicado e produzido o conhecimento nas sociedades capitalistas, cuja referência é o modelo positivista (1989). Na perspectiva do novo paradigma que deve ser perseguido pela comunidade científica (mediadora entre o conhecimento científico e a sociedade), esta é chamada a tomar partido dos que tem menos poder, o *know-how* ético deve ter prioridade argumentativa sobre o técnico, os critérios técnicos devem submeter-se aos critérios éticos. Orientado por (d)este novo paradigma, o conhecimento sobre a vida e sobre a natureza acumulado pelas mulheres ao longo da história é válido, tem vez, e deve encontrar espaço de diálogo com o conhecimento científico.

Em seus estudos Santos (1989) revela as redes de relações, os saberes e os poderes que se articulam em cada um destes contextos, expondo assim os mecanismos sociais que historicamente inferiorizaram e invisibilizaram as mulheres na cultura ocidental. Para o autor (1989) estes contextos só se separam teoricamente, “pois estão articulados entre si, se interpenetram de múltiplas maneiras e a determinação de um sobre o outro varia conforme a posição (central ou periférica) do país no sistema capitalista” (p. 152). Refletir sobre a sociedade

⁶ Informações sobre estes, e outros temas relativos as políticas especiais para mulheres no Brasil, podem ser encontrados no *site* da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, vinculada à Presidência da República. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sepm/. Acessado em 10.08.08.

contemporânea, sobre seus contextos de produção de conhecimento, sobre os elementos e as relações de poder que a configuram, implica em reconhecer o lugar que a Comunicação vem ocupando nesses contextos estruturais.

Mas, aqui importa um capítulo bem específico da história da comunicação no Brasil: a utilização, a reflexão, as críticas e as constantes reconfigurações sobre e da Comunicação pelos movimentos sociais organizados.

1.6 Comunicação

Deleuze e Guattari (1995) ao refletirem sobre a feitura dos mapas e sobre a necessidade de empreender percursos rizomáticos nesta elaboração, afirmam que o mapa é uma experimentação ancorada no real. Assim entendo o jornal **Desperta Mulher** e o MMC/RS como o território real sobre o qual fiz leituras e proponho entendimentos. Um território que se assenta sobre as bases de comunicação popular e da imprensa feminista.

Uma das principais características do jornal, que o liga à perspectiva da comunicação popular, diz respeito aos seus conteúdos que são elaborados a partir da decisão política de apresentar uma leitura alternativo-crítica dos fatos noticiados pela grande mídia, hoje acessada sem dificuldade através da TV também pelas comunidades rurais (PERUZZO, 1998).

Os conteúdos produzidos para este meio de comunicação estão relacionados ao que Peruzzo (1998) denomina fundamentos da concepção de comunicação popular relacionada aos movimentos sociais. “Estes fundamentos são a) expressão de um contexto de luta; b) conteúdo crítico – emancipador; c) espaço de expressão democrática; d) o povo como protagonista e e) instrumento das classes subalternas”. O jornal **Desperta Mulher** responde a todos estes fundamentos.

A decisão de manter o jornal e seus conteúdos expressa o contexto de lutas das camponesas que publicam ali os desdobramentos ativos de seus projetos atualizando as militantes naqueles temas ligados à sua vida e às suas atividades. As matérias se baseiam em informações que o MMC/RS compreende que não chegariam às camponesas de outra forma, propondo assim uma leitura mais crítica dos fatos sociais.

O jornal é espaço de expressão democrática porque tanto permite ao Movimento se comunicar diretamente com as camponesas através de um veículo que não precisa responder a interesses comerciais, quanto assegura o direito à informação às camponesas sobre aquelas questões específicas do seu dia-a-dia.

O jornal *Desperta Mulher*, nesta perspectiva da comunicação popular, cumpre ainda a função de registrar as ações de protagonismo das mulheres. Retrata e relata os momentos de protestos e reivindicações organizados a partir de uma agenda política própria, mas que se articula a outros atores sociais quando as bandeiras de luta dialogam.

A estes fundamentos se somam também especificidades da imprensa feminista cujas marcas estão estampadas no jornal **Desperta Mulher**. Ele está inteiramente voltado para o interesse das mulheres, discute as questões que tocam diretamente sua vida e se coloca ainda como um elemento importante na formação das camponesas, nas teorias que sustentam o feminismo e nos debates de gênero.

1.7 Organização do relatório: propostas de uma cartógrafa em formação

Deleuze e Guattari (1995) nas suas reflexões sobre “como fazer mapas” afirmam que o cartógrafo é obrigado a cair em impasses. E estes impasses que acompanham o processo da cartografia se fazem mais evidentes na hora de dar forma ao relatório da pesquisa. Barbero (2002) também afirma que é preciso novas formas para fazer os mapas e fala da exigência de mudança de discurso e escrita.

O ideal seria apresentar um relato num mapa de plano único, profundo e translúcido para dar conta dos acontecimentos vividos, das determinações históricas, dos conceitos pensados, dos indivíduos e grupos que tomaram parte no processo. Um plano que desse a ver, simultaneamente, meu processo de formação, minhas inseguranças e amadurecimento, meu cotidiano nem sempre favorável, meus momentos de recolhimento e concentração. Um plano que deixasse visíveis as tramas e as conexões incessantes desta investigação que tem muitas entradas, tantas, que muitas foram deixadas de lado e outras nem chegaram a ser percebidas.

Na impossibilidade de concretizar este plano ideal, mas perseguindo uma coerência entre metodologia e forma, organizei o relatório em capítulos e espaços de conexão. São 4 capítulos com os mapas gerais para a compreensão dos contextos e dos textos que envolvem o jornal **Desperta Mulher** e o MMC/RS.

O primeiro capítulo apresenta o mapa metodológico da pesquisa justificando teoricamente a opção pela cartografia. Estão explicitados também os modos de articulação entre a metodologia, os procedimentos e o objeto de estudo. Este capítulo descreve ainda os passos de elaboração das linhas rizomáticas que são os instrumentos de análise dos textos do jornal.

O mapa descritivo do MMC/RS e do jornal **Desperta Mulher** encontra-se no segundo capítulo. O Movimento é apresentando a partir de diversos documentos internos como cartilhas

e texto bases das muitas atividades desenvolvidas pelas camponesas. O jornal é apresentado nos seus aspectos físicos, de condições de produção e objetivos através de entrevistas com integrantes da direção estadual e pessoas envolvidas diretamente na sua elaboração.

O terceiro capítulo traz os mapas teóricos da Comunicação, das Teorias Feministas e dos Estudos de Gênero. Em função da articulação das reflexões de cada um destes campos de conhecimento com o objeto de pesquisa, elaborei marcadores que vão acompanhar os movimentos de compreensão das relações entre o MMC/RS e o jornal.

No quarto e último capítulo traço o mapa dos textos do jornal. Este mapa é elaborado a partir do agrupamento dos textos sob 4 linhas rizomáticas. As linhas base, superfície lilás e semente vão estabelecer os modos de relacionar o jornal com seu contexto de produção e com os aportes teóricos necessários para sua compreensão.

Os três espaços de conexão contêm uma ilustração dos eixos da problematização em imagens (s) com recortes e fotografias do jornal **Desperta Mulher**. Bem ao gosto rizomático, os espaços de conexão são pontos de reflexões com potencial para estabelecer múltiplas articulações e que podem se ligar a qualquer um dos mapas independentemente ou a todos ao mesmo tempo. Os espaços de conexões, embora estejam situados entre o segundo e terceiro capítulo, entre o terceiro e o quarto (s) e entre este e a cartografia final, foram os últimos a serem produzidos.

2 MAPAS METODOLÓGICOS

Estudiosos de referência para a discussão da ciência hoje têm aportado reflexões imprescindíveis para pensar o lugar desta na sociedade atual. Bourdieu (1983) com a teoria dos campos, por exemplo, alerta para a manifestação de relações de força, poder e disputas como parte do fazer científico que atravessa os processos e os resultados dos trabalhos deste campo. Com isto também concorda Foucault ao dizer que “os enunciados tidos como verdadeiros pela ciência são resultados da articulação das forças de poder que regem o campo” (FOUCAULT, 1993, p.12).

Por isso, ao dar início ao relato da minha pesquisa, é fundamental ter estes pressupostos em mente, pois se trata de reconhecer que este relato resulta da articulação de aportes teóricos estabelecidos dentro das regras do campo científico, do complexo processo de negociação de sentidos propostos pelo objeto de estudo com o trabalho do (da) pesquisador (a).

E nós, os (as) pesquisadores (as), nas palavras de Gramsci “só investigamos de verdade o que nos afeta” (In: BARBERO, 2002, p25). Concordando com esta afirmação, se minha pesquisa revela o que me toca e afeta e se transformo esta sensibilização em esforço para compreender determinado fenômeno social, meu ponto de partida é carregado de subjetividade. Assim, embora todo o trabalho de investigação seja pautado pela objetividade, o movimento que inaugura este processo investigativo não é neutro, nem isento, como defendeu durante muito tempo a ciência tradicional.

Sem dúvida, a objetividade, o raciocínio lógico são ingredientes importantes na busca de conhecimento, entretanto, eles não eliminam a subjetividade que é inerente ao humano e que, independentemente da vontade, atravessa o processo de percepção e teorização sobre fatos e fenômenos. Desse modo, nega a subjetividade é um equívoco, conviver também com ela, um fato; admiti-la uma necessidade (ROSARIO, In: MALDONADO *et al.* 2008, pg. 197)

Considerar o lugar desta subjetividade no trabalho científico é um desafio, cujo enfrentamento pode ser mais bem sucedido na medida em que o(a) pesquisador(a) reconhece sua presença nos processos de elaboração e na perspectiva metodológica da pesquisa esclarece suas

motivações e suas escolhas. Relatar estes movimentos de reconhecimento e relatar os processos é o objetivo deste primeiro capítulo.

A idéia de explicitar a metodologia no início do relato evidencia também o lugar que este aspecto tem no conjunto do que vai ser apresentado nos próximos capítulos. Parto do entendimento que a perspectiva metodológica é a que vai apontar os caminhos por onde a investigação vai andar, determina ainda quem vai andar com ela e a convivência que vai se estabelecer entre os companheiros desta viagem chamada dissertação.

É possível dizer que a perspectiva metodológica de um trabalho é uma escolha pessoal do pesquisador dentro do contexto da sua formação, mas reconheço também que esta não é uma escolha aleatória e sem vínculos. O estudo da metodologia leva a reflexões profundas sobre nossas escolhas, nos coloca questões que tocam as estruturas de formação pessoal, nossas crenças e certezas. E este processo pessoal acontece simultaneamente com o de aproximação com o objeto empírico e sua construção em objeto de pesquisa. É neste contexto de aprendizado que Rosário (2008) aponta em suas reflexões a necessidade de compreender que não existem verdades absolutas, puras e métodos infalíveis para acessá-la. Assim é necessário compreender que,

(...) reproduzir os usos propostos pelos modelos leva, quase todas às vezes, a resultados muito similares e sem valor científico autêntico. Nessa via, a pesquisa passa a ser uma linha de montagem e de produção em série que invalida seu caráter de indagação, especulação, exploração e criação. (ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, p 119)

Assim, para investigar dentro deste novo paradigma da ciência, diferente daqueles que se consolidaram com base nas regularidades, ordenamentos, regramentos e universidades, é preciso compreender que ele “exige outros olhares, outros processos, novas trilhas, outras práticas de investigação” (ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, p. 204).

E foram os caminhos percorridos entre as questões teóricas e as pesquisas exploratórias do meu objeto de estudo que apontaram para a perspectiva da cartografia como método e o rizoma como o caminho para organizar os procedimentos metodológicos e assim buscar respostas para as indagações que esta pesquisa se desafiou a responder.

A cartografia que vem sendo usada em áreas como a educação e a psicanálise, e cujos autores foram estudados, recebe neste trabalho um olhar a partir da Comunicação, se configurando assim numa cartografia particular que busca respeitar o que é essencial ao método, mas não quer ser uma aplicação automática.

A cartografia começou a se configurar como uma possibilidade metodológica deste trabalho porque

(...) busca desconstruir os *discursos de verdade* estabelecidos, tencionando linhas de força, capturando o novo, buscando a alteridade e o que é negado ou está escondido. Desta forma, ela desacomoda a pesquisa que determina os objetos, modela os métodos e direciona os sujeitos. (ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, p. 207)

Assim a cartografia pede um olhar de suspeita tanto sobre os discursos de verdade da mídia hegemônica quanto sobre os discursos de verdade do próprio jornal **Desperta Mulher**, permitindo mais uma vez uma vigilância quanto a possíveis juízos de valor ou posturas maniqueístas na comparação entre um e outro.

Ao se propor a elaborar mapas dos percursos da investigação a cartografia acolhe também em seu processo os movimentos subjetivos do (da) investigador(a): seus avanços, seus vacilos e seus quereres, tudo é reconhecido e válido como parte deste processo. No próximo item deste capítulo estão detalhadas as possibilidades e o alcance da cartografia na sua relação direta com o material empírico e o objetivo desta pesquisa.

E, finalmente, vale descrever alguns pontos de convergência entre a cartografia e o objeto de análise desta investigação, ou seja, o jornal **Desperta Mulher**.

O MMC/RS, na declaração dos princípios, bases que direcionam a ação, a organização e os objetivos do Movimento, se autodenomina “feminino e **feminista**, composto por mulheres comprometidas com a transformação nas relações sociais de gênero e classe, buscando a integralidade do ser humano” (MMC/RS, Cartilha, 2006). Estas mulheres camponesas articulam seu fazer diário entre a vontade e a necessidade - aspectos lógicos de sobrevivência e dos negócios - a uma prática política de reflexão e engajamento em ações e discussões sobre o seu lugar social. Na vida delas estes dois aspectos, lógica e subjetividade, são constantemente negociados e assim estão integrados ao cotidiano e é esta integração (entre lógica e subjetividade) que a pesquisa quer trazer também para o relato dos trabalhos que ela desencadeou. Rosário ao descrever a cartografia já afirma que “é justamente a vida em movimento que traz ao conhecimento dinamicidade e heterogeneidade, impingido diversidades, conflitos e olhares múltiplos sobre as verdades” (ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, p. 202).

É este movimento que a cartografia privilegia e por isso pode criar um ambiente de investigação fértil para discutir estas relações de gênero. Este princípio do Movimento, que está também expresso nas ações de comunicação que se materializam no jornal, se articula na luta histórica das mulheres para se tornarem socialmente equivalente aos homens. Nas palavras de Rosário (2008) encontro possibilidades de diálogo entre a cartografia e as idéias defendidas pelas lutas das mulheres:

O universo puro da mais pura ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólio, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas *invariantes* revestem formas específicas. (ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, 204)

Estas relações de forças e monopólios podem ser, entre outras, aquelas contra as quais inúmeras estudiosas (lista de mulheres) no mundo inteiro têm lutado. Forças e interesses que ao longo dos tempos deixaram as ações e atividades das mulheres fora dos cenários de protagonismo social e fora da construção do saber reconhecido academicamente.

Seguindo com Rosário compreendo “o fato de a ciência ter-se pautado por regularidades, ordenamentos, regramentos e universalidades levou a que fossem ignoradas minorias, diferenças, multiplicidades em prol de certezas e verdades.” (ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, p. 205). Também foram algumas certezas e verdades, ancoradas em fatos biológicos, que sustentaram na política, nas academias e no cotidiano a dominação dos homens sobre as mulheres.

Assim, para orientar uma pesquisa que pretende ser crítica sobre estas ações de dominação, enfatizando também criticamente as ações empreendidas por mulheres na comunicação, é relevante e coerente buscar uma metodologia que dê conta da complexidade das relações que este objeto comporta: mulheres discursivamente feministas que se esforçam para levar este entendimento para sua ação política, da qual uma das expressões é o jornal **Desperta Mulher**.

2.1 Entre a cartografia e a cartógrafa

Autores(as) da comunicação e de outras áreas têm se dedicado a investigar e a refletir sobre a cartografia estabelecendo os marcos da pesquisa feita a partir desta perspectiva. Apresento a seguir alguns daqueles cujas reflexões embasam minha pesquisa, iniciando por explicar o que é cartografia.

(...) a cartografia pode ser entendida como um procedimento, como um método ou como uma metodologia, a depender do âmbito que ela ocupa na pesquisa e das intenções do pesquisador com o seu uso. Optar por ela pressupõe, antes de tudo, o desejo de realizar a investigação científica por um prisma diferenciado do sistema clássico-tradicional; implica assumir a presença da subjetividade na investigação sem ignorar a cientificidade (ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, p. 211)

Assim, a cartografia consiste num trilhar metodológico com o objetivo de elaborar um mapa (nunca acabado) a partir da observação atenta e das percepções, (e) ao mesmo tempo tão

únicas e particulares, do(da) pesquisador(a). Rosário (2008) descreve alguns aspectos implicados neste trilhar.

O primeiro passo é adentrar nas tramas do objeto. Todavia, as entradas e as saídas são múltiplas, isto é, da mesma forma que se pode entrar numa cidade por diversas ruas, pode-se igualmente dar início à cartografia a partir de vários pontos ou caminhos. É preciso escolher. E essa opção vai depender exclusivamente do cartógrafo. (ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, pg. 2006).

Aqui, o caminho escolhido para acessar estas tramas é o da compreensão dos contextos onde está inserido o objeto. Assim, além dos aportes teóricos, importa o contexto do Movimento de Mulheres Camponesas - MMC/RS e o próprio contexto do jornal **Desperta Mulher**.

O primeiro movimento de compreensão volta-se para os aportes teóricos que embasarão as reflexões sob os aspectos da Comunicação e das reflexões feministas e dos Estudos de Gênero. Através da leitura específica de cada uma das áreas pretendo elaborar mapas teóricos sobre a Comunicação e as Teorias Feministas e dos Estudos de Gênero capazes de dialogar com meu objeto e sua problematização fornecendo bases para a compreensão de seu funcionamento.

O segundo movimento busca compreender o entorno sócio-histórico-político do Movimento de Mulheres Camponesas do RS para entender sua trajetória, como está organizado e seus objetivos enquanto organização social. Este movimento se propõe a construir um mapa dos elementos essenciais deste movimento social para compreendê-lo como contexto institucional que garante a existência do jornal **Desperta Mulher**.

E, finalmente, o terceiro movimento volta-se para o contexto do jornal, para adentrar nas suas condições de produção, na sua apresentação e nos seus textos.

E como a cartografia valoriza os percursos, neste caso aqueles que descrevem os movimentos de compreensão dos contextos, a autora (ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008) chama atenção para mais um aspecto: o de registro destes movimentos, ou seja, é preciso verificar amplitudes, reconhecer tensões, extensões, fluxos, proporções, desvios e ainda considerar elementos minoritários. Assim, de cada um destes movimentos de compreensão devidamente registrado deverá resultar um mapa norteador composto de elementos que dialogam com o objeto de pesquisa visando, ainda que temporariamente, esclarecê-lo.

Outros elementos importantes da cartografia apontados nas reflexões de Rosário (2008) são as dificuldades e desafios deste trilhar metodológico proposto pela cartografia. Entre eles estão a ausência de um modelo a ser seguido e aplicado e a ausência de roteiros pré-estabelecidos ou fixos e com isso a exigência de uma prática inventiva que não perca de vista a cientificidade e que contemple as especificidades do objeto.

Quem aponta caminhos para o enfrentamento destas dificuldades e desafios é Suely Rolnik (2006), autora dedicada a estudar as possibilidades da cartografia na psicanálise, descrevendo quatro elementos essenciais para o fazer cartográfico: o critério, o princípio, o roteiro e a regra. Os três primeiros elementos serão apresentados a seguir, já o quarto, a regra, será descrita no final deste capítulo.

A autora inicia a explicação pelo **critério**. Ele é o

responsável por organizar as escolhas, as direções, mas deve ser aberto a recomposição, elaborados a partir de marcadores, sem excluir afecções e sensibilidades, é importante torná-lo explícito relatando as linhas de fuga. (ROLNIK, apud ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, pg. 208)

Para esta pesquisa o **critério** que organiza as escolhas é o ponto de vista teórico da Comunicação, dos estudos Feministas e de Gênero enquanto campos de produção científica que oferecem instrumentos de compreensão das práticas sociais.

A partir desse critério, o da Comunicação, se estabelecem os marcadores de observação do jornal **Desperta Mulher** e sua relação com o MMC/RS. Estes marcadores estão definidos a partir da produção deste campo teórico e se relacionam diretamente com o objeto de pesquisa: Comunicação Popular, Alternativa, Feminista e Engajada são algumas das noções desenvolvidas na Comunicação por vários estudiosos (as) a partir de investigações sobre as práticas de comunicação de inúmeros grupos sociais. Várias características do jornal indicam sua filiação aos parâmetros descritos por estes (as) autores (as) como ficará claro no Capítulo II.

Já os estudos Feministas e de Gênero permitem observar o jornal e suas relações com o Movimento buscando traçar as fronteiras de suas possibilidades como um instrumento de enfrentamento de sistemas de discriminação e posturas machistas tal como descreve a missão das camponesas do MMC/RS.

O próximo elemento citado por Rolnik (2006) é o que se refere diretamente à relação do (da) pesquisador (a) com suas pesquisas: trata-se do **princípio**.

Este “contém preceitos que marcam a conduta do cartógrafo; deve estar ligado a uma razão revitalizante, à expansão da vida. No campo da comunicação: envolvem causas e metas que envolvem as pesquisas da área.” (ROLNIK, apud ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008.)

O princípio desta pesquisa é a sua dimensão social, a valorização das práticas de comunicação que emergem dos movimentos sociais organizados. O MMC/RS acumula uma história importante de lutas e reivindicações que contribuiu para a consolidação da luta das mulheres por igualdade social. É fundamental assegurar a memória destes processos e uma das

maneiras de fazê-lo pode ser acompanhando suas práticas comunicacionais. Refletir sobre estas práticas – com o amparo rigoroso do método científico - pode oferecer elementos para um proveitoso diálogo entre academia, instância formadora de aportes conceituais e paradigmas profissionais e os movimentos sociais, instâncias mais próximas do dia-a-dia das comunidades, fazendo com que ambas as esferas, que olham de lugares diferentes uma mesma sociedade, resignifiquem suas práticas.

Outro elemento apontado por Rolnik (2006) é o **roteiro**. Ele

expressa as preocupações e inquietações, ou seja, a problematização num processo de construção e desconstrução – territorializando e desterritorializando. *Escrip*t que vai ajudar na arquitetura do caminhar do cartógrafo: orientar direções, indicar momento e lugar de entrar e saída. (ROLNIK apud ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, p. 2009)

Este roteiro que se construiu a partir das tramas que se estabeleceram entre os três eixos de problematização e seu suporte metodológico. Os eixos são: **a)** como o jornal participa da construção de um ideal de mulher camponesa?; **b)** a partir de que conteúdos o jornal se articula ao projeto político do MMC/RS de combater toda discriminação de gênero e posturas machistas? e **c)** como estão organizados os conteúdos ligados à presença das camponesas nos espaços público e privado?

O roteiro se desdobra no objetivo geral da pesquisa que é compreender qual o potencial do jornal para concretização de **um projeto de mulher camponesa** que será perseguido através: **a)** da identificação das motivações do MMC/RS para produzir e manter o jornal **Desperta Mulher**; **b)** do conhecimento dos conteúdos que são tratados no jornal e sua forma de abordagem; **c)** da identificação do modo com o Movimento apresenta suas militantes no espaço público e no mundo privado e d) da identificação do lugar que o jornal ocupa nas relações institucionais (do) com(o) o MMC/RS.

Estes elementos, que explicitam os diversos lugares de onde parte a pesquisa, representam o esforço para garantir a qualidade dos resultados da pesquisa, pois se a cartografia se insere num novo paradigma científico que desestabiliza as determinações e os modelos, ela também oferece os recursos para o reconhecimento e a validação dos esforços do (da) pesquisador (a) no campo da ciência.

Antes de seguir com as considerações relativas ao envolvimento do (da) pesquisador (a)-cartógrafo (a) nesta perspectiva metodológica, vale a pena refletir junto com Rosário (2008) sobre a importância das noções de tempo e espaço na cartografia. É no contexto destas duas noções que a investigação acontece, ou seja, se organiza de modo a poder ser compartilhada.

Para a autora o **espaço**

é onde o mapa se dá a ver, configura-se pelo registro das reflexões sobre o objeto, materialização do trajeto traçado, feito pelo pesquisador, ambientes, paisagens e territórios, linhas e marcas territorializadas pela mão do pesquisador (ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, p 209),

Ou seja, é o espaço deste mesmo relato de pesquisa que ao mesmo tempo em que registra os resultados de um processo de investigação também se desafia a contar os caminhos percorridos até estes resultados. Ele precisa ser organizado no tempo e este é um **tempo cronológico**, por isso quantitativo, linear e mensurável que marca os momentos em que como pesquisadora me detive em organizar as experiências de investigação. Já aquilo que é relatado como resultado da pesquisa foi gestado em outro tempo, no tempo da **duração**.

A duração é tempo “qualitativo, é próprio de cada elemento, de cada objeto, do pesquisador e da caminhada, é o tempo da afecção, da mudança, da mobilidade” (BERGSON, 2006, p 8-9). Esta duração está refletida sobretudo nas escolhas já descritas, revelando como se construíram os ambientes e contextos de pesquisa.

E é entre o espaço e os tempos que o cartógrafo se move como um sujeito comprometido em compartilhar seu percurso para melhor dar a ver os resultados da pesquisa. Este compromisso está nas bases da cartografia:

a cartografia compromete o sujeito com a busca da diferença, ou seja, com a procura de elementos, estratégias, argumentos, linhas de raciocínio que estão pulsando no objeto e que ainda não foram trazidos à tona; aceita as limitações da pesquisa e do pesquisador, sendo que esse consente a existência de outros pontos de vista além do seu. . (ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, p 211)

Assim o faz Fischer (2008) ao referir-se ao cartógrafo como aquele que constrói um mapa do que observa “considerando forças, movimentos, aberturas, articulações e linhas de fuga verificadas no terreno” (p.222) e que é consciente que este mapa reflete um determinado momento do objeto e sob uma determinada ótica.

Para a autora a pesquisa nesse

território implica adoção de pontos de vista, movimentos hermenêuticos, opções e escolhas que se dão a partir do próprio corpo do pesquisador, e que, portanto, implica sua radical inserção da pesquisa. (FISCHER, In: MALDONADO *et al*, 2008, p. 224).

Desta forma os mapas resultantes desta cartografia revelarão o encontro entre os movimentos do (da) pesquisador (a) com os movimentos de seus contextos de pesquisa instaurados nas relações com seu objeto. (FONSECA e KIRST, 2003).

Também Rosário (2008) se debruçou sobre as relações entre a cartografia e o cartógrafo para dizer que este último compartilha experiência, descreve, analisa, circula seu olhar, busca o debate e a ponderação das intensidades, das tensões, dos devires, das hegemonias, do objeto e da própria pesquisa e esclarece que não é simples a sua tarefa, pois só com registros e organização este poderá compartilhar seus conhecimentos com as comunidades interessadas nos temas sobre os quais ele se dedicou.

A autora acrescenta ainda mais um desafio ao cartógrafo, o de “desvencilhar-se dos velhos hábitos”, ou seja, ir além da busca pelo certo, pelo irrefutável, do certo e errado (ROSÁRIO, 2008).

Estas mesmas preocupações ocupam Mairesse (In: FONSECA e KIRST, 2003) quando afirma caber ao cartógrafo deixar-se afetar por aquilo que percebe e que lhe é sensível e isto significa imersão no objeto, nas linguagens, nos afetos e nas tramas (p 216). O resultado desta imersão será o mapa, desenho dinâmico que o cartógrafo vai traçar e em cujos percursos, sujeitos às falhas e desvios, também estão a possibilidade do encontro com o intenso e com o belo.

Mas, como já apontado pelos estudiosos da área, os caminhos da cartografia estão para serem construídos com os processos de busca empreendidos pelo cartógrafo. Entre os autores que já percorreram caminhos nesta perspectivas estão Gilles Deleuze e Félix Guatarri que propõem o rizoma como alternativa possível. Sempre recusando as receitas e os modelos, os autores refletem sobre a cartografia propondo uma construção rizomática dos mapas já anunciados.

Da leitura que Rosário faz destes dois autores, destaco as seguintes palavras da autora:

aparentemente não há coerência nesses sistemas, uma vez que nossa compreensão está acostumada a lógicas e duais: horizontal ou vertical, ascendente ou descendente, direita ou esquerda, corpo ou mente, razão ou subjetividades. No rizoma a conjunção ‘ou’ é substituída pela conjunção ‘e’.
(ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, 213)

Esta perspectiva inclusiva representada pela conjunção “e” se apresenta potencialmente ligada ao contexto de realização desta pesquisa que tem como princípio a inclusão da preocupação social no fazer científico e cujo critério se ampara nas reflexões feministas. É justamente a dicotomia, representada pelo “ou”, uma das principais críticas dos estudos feministas que questionam a naturalização das relações e práticas sociais assentadas nos binômios:

homem/mulher, força/fraqueza, razão/emoção, racionalidade/sensibilidade, etc. (LOURO, 2004) Assim o caminho rizomático dialoga com os objetivos da pesquisa por não movimentar-se a partir de um centro, mas por voltar-se para o meio e o entre, suspeitando das hierarquias.

Para Rosário, o “rizoma é uma mescla de tramas que se combina, se mistura, se embaralha, se ajunta e se afasta.” (ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008, p 212), ou seja, não é fixo, servindo, portanto, para captar o movimento da vida das relações sociais na sua complexidade, pois é composto de “segmentaridades, diversidades, extratos, imprevistos, linhas de fuga, territorializações, desterritorializações, trajetos em várias direções que podem atravessar, se cruzar, se interligar, e se aglomerar”. (p. 212).

Como um caminho possível para a construção dos mapas o rizoma se apresenta não com a idéia da cópia dos contornos dos caminhos, mas como possibilidade de desenhar traços de fronteiras possíveis considerando que este desenho apreende um momento e representa a relação daquele cartógrafo com seu objeto. O mapa é válido, mas é transitório.

Deleuze e Guattari, na introdução da obra *Mil Platôs* (1995), se dedicam a esclarecer o funcionamento do rizoma descrevendo, por exemplo, suas características aproximativas em seus princípios de conexão e heterogeneidade considerando que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995 p. 15). Levando esta perspectiva para o trabalho de investigação significa dizer que tais características acompanham o processo de elaboração de uma pesquisa que não é linear, mas implicam em avanços e recuos, saltos e retornos aos pontos já observados. Assim, cada movimento leva consigo as impressões sensibilizadas pelos movimentos anteriores enriquecendo as múltiplas leituras.

É possível ainda relacionar estas características com o processo de seleção dos aportes teóricos necessários à compreensão do objeto. A partir de Deleuze e Guattari (1995) não há necessidade de retomar a história linear dos conceitos, pois em qualquer ponto dos aportes teóricos da pesquisa estão as marcas dos longos percursos empreendidos pelos pesquisadores e pesquisadoras da área. Isto significa buscar conceitos não em toda a bibliografia já acumulada, mas naqueles textos que articulam as discussões ligadas ao universo da minha pesquisa, ou seja, comunicação, teorias feministas e de gênero, e movimentos sociais.

Para os autores “um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais.” (Deleuze e Guattari, 1995 p. 16). Para a investigação isso representa a postura de seguir as conexões, de registrar “encontros marcantes” da trama do objeto de estudo, seus contextos de construção à complexidade dos

processos experimentados pelo (pela) pesquisador (a) desde aqueles que o (a) trouxeram até o universo acadêmico, até o diretamente ligado à pesquisa em si.

Deleuze e Guattari (1995) descrevem ainda o princípio da multiplicidade do rizoma, esclarecendo sobre a

inexistência, pois, de unidade que sirva de pivô ou que se divida no sujeito. Inexistência de unidade ainda que fosse para abortar no objeto e “voltar” para o sujeito. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinações crescem então com a multiplicidade). (DELEUZE e GUATTARI, 1995 p. 16)

Assim, o rizoma se sustenta na sua composição em linhas e dos movimentos destas e que por sua vez são elementos importantes na articulação da cartografia e na captação da topografia dos territórios (DELEUZE e GUATTARI, 1995). Esta topografia pode ser captada na organização das linhas, descritas pelos autores como: duras, abstratas, flexíveis e de fuga.

As linhas duras atuam por dualidade, são horizontais e verticais e representam as relações de hierarquia. As abstratas são os fluxos e forças que atuam sobre o território e configuram o mapa. As linhas flexíveis são as que realizam pequenas transformações nas suas movimentações e as de fuga são as que têm conexões imprevisíveis e operam sobre o desejo e a criação (ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008).

Então,

todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há rupturas no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Essas linhas não param de se remeter umas às outras. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p 18)

No contexto desta pesquisa é o jornal **Desperta Mulher** que se configura como um território onde se pode observar a atuação dessas linhas sobre as quais falam Deleuze e Guattari (1995) e, assim, na visão destes autores o jornal é o platô deste estudo. Para os autores

Um platô está sempre no meio, nem no início nem no fim. Um rizoma é feito de platôs. Gregory Bateson serve-se da palavra “platô” para designar algo muito especial: uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, pg. 33).

A partir desse entendimento o jornal **Desperta Mulher** passa a funcionar como o espaço estável, o espaço que está entre o Movimento de Mulheres que é seu ponto de partida e os

movimentos de compreensão do mesmo elaborados por mim e apoiados nos aportes teóricos já descritos. Ele pode ser compreendido como esta estabilidade intensiva sobre a qual meu olhar de pesquisadora se detém, experimenta e acolhe as significações.

Assim, a partir das linhas rizomáticas descritas por Deleuze e Guatarri, parti para a experimentação de todos os textos do jornal **Desperta Mulher** que compõem o corpus da pesquisa. Nesta experiência devo descrever pelo menos duas ações: uma leitura ininterrupta de todos os exemplares do jornal e em seguida um “folhear aleatório” em função do que mais me chamou atenção. Estas ações seguem a proposta de Fischer (2008) da pré-observação do objeto como “a idéia de uma observação disposta a se deixar afetar pelo objeto e com o cuidado de não congelar, não “matar” nele o movimento, seja de que forma se apresentem.” (pg.227).

Deste mergulho nas páginas do jornal regresso trazendo elementos para propor uma compreensão rizomática dos seus textos. Desta leitura analítico-rizomática dos jornais resultará um mapa dos textos do jornal **Desperta Mulher**.

Este último mapa, uma vez sobreposto aos outros mapas produzidos no estudo dos contextos teóricos (Comunicação, Teorias Feministas e Estudos Gênero) e no contexto do Movimento de Mulheres Camponesas - MMC/RS, deverá revelar a configuração das relações entre o jornal e o MMC/RS.

2.2 Linhas rizomáticas para leitura do jornal

Seguindo as pistas dadas por Deleuze e Guattari (1995) na descrição das linhas e após a leitura dos jornais, proponho a identificação do modo como se organizam os textos do jornal **Desperta Mulher** e como eles se relacionam com seu contexto e as teorias através de quatro linhas rizomáticas que têm correspondências com as linhas propostas por estes dois autores.

A primeira é a **linha base** relacionada às linhas duras que atuam por dualidade, são horizontais e verticais e representam as relações de hierarquia. O uso da palavra “base” faz referência à idéia de sustentação e também é o nome dado pelo movimento aos grupos que compõe o Movimento (grupos de base) e desta forma quer também destacar a centralidade para esta pesquisa das diversas relações que o jornal estabelece com seu contexto.

A linha base na análise do jornal identificará os aspectos que revelam as expressões do MMC/RS representadas neste meio de comunicação. Ela deixa entrever a reprodução de práticas hierárquicas e autoritárias tanto em suas relações institucionais quanto na relação com as mulheres camponesas.

Em seguida proponho a **linha superfície**. Esta diz respeito às linhas abstratas que são os fluxos e forças que atuam sobre o território e configuram o mapa. A escolha da palavra “superfície” se deve à sua etimologia que, além de significar exterioridade, aparência, também carrega o sentido de “um espaço para construção”. É esta idéia de construção que interessa aqui para compreender a comunicação como o elemento que, através do jornal, registra os caminhos, recuos e avanços do MMC-RS como instituição e em diálogo com as militantes.

A terceira linha, relacionada às linhas flexíveis, às que realizam pequenas transformações nas suas movimentações, é a **linha lilás**. O nome desta linha faz referência aberta à cor símbolo da luta feminista. Esta linha deverá registrar os movimentos de rompimento com as lógicas de opressão às mulheres, as transformações em suas vidas e na vida do MMC e assim organizar os textos que possam representar uma memória das conquistas das lutas das camponesas no RS.

E finalmente a **linha semente**. Esta linha relaciona-se com as linhas de fuga, as que têm conexões imprevisíveis e operam sobre o desejo e a criação. A palavra semente, também um substantivo feminino, interessa neste contexto por uma de suas derivações de sentido. Semente é tudo que se lança à terra para germinar, é aquilo que com o tempo há de produzir certos efeitos.

Aqui interessa o sentido da semente como algo que guarda em si o potencial do novo, de algo que pode vir a se concretizar ou não, mas que permanece na ordem do possível. Na análise do jornal *Desperta Mulher* a linha-semente vai observar aqueles movimentos que escaparam à vigilância de um movimento de militância de esquerda, caracterizado pela lógica do coletivo, do sacrifício pela revolução e que podem traçar outros percursos, mais livres e criativos, e talvez acionar outros valores que não estão controlados desde o documento acordado.

Na análise do jornal **Desperta Mulher** a linha semente vai observar aqueles movimentos que escaparam à vigilância do Movimento, que por sua militância de esquerda que se caracteriza pela lógica do coletivo e do sacrifício pela revolução, e traçaram percursos mais livres e criativos

Uma vez elaboradas as linhas para a análise dos jornais é hora de retomar os elementos essenciais da cartografia descritos por Suely Rolnik (2006): o **critério**, o **princípio**, o **roteiro** e a **regra**. Como os três primeiros elementos já foram apresentados é hora de refletir sobre a **regra** que deve nortear esta pesquisa.

A autora alerta que esta regra não deve ser “configurada por um viés de medidas, padrões e modelos, mas que nasce da sensibilidade; se constrói na conexão com o objeto, o pesquisador, o princípio e na proposta da investigação; ajuda a traçar estratégias, dá elasticidade ao critério e ao princípio.” (ROLNIK apud, ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, p. 209) Esta regra, que se articula ao princípio e ao critério, o faz sob a orientação da prudência, que significa

estar “atento aos limites que se dão a ver, às fronteiras que se mostram no campo e nas relações com sujeitos e objetos.” (ROLNIK, ROSARIO, In: MALDONADO *et al*, 2008)

Considerando as características desta pesquisa, a regra aqui diz respeito aos **modos de sistematização** resultantes dos processos de aprendizado e experimentação dos diferentes temas, conceitos e noções implicadas nesta pesquisa. A partir desta sistematização se configuram os mapas que compõem a cartografia. Os mapas previstos são: o mapa do Movimento de Mulheres Camponesas-RS; o da Comunicação e dos Estudos Feministas e de Gênero e o mapa do jornal. E finalmente haverá a sistematização de todos os mapas para a elaboração da cartografia final da pesquisa.

O mapa do MMC-RS resultará da leitura dos materiais institucionais a que esta pesquisa teve acesso e as informações serão sistematizadas de modo a permitir uma visão histórica da sua existência no sentido de preservar a memória da luta das mulheres camponesas. Nesta perspectiva datas e acontecimentos serão importantes.

Os mapas teóricos da Comunicação (Popular, Alternativa, Feminista e Engajada) e dos Estudos de Gênero resultarão da sistematização dos conceitos em marcadores para tornar(em) mais claro os territórios por onde transitam o Movimento de Mulheres e o jornal **Desperta Mulher**, a fim de reconhecer as fronteiras da Comunicação que ali existem e seu alcance em termos de atuação na perspectiva feminista.

O mapa do jornal **Desperta Mulher** será o resultado da sua leitura sistematizada através das linhas rizomáticas (base, superfície, lilás e semente). Os textos do jornal serão agrupados nas linhas a que correspondem.

Na sistematização final vai ocorrer o encontro de todos os mapas, mas não para a elaboração de um único e definitivo mapa das relações entre o MMC/RS e o jornal Desperta Mulher invalidando os múltiplos mapas compostos. Esta última sistematização deverá sobrepor os vários mapas e traçar um novo que só terá sentido porque comporta os traçados anteriores e passa a ser superfície - espaço de construção – para a inauguração de novos percursos.

3 Mapa do Movimento de Mulheres Camponesas - MMC/RS

O objetivo deste capítulo é apresentar o Movimento de Mulheres Camponesas⁷ do Rio Grande do Sul para compreendê-lo como contexto institucional que garante a existência do jornal **Desperta Mulher**. Dou mais alguns passos para adentrar na trama dos elementos que compõem o meu objeto de pesquisa. E, como entre tantas possíveis entradas para acessar esta trama é preciso escolher, começo sua apresentação a partir de uma linha de raciocínio teórico situando o MMC/RS dentro desta perspectiva para depois ir incorporando diferentes aspectos e materiais do Movimento, registrando aos poucos traços constitutivos de sua história, para chegar então ao material mais relevante para esta pesquisa, ou seja, o jornal *Desperta Mulher*. A última parte do capítulo é dedicada exclusivamente a questões que envolvem diretamente a produção do jornal. Para situar o MMC/RS no contexto dos estudos sobre movimentos sociais recorro ao enfoque proposto pelo pesquisador espanhol Manoel Castells (2002).

Castells (2002) em seu estudo buscou identificar traços que caracterizam os grupos organizados como movimentos sociais. Para este autor eles devem ser entendidos a partir de seus próprios termos: “eles são o que dizem ser”. Suas práticas, sobretudo as discursivas, são sua auto-definição (p. 94). Assim, este movimento para compor o mapa como MMC se esforçará para acolher os elementos tal como emergem de seus documentos e de suas falas para, a partir deles, conhecer o terreno que está sendo mapeado. A observância desta perspectiva ajuda a

⁷ O termo camponesa aparece em todos dos documentos do MMC e seu uso é uma opção política do Movimento, mas não é consenso entre os estudiosos e estudiosas do universo rural. Pesquisadoras Anita Brumer, um dos mais importantes nomes da Sociologia Rural no Brasil⁷, e Maria Ignes Paulilo que têm observado o ambiente rural a partir da situação das mulheres, aportando importantes informações sobre as mulheres e o acesso a terra, quanto aos processos migratórios e deslocamentos campo-cidade e quanto a seus processos de organização, utilizam o termo **mulheres agricultoras**. Neste relato, seguindo a indicação apontada no próprio nome do Movimento, adotarei a palavra **camponesas** para me referir as mulheres que participam do MMC/RS. Seu uso dentro do MMC é resultado de um processo de discussões internas, amparadas nos estudos de Horácio Martins de Carvalho (2002) sobre o conceito de campesinato.

CARVALHO, Horácio Martins. A Emancipação do movimento de emancipação social continuada (resposta a Zander Navarro) In: Santos Boaventura de Souza (org). **Produzir para viver – os caminhos da produção não capitalista**. Coleção Reinventar a Emancipação Social: para novo manifestos. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2002.

vigilância na atitude de pesquisar controlando os juízos de valor que se possa fazer sobre as práticas deste grupo.

Como sustenta o pesquisador espanhol,

(...) não existe uma direção predeterminada na evolução social, e o único sentido da história é a história que nos faz sentido. Portanto, do ponto de vista analítico movimentos sociais não são “bons” ou “maus”. Todos eles são sintomas de nossa sociedade, e todos causam impactos nas estruturas sociais, em diferentes graus de intensidade e resultados distintos que devem ser determinados por meio de pesquisas. (CASTELLS, 2002, p 95).

Nos termos de Castells (2002), a partir da tipologia clássica de Touraine (Touraine, In: Castells, 2002), um movimento social se caracteriza por três princípios: identidade, adversário e meta societal. Por identidade o autor compreende a auto-definição do movimento e em nome de quem ele se pronuncia. O adversário é o principal inimigo do movimento (como declarado pelo próprio movimento) e a meta societal é a visão sobre o tipo de ordem ou organização social que almeja no horizonte histórico de suas ações (pgs. 95 e 96).

Estes três princípios podem ser encontrados em diversos materiais do MMC e no jornal **Desperta Mulher** editado pelo MMC/RS.

No *site* do MMC/Brasil está a auto-definição: **mulheres camponesas** e a descrição de quem é compreendido nesta definição:

Somos mulheres camponesas: agricultoras, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, bóias-frias, diaristas, parceiras, extrativistas, quebradeiras de coco, pescadoras artesanais, sem terra, assentadas... Mulheres índias, negras, descendentes de europeus. Somos a soma da diversidade do nosso país. Pertencemos à classe trabalhadora, lutamos pela causa feminista e pela transformação da sociedade. (MMC, 2010, *on line*)

Nas leituras do jornal **Desperta Mulher**, o adversário, o principal inimigo do movimento fica claro: o sistema capitalista materializado em seus diversos desdobramentos como, por exemplo, nas ações dos governos de direita, na grande mídia, etc...

Olhando num sentido mais amplo, as festas de junho são sinais de resistência à massificação imposta pelos meios de comunicação. É uma forma de não nos ajoelharmos completamente ao sistema capitalista (...) (DESPERTA MULHER, Ano XII, no. 59 mai/jun 2004)

A eleição de Lula renovou a esperança dos militantes. Lula foi eleito pelas forças populares, mas, sobretudo, pelo pacto e alianças que foi obrigado a fazer. Caso contrário, a direita brasileira e a Globo não teria permitido sua vitória. (DESPERTA MULHER, Ano XII, no. 61 set/out 2004)

As grandes empresas internacionais precisam da ALCA para fazer negócios em nosso país, se aproveitando de nossas riquezas e aumentando seus lucros e o controle sobre o Brasil. (DESPERTA MULHER, Ano XII, no. 62 nov/dez 2004)

Como estamos vendo, o governo bonzinho, de cara bonitinha⁸ que veio trazer a paz para do Rio Grande do Sul é bonzinho somente para uns poucos e mau para os gaúchos e gaúchas que produzem, trabalham e vivem neste estado. (DESPERTA MULHER, Ano XIII, no. 63 jan/fev 2005)

A meta societal do MMC/RS está explícita no tipo de sociedade que suas ações almejam:

Continuamos lutando por saúde de qualidade, pela construção de novas relações sociais e de gênero, por políticas públicas que atendam aos interesses das camponesas e camponeses e pelo fim de todas as formas de violência e opressão. (MMC/RS, 2010, *on line*)

Assim, na perspectiva do autor citado, o Movimento de Mulheres Camponesas do RS é um movimento social organizado, onde as mulheres figuram como agentes políticos que concebem sua atuação, sua luta como transformadora da realidade social. O ideal que orienta seus projetos de transformação é a perspectiva marxista que dá ênfase às estruturas e às práticas sociais na luta de classes e no processo histórico da experiência (BERGER, 1998.) O MMC/RS explicita sua filiação à esta perspectiva ao se definir como “socialista”, palavra que expressa a leitura social do aporte teórico elaborado por Karl Marx.

3.1 MMC/RS, o começo

Dando continuidade a este movimento cartográfico-apresentador do MMC/RS, faço algumas considerações a cerca do cenário político-econômico do surgimento do Movimento como uma forma de compreender os elementos que fundam seus argumentos e suas estratégias.

Nos anos 80, nos ensaios de redemocratização do Brasil, a agricultura passava por uma crise caracterizada pelos altos juros dos financiamentos agrícolas gerando o endividamento das famílias e, em alguns casos, fazendo com que estas perdessem suas terras para os Bancos pelo não pagamento dos contratos de financiamento. Neste cenário, muitas reações surgiram por parte dos agricultores no sentido de questionar, enfrentar e lutar pela implementação de políticas

⁸ Referência do Governo de Germano Rigotto.

públicas para o setor; políticas que contemplassem as necessidades da população rural. É deste contexto que surgem movimentos organizados como o Movimento dos Sem-Terra - MST, o Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA e o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais - MMTR, movimentos de projeção nacional e internacional que hoje são tomados como objetos de investigação em muitos estudos⁹.

O movimento de mulheres inicialmente se volta para questões como a luta pela previdência com nomenclaturas diferentes em cada Estado. No Rio Grande do Sul foi chamado de Organização da Mulher da Roça - OMR e, posteriormente, Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais - MMTR¹⁰.

É possível acompanhar a história do Movimento que está organizado a partir de grupos de mulheres em diferentes comunidades, denominados Grupos de Base, através de suas Assembléias. Estas são a instância máxima de deliberação, onde se definem as linhas de ação do Movimento. Elas são trienais e definem os nomes da coordenação estadual que, por sua vez, define os nomes da direção estadual. Em 1989 ocorreu a 1ª Assembléia Estadual com o tema “Mulher que luta organizada gera nova sociedade”. Nesta Assembléia foi oficializado o MMTR, definido o lema, os símbolos, a bandeira e eleita a primeira Direção Estadual. “Mulher, cidadania e valorização conquistaremos com luta e organização” foi o tema da 2ª Assembléia Estadual, em 1992, que discutiu aposentadoria, documentação, saúde e salário maternidade.

É no contexto desta segunda assembléia que o então MMTR produz um importante documento que registra os resultados da organização e formação das militantes.

Este documento, um texto com o título **Por que existimos como movimento autônomo**, é de maio de 1992. A direção estadual MMTR se preocupa em justificar sua organização como um movimento autônomo dos outros movimentos sociais que reivindicam questões relacionadas à terra e ao universo rural. Em quatro páginas estão expostas as razões,

⁹ Uma busca no Banco de Teses da Capes, apresenta mais de 200 trabalhos relacionados aos Movimentos Sociais Camponeses.

¹⁰“O MMTR-RS foi fundado em 1989, quando, no Rio Grande do Sul, três grupos regionais das Mulheres da Roça, ativas desde 1986, transformaram-se num movimento estadual e autônomo de agricultoras e para as agricultoras, com vistas à sua participação. A organização estava nas mãos de mulheres rurais e tinha como objetivo a sua emancipação. A estrutura baseava-se nos princípios da participação direta, da vida cotidiana e do pragmatismo das agricultoras rurais. Foi criada uma estrutura que o movimento chama de *democrática*. A inovação principal do movimento foi o estabelecimento da igualdade social e política na vida das agricultoras para que pudessem realizar a sua emancipação através da conscientização adquirida pelo convívio com o conjunto das outras mulheres. Com a aspiração de ser uma organização igualitária, antiautoritária e democrática, que aposta nas mudanças nos valores e estilos de vida, na vida política e social, no que se refere às pequenas agricultoras, o movimento apresenta grande semelhança com os surgidos no período da abertura política, os chamados "novos movimentos sociais". (VAN DER SCHAAF, 2003)

iniciando por contextualizar as condições que cercam a vida das mulheres em sociedade e na esfera privada.

Na visão das dirigentes a sociedade de classe se caracteriza pela exploração no trabalho. Neste contexto de exploração 50% da população são mulheres que vivem situações específicas de exploração: fornecem trabalho gratuito (doméstico), são mão-de-obra barata e desqualificada. Diferenças biológicas entre homens e mulheres foram consolidadas socialmente como discriminação servindo a conservação e concentração de poder e riqueza. O MMTR denuncia ainda situações de submissão feminina, a condição de “cuidadora” da família, mantenedora da ordem e da harmonia da casa que com seu trabalho e presença se faz lar. O documento discorre ainda sobre submissão sexual das mulheres que negam seu prazer em favor do homem. O MMTR identifica nas estruturas da Igreja, da escola, do Estado, das relações de trabalho e nas práticas da medicina a reprodução dos modos de ver a mulher na sociedade. Estruturas estas que ao reforçar a atribuição do homem no papel de chefe, naturalizam o lugar de submissão da mulher (MMTS/RS, 1992).

O texto esclarece que o MMTR se identifica com os movimentos populares, sobretudo com movimentos de mulheres, mas identifica também a necessidade de construir um movimento novo que tenha a mulher como tema central. Com esta decisão o Movimento entende que está

(...) cumprindo um papel que os outros movimentos não cumprem e no nosso entendimento, nesse momento, não conseguiriam cumprir. Quem é mais legítimo para defender os interesses dos trabalhadores do que eles mesmos? Quem é mais legítimo que as mulheres para defender seus interesses de mulher? (MMTR/RS, 1992, p. 4)

A partir de um movimento autônomo tendo como campo de atuação prioritário a mudança das relações sociais de gênero o Movimento se propõe a “rediscutir os papéis sexuais de homens e mulheres, as relações de exploração e dominação” (MMTR, 1992, p.4). As dirigentes reafirmam a importância da valorização do cotidiano das mulheres e sustentam que a democracia pressupõe a igualdade de direitos e respeito às diferenças. Esta perspectiva vai ser confirmada a cada assembléia através dos temas orientadores dos debates e das decisões ali tomadas.

Em 1995, na 3ª Assembléia Estadual, o movimento priorizou a atuação na busca da construção de novas relações de gênero. Tema: “Mulheres, parceiras da fertilidade, cultivando o chão, construindo igualdade”. Em 1998 os reflexos da política do Sistema Único de Saúde – SUS na vida das mulheres rurais é discutido na 4ª Assembléia Estadual, com o tema “Paixão e coragem na luta por saúde, justiça e igualdade”.

Na 5ª Assembléia Estadual, “Mulheres da roça semeando a nova nação”, em 2001, o movimento discutiu suas questões na perspectiva da articulação dos conceitos de classe e gênero e discutiu a proposta de um Projeto Popular para o Brasil. Em 2004 ocorreu o 1º Congresso de Unificação dos Movimentos de Mulheres do Campo. Resultado de um longo período de discussão e articulação com os Movimentos de mulheres do campo espalhados pelo país, este congresso aprova a unificação destes Movimentos fazendo surgir o Movimento de Mulheres Camponesas - MMC, de abrangência nacional. Já como um Movimento Nacional, a 6ª Assembléia Estadual, de 2005, com o tema “Mulheres camponesas, luta e resistência” o movimento discute feminismo e campesinato para a construção de um Projeto Popular de Agricultura.

A partir dessa a 6ª Assembléia Geral, o MMC/RS se posiciona claramente como um movimento de classe, da classe trabalhadora do meio rural e que atua numa perspectiva feminista. Também a missão do Movimento (resultado desta 6ª Assembléia) é a afirmação desta perspectiva e se propõe a combater toda situação identificada como discriminatória por causa do gênero e das posturas machistas.¹¹

No RS, o MMC é organizado nas comunidades através de grupos chamados “de Base”. Estes grupos formam Regionais que, em Assembléias, definem as linhas de trabalho em todas as instâncias do Movimento (base, regional e estadual). As Regionais estão distribuídas da seguinte forma: Cruz Alta, Celeiro, Litorânea, Missões I, Missões II, Alto da Serra, Pelotas, Palmeiras, Alto Uruguai, Santa Maria, Botucaraí.

3.3 O MMC/RS hoje

Conhecer o Movimento de Mulheres Camponesas do Rio Grande do Sul é mover-se por um território rico de possibilidades. São diversos os materiais que me foram ofertados, que mostram sua face mais atual e dizem de sua organização e dinâmica nos dias de hoje. A seguir relato um pouco do encontro com pessoas e documentos. Os documentos¹² foram fornecidos

¹¹ Os textos completos disponíveis em: www.mmcbrazil.com.br.

¹² **a)** artigo “mulheres rurais do Brasil construindo alternativas frente a OMC e a ALCA” (sem data); **b)** cartilha com as resoluções da 6ª. assembléia do MMC/RS realizada em Passo Fundo com o tema “Mulher Camponesa: luta e resistência!” (outubro de 2005); **c)** documento com a “linha política” do então MMTR (sem data); **d)** documento com o detalhamento da “organicidade e lutas do MMTR RS (sem data); **e)** documento com texto de manifestação pública sobre 8 de março (março de 2003); **f)** documento contendo texto referente a discriminação da mulher e aos objetivos e estratégias do MMTR (sem data); **g)** documento que justifica a existência de um movimento autônomo de mulheres no contexto dos outros movimentos sociais (maio de 1992); **h)** documento sobre a natureza e a missão do MMTR RS (sem data); **i)** documento sobre as “linhas gerais de ação do MMTR para 1998 (1997); **j)** documento sobre um “seminário sobre concepção de desenvolvimento rural”, contendo grade com sistematização

pela secretaria do MMC/RS segundo os seus critérios e diversos deles datam de período não coberto pela pesquisa, mas que considero relevantes para a compreensão do contexto onde é produzido o jornal **Desperta Mulher**.

Assim, buscando correspondência com a perspectiva rizomática que orienta esta pesquisa, onde a conjunção “ou” perde força diante do “e”, escolhi destacar e apresentar de forma mais detalhada materiais de diferentes naturezas e funções na vida do Movimento. O objetivo é somar as possibilidades de uma compreensão mais ampla e integral dos aspectos organizacionais do MMC/RS, indo um pouco além das visões oferecidas por documentos legais como estatutos e regimentos, por exemplo.

Um documento importante entre os que foram selecionados pelo Movimento é o texto contendo a “Proposta de documento tese do Movimento de Mulheres Camponesas – Brasil”, de março de 2004, que trata do processo de unificação nacional dos movimentos de mulheres. O texto resume o processo de articulação dos “movimentos de mulheres e das mulheres dos movimentos mistos” (2004, pg. 01) afirmando que este foi marcado por mobilizações, demarcações de datas simbólicas, lutas, formação política e elaboração de materiais de comunicação e divulgação.

A justificativa para a unificação nacional também aparece no documento e aponta entre outros a crença na capacidade das mulheres de fortalecer e ampliar os trabalhos de base; o acúmulo de experiência no enfrentamento das diversas opressões as quais as mulheres estão submetidas; a capacidade das mulheres de decidir e dirigir suas próprias ações; a necessidade de ampliar e fortalecer a história de lutas das mulheres trabalhadoras do Brasil e de consolidar a ótica feminista do Movimento (MMC, 2004, pgs. 3 e 4).

É este documento também que apresenta a definição e a delimitação da expressão **mulher camponesa**:

(...) mulher camponesa, é aquela que, de uma ou outra maneira, produz o alimento e garante a subsistência familiar. É a pequena agricultora, a pescadora artesanal, a quebradeira de coco, as extrativistas, arrumadeiras, meeiras, ribeirinha, posseiras, diaristas, parceiras, bóias-frias, sem terra e assentadas...A

das principais propostas do Movimentos Sociais Populares rurais do RS sobre o desenvolvimento rural (maio de 1997); **l**) documento tese da segunda assembléia (abril de 1992); **m**) informe interno sobre 8 de Março (março de 2003); **n**) Mulheres cantando sua história: livro de canto organizado pelo movimento contendo letras de canções de diversos autores. (abril de 2005); **o**) nota à imprensa sobre 8 de Março (março de 2003); **p**) proposta de regimento interno do MMTR (sem data); **q**) quadro completo com as informações sobre as assembléia do MMTR até a unificação com seu lema e principais decisões (sem data); **r**) relatório do processo de luta pela saúde da mulher e da família desenvolvida pelo MMTR (sem data); **s**) texto “apontamentos para reflexão sobre o trabalho de base do MMTR (julho de 1995); **t**) texto contendo a “proposta de documento base do MMC”, aqui diz quem são as camponesas (março de 2004); **u**) texto contendo síntese da trajetória do MMTR (sem data); **v**) texto que fundamenta a luta por atenção à saúde das mulheres camponesas (sem data e incompleto).

soma e a unificação destas experiências camponesas legítima e confirma no Brasil, no nome do Movimento de Mulheres Camponesas. (MMC, Documento tese, p.2)

Para essa mulher camponesa o Movimento, que se encaminha para a unificação, diz “A luta central do MMC é contra o modelo neoliberal e machista e pela construção do socialismo.” (MMC, Documento tese, 2004, pg.5) e apresenta as seguintes bandeiras de luta: projeto popular de agricultura agroecológica na perspectiva das mulheres; ampliação dos direitos sociais e projeto popular para o Brasil.

Outro material selecionado para compor este mapa é o livro **Mulheres cantando sua história** que reúne canções de diversos autores(as). As canções reunidas, além de falar diretamente das mulheres rurais, se referem também a questões da América Latina, de política e de ecologia.

Nas letras das canções escolhidas para compor este livro estão expressos desafios a que estas mulheres se colocam como vencer sentimentos de vergonha e se entender merecedora de melhores condições de vida. Alguns trechos explicitam seus sonhos e suas lutas de afirmação.

Somos mulheres com ousadia, com alegria e decisão. Lutamos juntos gerando vida com muito amor no coração. (ANTONIO GRINGO, A nova mulher, p.1)

Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando sem medo de ser mulher. (ZÉ PINTO, Sem medo de ser mulher, p.2)

A mulher explorada da roça e da cidade acredita sempre na sua força de união. Se organiza, reclamando seus direitos, perde a vergonha, luta com fé e decisão. (MMC-SC, Entrei na Luta, pg. 3)

Mulher agricultora, desperta, vem lutar, unida e consciente, iremos caminhar. Sabemos que o futuro está em nossas mãos. Mostramos nossa força e organização. (ANTONIO GRINGO, Mulher agricultora, p.6)

Eu quero ser, me deixa ser, o que eu mereço. Eu quero ser quem sou, eu tenho meu valor. Este não tem preço. (GIOVANIZA MAIA MARTINS, Apelo de mulher, p.8)

Com o objetivo de compreender o MMC/RS após a unificação como movimento nacional observei atentamente a **Cartilha de resoluções da 6ª. Assembléia**. Esta assembléia foi realizada em 2005 na cidade de Passo Fundo/RS com o tema “Mulher Camponesa: luta e resistência!” O texto de apresentação da cartilha diz:

Foi um momento marcante de vivência da nossa mística, de reflexão do nosso papel frente à realidade em que vivemos e de definições sobre nosso trabalho. Reafirmamos a opção pelo projeto popular de agricultura camponesa, na ótica feminista e revolucionária, baseada em novas relações de gênero e classe entre homens e mulheres e deles com a natureza. (MMC/RS, Cartilha, p.3)

Nesta cartilha o Movimento elabora suas discussões e reflexões que resultaram na aprovação de seus princípios e valores já propostos pelo documento tese de unificação apresentando noções e conceitos que norteia sua ação, sua organização e que fundamentam seus objetivos. Estes **princípios** dizem respeito ao MMC/RS como uma instituição. São eles:

- a) **autônomo:** quem decide os rumos são as mulheres organizadas de forma coletiva, sendo sujeitas centrais do movimento.
- b) **popular e classista:** é formado por mulheres camponesas que compõem a classe trabalhadora.
- c) **democrático:** as mulheres têm voz e vez, com participação ativa e direta, construindo o poder popular como um serviço.
- d) **massivo e de base:** formado por mulheres camponesas organizadas em grupos de base, buscando envolver as demais mulheres que ainda não estão engajadas na luta popular e camponesa.
- e) **feminino e feminista:** é composto por mulheres comprometidas com a transformação nas relações sociais de gênero e classe, buscando a integralidade do ser humano.
- f) **camponês:** é um modo de vida que se caracteriza pelo nosso jeito de ser e viver na roça, na relação com o trabalho, a produção e o consumo
- g) **novas relações de igualdade:** construir relações de igualdade entre mulheres e homens e destes com a natureza, fundamentado na vivência cotidiana de novas práticas.
- h) **de luta:** somente através da luta podemos transformar as injustiças e as relações humanas, garantindo direitos sociais e construindo uma nova sociedade.
- i) **socialista:** onde os seres humanos sejam autores da construção de uma sociedade digna e igualitária para todos e todas. (MMC/RS, Cartilha, p.8, 9,10)

Ainda nessa 6ª assembléia o Movimento propôs uma reflexão sobre a condição de militante das mulheres camponesas que integram o MMC/RS e aprovou os **valores** que se referem aos sentimentos e às convicções de ser militante, ou seja, se dirige à individualidade das mulheres. Estes valores são:

- a) **ética:** conduz o agir humano de forma individual e coletiva, estando ligada com a defesa, preservação e qualificação da vida em todas as suas formas e dimensões.
- b) **solidariedade:** é preciso ser solidária em todos os momentos e situações, respeitando as diferenças e contribuindo para que homens e mulheres sejam protagonistas da história.
- c) **opção, amor à causa:** a luta é uma opção séria e intransferível, onde os interesses pessoais estão à serviço do projeto e do coletivo com paixão e coragem

d) companheirismo: relação de confiança que estabelecemos com quem assume e defende o mesmo projeto.

e) comprometimento e engajamento: assumir verdadeiramente a luta das mulheres e da classe trabalhadora, integrando o trabalho concreto do movimento ao nosso dia-a-dia.

f) coerência e exemplo: ser resistente e persistente, vivendo em nosso cotidiano aquilo que acreditamos e dizemos, sem deixar de estar aberta às transformações.

g) criatividade e busca do saber: observação, reflexão, elaboração e leitura da história e da realidade, nos preparando e qualificando para luta.

h) responsabilidade e disciplina: assumir e desenvolver as tarefas, com organização, determinação e comprometimento, intervindo e dando nossa opinião.

i) honestidade: ser verdadeira, agindo de acordo com as decisões do coletivo, não deixando se cooptar ou corromper. (MMC/RS, Cartilha, p.8, 9,10)

Após esta apresentação do MMC/RS através de seus documentos, volto agora minha atenção para o jornal **Desperta Mulher** dentro deste contexto institucional.

3.4 O jornal **Desperta Mulher** através do MMC/RS

Como o jornal **Desperta Mulher** tem uma circulação restrita ao MMC/RS e seus círculos de relacionamento e não pode ser comprado em uma banca, é importante, além de contar como é feita sua elaboração, iniciar descrevendo-o em detalhes.

O jornal é dividido em 9 seções que se mantêm na maioria das edições. São elas: **Capa** e **Contracapa:** apresentam normalmente fotos e notícias de destaque da edição; **Editorial:** este texto se dirige às militantes expondo o ponto de vista do MMC/RS sobre temas considerados relevantes, convoca as mulheres à reflexão e a ação; **Charge:** com histórias de uma personagem chamada Rosa, que é camponesa, em situações que reproduzem o cotidiano das mulheres do meio rural. Rosa pode aparecer sozinha, dialogando com o(a) leitor(a) ou dialogando com outra personagem, geralmente outra camponesa; a **Conjuntura** é um espaço onde o Movimento traz informações do cenário político do Brasil e da América Latina, especialmente sob o aspecto das ações dos governos progressistas e do governo estadunidense. Na seção **Fala Mulher** em cada edição é apresentada a breve história de uma militante nas suas relações com o Movimento; a **Dica de Saúde** apresenta receitas de culinária, remédios que podem ser feitos em casa e dicas de cuidados com a saúde. Na seção denominada **Texto para Estudo** o Movimento apresenta temas que devem ser do conhecimento das camponesas, como por exemplo: a crise dos alimentos, gênero e feminismos, capitalismo, violência contra as mulheres, agricultura camponesa e

agronegócio, já a seção **Aniversários** registra a relação das aniversariantes do bimestre e a seção **Fique de Olho** apresenta a agenda de atividade do MMC/RS e dos movimentos afins.

O jornal é impresso em preto, branco e lilás, e apresenta textos e fotos.

Os esforços para compreender o funcionamento e a elaboração do jornal **Desperta Mulher** iniciaram com as leituras completas, o folhear aleatório dos exemplares e a organização de tabela para visualizar o conjunto de todas as manchetes (ANEXO A). Em seguida procurei entrevistar integrantes da direção do Movimento que quisessem falar sobre o jornal. Entrevistei pessoalmente 3 dirigentes e fiz uma entrevista por e-mail com uma jornalista suíça que atuou no Movimento durante quase 2 anos. As entrevistas pessoais foram marcadas e desmarcadas várias vezes revelando aspectos importantes do cotidiano das mulheres que coordenam o MMC/RS. São poucas pessoas envolvidas em uma série de compromissos que se deslocam constantemente entre Passo Fundo, onde fica a sede do Movimento, e diversas cidades do Brasil. E é dentro deste contexto de deslocamentos, sendo uma entre tantas atividades, que o jornal é pensado, elaborado e distribuído como fica claro na entrevista com uma destas lideranças, Mariane Martins, que era na época a responsável direta pela publicação do jornal. Aproveitando uma viagem a Porto Alegre, quando algumas lideranças do MMC/RS participaram de uma reunião, Mariane foi recebida em Novo Hamburgo em minha residência no dia 15 de novembro de 2008.

Inicialmente solicitei a Mariane que descrevesse o processo de elaboração do jornal considerando quem estava envolvido no trabalho. A militante, que integrava a direção Estadual do Movimento conta que o cronograma de elaboração do jornal previa que três integrantes da executiva da Direção do Movimento se reunissem para discutir a pauta, sendo ela a responsável pela elaboração dos textos, com a colaboração de uma integrante do setor de Comunicação da Direção do Movimento Nacional. Ela informou, porém que, em função do acúmulo de atividades, o que efetivamente acontecia era que ela elaborava a pauta e fazia os textos e só depois estes eram levados para mais algumas integrantes da Executiva e, se excepcionalmente houvesse mais alguém da direção na Secretaria Estadual (Passo Fundo/RS), esta pessoa olhava o material. Depois disso os textos iam para a gráfica.

Quando perguntada sobre como são elaboradas as pautas ou sobre o que é levado em conta na hora de escolher os assuntos, Mariane conta:

Então, é uma estrutura que a gente buscou construir no jornal, que é, por exemplo, de ter uma capa que não foi necessariamente pensada, assim tipo, planejada, mas que foi se construindo, e eu fui me dando conta e achando que era legal, por exemplo, manter na capa notícias que são que são ahm...ações do Movimento que sejam mais efetivas, a menos que seja uma outra coisa mais

interessante, mas algumas ações do Movimento no Estado e aí tem as dicas de saúde, e a parte de trás (contra-capas), trazer mais questões que são mais gerais...assim...isso foi uma coisa que foi sendo construída assim, e aí tem, por exemplo, o “texto prá estudo”, o “fala mulher” e tal, mas como eu participo da Direção do Movimento e acompanho todas as discussões do Estado, prá mim não é difícil também pensar o que é importante naquele momento pro Movimento, por que, enfim, eu ajudo a construir todas as pautas de discussões, todas as discussões. Então para mim não é difícil perceber o que, por exemplo, é importante ir prá capa, na visão da Direção, né, então, e mesmo em relação ao texto de estudo né, por exemplo, este último, é o que...foi o tema do leite, por que é o que as mulheres estão discutindo, e tão querendo saber, por causa do baixo...do preço que tá muito baixo e tal, então era meio que óbvio que esse tema teria que entrar de alguma maneira no jornal, por que é o que as mulheres estão discutindo, tão querendo saber, né...Então, por exemplo, eu tentei explicar um pouco o que é, por que o preço está tão baixo. Então é isso né, como eu participo muito no dia-a-dia do Movimento não é difícil ver ...o que ta mais em pauta. (MARTINS, 2008, entrevista)

Perguntei sobre o público para o qual se destina o jornal e Mariane também informou que inicialmente era para o público interno do Movimento, ou seja, as mulheres camponesas. Há alguns anos o MMC/RS trabalhava com o sistema de assinatura, então recebiam pelo correio aquelas mulheres que assinavam o jornal. E alguns números eram destinados a algumas entidades e os grupos também recebiam um número de exemplares para trabalhar. Atualmente não há mais a assinatura, mas uma contribuição: aquelas mulheres que têm interesse dão uma contribuição anual e recebem o jornal pelo correio; já os grupos de base continuam recebendo uma quantidade e as entidades também recebem. O jornal é ainda enviado por *e-mail* para uma “lista bem grande” de pessoas das relações do MMC/RS, como outros movimentos e entidades internacionais.

Eu quis saber ainda sobre como o jornal se sustenta. A entrevistada afirma que os custos saem do orçamento que mantém a estrutura do Movimento, que a cada dois meses destina um determinado valor para pagar a impressão do **Desperta Mulher**. O Movimento arrecada recursos através de projetos juntos a entidades financiadoras públicas e privadas e ainda, segundo Mariane, em alguma medida as militantes ajudam na sustentação, pois se encarregam de inúmeras despesas nas atividades propostas pelo MMC/RS.

O expediente do jornal informa que o Coletivo de Comunicação do Movimento é a instância responsável pelo jornal. Perguntei como funciona este coletivo:

Nós não conseguimos constituir este Coletivo como um grupo de pessoas que senta e pensa. Então a gente acabou discutindo que não adiantava nada manter uma coisa escrita que não se efetivava. Então o que a gente discutiu é que algumas, ahm... atividades do Movimento seriam, ahm... teriam uma pessoa responsável que daria conta e quando precisasse de ajuda então chamaria alguém para ajudar, que é caso, por exemplo, do Coletivo de Comunicação, que hoje na verdade a tarefa da Comunicação tem uma pessoa responsável, que no

caso sou eu, e que quando eu preciso, eu, eu chamo alguém. Isso tudo tá em processo de discussão, prá ver como é que a gente vê isso bem, por que estamos no processo de discussão da sétima Assembléia.(MARTINS, 2008, entrevista)

Indagada sobre outras iniciativas de comunicação do Movimento Mariane garante que a principal forma de comunicação do Movimento é o trabalho de base e a relação direta com as outras entidades. São estas ações, de ir ao encontro dos grupos ou das comunidades que garantem a melhor comunicação. Mas existem também outras atividades que são tarefas da Comunicação como a elaboração de cartilhas, folders e documentários. Para a entrevistada, um meio que é cada vez mais importante é o *site* do MMC, mas que em função das características de cada região outros meio também são usados:

e aí tem alguns lugares que aí é muito, depende da região e tal, que tem por exemplo... gente usa mais ou menos a rádio, tem alguns lugares que as mulheres têm um programinha lá, que é semanal ou podem ter acesso quando quiserem ao programa de rádio, mas isso é mais localizado, depende da região.. (MARTINS, 2008, entrevista)

Outro tema da entrevista foi a história do jornal. Mariane informa que atua no Movimento desde 2002, e desde 2004 contribui na “construção do jornal”, mas que sabe pouco sobre sua história. Segundo ela as pessoas que o criaram não estão mais no Movimento e não se tem acesso a elas. Conta ainda que a pessoa que mais conhecia a história do **Desperta Mulher** morreu há dois anos e com isso o Movimento perdeu uma parte significativa de sua memória.

Procurou saber então se o jornal contempla uma participação direta das camponesas:

Tem o “Fala Mulher” que é aquele, é um quadro onde a gente fala um pouquinho da história delas, pequena assim e como é que elas enxergam o Movimento, normalmente essa é a linha do “fala mulher”. Elas, elas, não procuram por que, também por que elas vêem que são... enfim, ele é bimestral, são poucas ...mas a gente percebe que quando elas são procuradas assim é aquela euforia, tipo “bah...quando é que vai sair ..que eu vou aparecer no jornal, a minha foto e tal...então tem isso assim e, e mais efetivamente é isso e aí nos cursos..essa história de aparecer a fotos delas no jornal, que elas estavam em algum curso e tal, então isso também tem uma força grande prá elas, prá elas é assim uma representação que talvez a gente não tenha a dimensão, e não, não pare prá o que que significa isso pro jornal, talvez mereceria a gente pensar melhor neste sentido. (MARTINS, 2008, entrevista)

Mariane destaca ainda a seção dos **Aniversários**:

tem uma coisa que, que é. que a gente até se surpreendeu que é a história do quadro dos aniversários, que as mulheres, ah...elas ..quem, quem participa,

assim os nomes que aparecem que fazem aniversário ali são as mulheres que dão contribuição, né, até por que nós não teríamos como colocar todas as mulheres do Movimento de aniversário ali. (MARTINS, 2008, entrevista)

Pedi que ela avaliasse a importância do jornal na vida do MMC/RS. Mariane diz que esta questão mereceria uma reflexão mais aprofundada e reconhece que o jornal hoje é feito no “ativismo”, mas que o Movimento quer mantê-lo. Esta decisão é reforçada, por exemplo, quando recebem mensagens de pessoas que conheceram o jornal e reconhecem sua contribuição social. Para Mariane o jornal é um meio de comunicar um pouco a vida do Movimento, o que o Movimento faz, o que Movimento pensa sobre determinadas coisas. Segundo a entrevistada estes pontos de vista não vão aparecer em outros meios de comunicação, assim o MMC/RS mantém um espaço para dar sua versão dos fatos sobre temas da atualidade e elas não teriam outro espaço garantido para estas manifestações. O jornal é importante para as camponesas que se manifestam se por algum motivo não receberam os exemplares.

13 dias depois, no dia 28 de novembro de 2008, a direção do MMC/RS estava em Porto Alegre para participar novamente de uma reunião. No intervalo do almoço realizei as outras duas entrevistas. Antes disso almoçamos junto com outros integrantes de movimentos sociais na sede da Via Campesina, onde conversamos depois disputando com o ruído da Av. Farrapos. As entrevistadas foram Adriana Maria Mesadri e Isanete Maria Colla, da direção do MMC/RS.

Primeiro falei com Adriana que atua no Movimento há mais ou menos 12 anos. Pedi que ela iniciasse falando um pouco sobre o jornal *Desperta Mulher*.

O jornal é um instrumento do Movimento de Mulheres do Rio Grande do Sul. O meu envolvimento não é direto no jornal, né...assim, sou da direção e contribuo muito pouco com o jornal, tenho outras tarefas no movimento. Prá mim, eu espero..., ele é um instrumento de divulgação do que o Movimento faz, então, nesse sentido, tanto pras nossas mulheres, quanto também prá fora do Movimento, do que a gente faz e do que a gente tá envolvido. (MESADRI, 2008, entrevista)

Em seguida conversamos sobre o papel que o jornal cumpre junto às mulheres camponesas e perguntei sobre o tipo de impacto que ela imaginava, ou sabia que o *Desperta Mulher* causava. Adriana afirmou que o impacto que ele devia causar tinha a ver com as informações sobre o que Movimento fazia e defendia. O jornal servia para explicar as diversas questões das lutas, da organização, das atividades em que a militância estava envolvida. Para a entrevistada o jornal também tinha o sentido de divulgar o Movimento para o conjunto da sociedade.

Também apresentei à Adriana o tema da memória do jornal, ela esclarece:

Eu não me lembro de estar muito envolvida, só me lembro que o primeiro nome dele era Informativo, eu não me lembro, mas me parece que era infor...Informativo ou alguma coisa assim..eu lembro que a logo dele era feinha também, a gente avaliou que não atraia ninguém prá ler...depois eu sei que foi feito todo um processo da importância dele e dele mexer com as mulheres, dessa parte eu me lembro por que daí...por que a história do despertar é um pouco nessa lógica de despertar as mulheres prá ler, prá conhecer o Movimento, prá ter uma forma de chegar nas mulheres, nas camponesas.(MESADRI, 2008, entrevista)

Seguimos com a questão da aparência do jornal e indaguei que lugar ela atribuía a este aspecto na relação com as leitoras. Adriana entende que quando um material é “mais bonitinho, bem feitinho” ele chama atenção e leva as pessoas à leitura, mas afirma também que o modo como são abordados os conteúdos pode não atrair.

Considerando que o **Desperta Mulher** é dirigido especialmente às camponesas do RS, perguntei para Adriana se ela acreditava que estas se viam no jornal. Ela afirmou:

Eu acho que de certa forma as mulheres do Movimento de Mulheres Camponesas sim, agora o todo das mulheres eu tenho dúvida, por que como eu te disse antes ele representa as informações do que o Movimento vem fazendo, então, de fato, deste ponto de vista, prá informar tanto as que tão no Movimento, quanto simpatizantes e outras pessoas. (MESADRI, 2008, entrevista)

Conversamos sobre este tipo de iniciativa do Movimento, de manter um material de comunicação como o **Desperta Mulher**, e perguntei se outros Estados mantêm algum material semelhante. Adriana relata que, além do RS, Santa Catarina tem o informativo do Movimento de Camponesas de Santa Catarina e que existe ainda o boletim nacional do Movimento que é um boletim eletrônico. A entrevistada avalia que este boletim nacional tem menos “influência” na vida das camponesas por que ele só chega por meio eletrônico para algumas lideranças, servindo então mais para um público “de fora” porque as camponesas não têm computador em casa. Avaliando as ações de comunicação do Movimento Adriana insiste que elas deveriam divulgar o que “a gente faz efetivamente”, que a comunicação tem de ser forte na divulgação.

Nós somos a nível nacional um Movimento, apesar de 20 anos de história um Movimento não tem uma jornalista..., não tem monte de coisas então, muitas das coisas que se faz, por mais que a gente faça coisas ainda são muito pouco divulgadas, nós temos uma pessoa que contribui na coordenação e uma pessoa que dedica um tempinho prá encaminhar estas coisas, mas que tem uma grande tarefa.(MESADRI, 2008, entrevista)

Após nossa entrevista Adriana Mesadri foi direto para o aeroporto, pois um compromisso a esperava em outro Estado e foi a vez de conversar com a camponesa Isanete Maria Colla, a Isa como é chamada por suas companheiras do Movimento. Isanete vive na zona rural do município de Ibiaçá, onde divide seu tempo entre as atividades da propriedade rural e as de dirigente do Movimento. Perguntei há quanto tempo ela atua no Movimento de Mulheres Camponesas.

Eu tô no Movimento há uns anos eu acho, por aí, teve um tempo assim, que veio os filhos pequenos, um atrás do outro, eu dei uma parada, aí voltei, diretamente que eu tô hoje há 10, 11, 12 anos que aí eu posso dizer que eu não fiquei fora, que eu to trabalhando até hoje em função do Movimento. (COLLA, 2008, entrevista)

Sobre o jornal **Desperta Mulher** Isa afirma “eu vejo que o jornal é um instrumento da gente divulgar, do Movimento divulgar o que faz das atividades que faz com as mulheres e também de levar informações de outra forma pras mulheres” (COLLA, 2008, entrevista). Ao referir-se a esta “outra forma” Isanete salienta a diferença entre a perspectiva do jornal e da grande mídia. Ela defende que lendo o jornal as camponesas vão ter acesso a outras informações que não têm através da televisão, por exemplo. Sob este ponto de vista ela entende que o **Desperta Mulher** é muito importante, pois além deste “outro lado da informação” também consegue fazer com que as camponesas percebam a atuação do Movimento no seu conjunto, já que as atividades são “espalhadas”:

E é a linguagem delas, a gente também...é procurado olhar esse lado da linguagem, não como a gente vê a grande mídia que fala...um jornal inteiro e não se entendeu nada do que...eu acho que tem que fazer com que elas...mesmo naquelas partes do jornal que é colocado por exemplo as experiências práticas locais das propriedades, informe as companheiras, né aniversários e tantas outras coisas, ...elas se vêm a li dentro. (COLLA, 2008, entrevista)

O jornal permite que elas percebam que o Movimento atua em várias regiões, o que valoriza o trabalho do MMC/RS nas questões relacionadas às mulheres.

Dá uma idéia de unidade, no sentido de que, muitas vezes é um grupo pequeno, que ta ali né sentem, “nós somos poucas” né, vendo isso dessa forma que o jornal traz, que mostra as atividades que estão acontecendo em todo Estado, hoje a nível de Brasil, então eu acho que isso reforça o entendimento do conjunto do Movimento. (COLLA, 2008, entrevista)

Retomei com a questão da divulgação por correio eletrônico feita pelo MMC nacional, mas também utilizada para distribuir o **Desperta Mulher** e, na avaliação da entrevistada, ela é positiva, pois o trabalho do Movimento chega a outras organizações, chega a outros espaços e

peessoas que de outra forma não saberiam da existência do MMC/RS. Porém, junto às camponesas Isanete considera o jornal impresso um meio eficiente de divulgação. Segundo a dirigente este é a forma de chegar até elas e de elas se enxergarem dentro do Movimento. Ela compreende que o jornal não atinge todas as camponesas, mas aquelas que estão envolvidas.

Isa garante que o jornal eleva a auto-estima das camponesas, que elas se sentem valorizadas dentro do Movimento e em relação às outras mulheres que não participam do Movimento. Segundo Isa, no jornal elas conseguem ver esta diferença.

Perto das 14 horas Isa lembra que precisava retornar ao seu curso e então encerra a entrevista dizendo:

Eu queria dizer que, além que este jornal é formação e informação, na verdade ele também serve como formação como um material de formação...muitas vezes a gente se utiliza dele pras discussão, né, dentro da Comunidade, e é isso também, e também pras mulheres poderem discutir alguns assuntos. “eu posso provar, ta escrito aqui?” elas têm uma base prá provar o que estão falando quando elas quiserem afirmar alguma coisa, eu acho que tem um papel muito importante. (COLLA, 2008, entrevista).

Em junho de 2009 fiz contato com a jornalista Corinne Dobler, que vive em Genebra, Suíça e que atuou no MMC/RS através da parceria com a ONG suíça E-CHANGER¹³. Pedi que Corinne relatasse um pouco sobre sua experiência no Movimento e no dia 26 de junho recebi a seguinte mensagem:

Oi Vera
 Vou tentar de fazer um pequeno relatório sobre meu trabalho no movimento:
 As minhas tarefas foram:
 - fortalecer o coletivo de comunicação do movimento, ensinar um pouco sobre a comunicação (formação)
 - melhorar os instrumentos de comunicação do movimento, seja os comunicados, a revista "Desperta Mulher", melhorar os contatos com jornalistas brasileiros/as

¹³ E-CHANGER est une organisation suisse de coopération solidaire Nord Sud. Anciennement «Frères sans Frontières», elle travaille depuis 50 ans en partenariat étroit avec des organisations et des communautés locales en Amérique latine et en Afrique. Son but est de renforcer les mouvements sociaux et leurs réseaux afin de promouvoir de meilleures conditions socio-économiques. Grâce aux compétences techniques, organisationnelles et humaines de plus de 40 volontaires, E-CHANGER joue un rôle novateur dans les domaines de la participation citoyenne et de la souveraineté alimentaire. Cette «coopér-action» ne se limite pas aux pays du Sud: dans une perspective d'apprentissage réciproque, l'organisation mène également une action de sensibilisation auprès de la population suisse, notamment par les volontaires et leurs groupes de soutien. Fonte :<http://www.e-changer.ch/fr/presentation.html>, acesso em 05.02.2010

E-CHANGER é uma organização suíça de cooperação solidária Norte Sul. Antigamente chamanda de «irmão se fronteira, ela trabalha há 50 anos em estreita parceria com organizações e comunidades locais na América latina e na África. Seu objetivo é reforçar os movimetnos sociais e suas redes a fim de promover melhores condições sócio-economicas.Graças às competências técnica, organizacional e humana de seus 40 voluntários, E-CHANGER (,) cumpre um papel inovador nas questões da participação cidadã e da soberania alimentar. Esta «cooper-ação» não se limita aos países doSul: numa perspectiva de apredizagem recíproca, a organização faz igualmente uma ação de sensibilização junto a população suíça, especilamente por seus voluntários e seus gupos de apoio. (tradução da autora)

- promover o movimento no Brasil e no mundo inteiro (tudo isto para o MMC-RS)
- ajudar o MMC Brasil na comunicação (muito foi tradução porque falo espanhol e inglês)

Na prática, eu trabalhei sobretudo com a Mari (referindo-se a entrevistada Mariane Martins). Nós duas sempre estávamos lá. O Coletivo de fato era nós duas. Houve numa primeira fase a Dani que depois saiu, na segunda fase houve uma menina que não lembro o nome e que quase não fez nada. Seja que o objetivo de multiplicar meus conhecimentos no movimento não foi realizado, somente com a Mari que houve este transfer, mas ela saiu também agora. Com a Mari a colaboração foi muito boa, trabalhamos muito bem juntas e cada uma pôde aportar muito. Realizamos a revista a cada dois meses, acrescentamos contatos com jornalistas na lista, fizemos todo o trabalho de comunicação. Também realizamos um filme (tive que sair do Brasil no meio da finalização¹⁴) O que não funcionou foi a questão de poder realizar formação para a direção do movimento e para as mulheres da região. Os processos foram muito lentos, a direção não ajudou muito na realização e eu fiquei pouco tempo, não consegui realizar formação, somente uma vez mas não participaram muitas pessoas. Então o multiplicação não deu certo. Eu fiquei no Brasil do outubro 2004 até maio 2006. (DOBLER, 2009, entrevista por e-mail)

Após esta apresentação, que buscou ater-se ao que o Movimento de Mulheres Camponesas do RS é e diz ser (Castells, 2006), se pode afirmar que ele se insere num conjunto de organizações sociais que questionam o modelo de sociedade estabelecido. Com o objetivo de permanecer no campo as mulheres camponesas têm propostas claras e uma organização consolidada com base na articulação social com outros lutadores sociais, mas também afirmam a especificidade de sua luta, ou seja, a perspectiva das mulheres sob uma ótica feminista. Neste contexto o jornal **Desperta Mulher** oferece a possibilidade de compartilhar e divulgar este ideal de luta, de valorizar a participação das camponesas e de reafirmar as pautas importantes para o MMC/RS. Ele funciona ainda como uma memória do processo de organização das camponesas do sul do Brasil.

¹⁴ A E-CHANGER solicitou o retorno de Corinne à Suíça após o episódio da ocupação do viveiro de mudas da Aracruz pela Via Campesina, com a participação do MMC-RS, em março de 2006, e teve seu nome incluído no inquérito policial e está respondendo a processo. Ainda sobre este acontecimento: BERGER, C. . **O caso Aracruz: do fato ao acontecimento jornalístico (um outro, o mesmo)**. In: VIII Congresso Latino-americano de Ciências da Comunicação da Alaic, 2006, São Leopoldo, 2006

PRIMEIRO ESPAÇO DE CONEXÃO



Desperta MULHER

Informativo do Movimento de Mulheres Camponesas - RS
Ano XIII - Nº 66 - Julho e Agosto de 2005

12 de agosto: dia de luta!

Desperta Mulher, n. 66, jul/ago, 2005

O jornal **Desperta Mulher** e o ideal de uma mulher camponesa.

Jornada de luta das mulheres da Via mobilizam mais de 1500 mulheres camponesas no estado

No Rio Grande do Sul a jornada de luta das mulheres da Via Camponesa começou na madrugada do dia 4 de março, com a ocupação da fazenda Tarumã, em Rosário do Sul, na fazenda da Sora Enzo.

No mesmo dia começou o acampamento com mais de 300 mulheres em Encruzilhada do Sul, o Acampamento terminou com caminhada em direção a Fazenda da Bota, da Aracruz, no dia 6 de março.

Também em Encruzilhada, houve uma ação de denúncia em uma área de 13.000 hectares da Aracruz, onde mais de 2 hectares foram cortados.

No dia 5 iniciou um acampamento em Porto Alegre, com audiência na Polícia Federal cobrando a ação da Polícia em relação ao plano de esculpito pela empresa estrangeira Sora Enzo em área de Segurança Nacional.



Mulheres Camponesas denunciam o agronegócio em 18 estados e lutam em defesa da vida.

As mulheres da Via Camponesa realizaram manifestações, protestos e ocupações em 18 estados do Brasil contra o agronegócio. As ações acontecem desde o dia 4 de março e fazem parte da Jornada Nacional de Lutas que celebra o Dia Internacional das Mulheres, em 8 de Março.

Nos 18 estados do Brasil além da denúncia do

Agronegócio as mulheres também debateram a Previdência Pública Social e Solidária, a Campanha Nacional de Produção de Alimentos Saudáveis, a implementação do bloco de notas, a demarcação do território indígena, o fim da violência e denunciaram as Carvoarias, o Deserto Verde e as sementeiras como a Syngenta.



Desperta Mulher, n. 79 mar/abril 2008

Trabalho das equipes garante sucesso da assembleia do MMC-RS

Graças ao trabalho das diferentes equipes tudo deu certo nessa 6ª Assembleia Estadual do MMC-RS. As equipes de animação e de mística ajudaram a assembleia se tornar um marco simbólico importante na história do movimento; a segurança vigiou também durante as noites, a equipe da roda de alegria cuidou das crianças; nas cozinhas das regiões foram preparadas comidas e lanches sempre na hora certa; a limpeza, a secretaria, o pessoal da venda... todas trabalharam bem e garantiram o bom andamento da assembleia.



Desperta Mulher, n. 65 mai/jun 2005



Desperta Mulher, n. 58 mar/abr, 2004

**Informativo do Movimento de Mulheres Camponesas - RS
Ano XIII - Nº 66 - Julho e Agosto de 2005**

12 de agosto: dia de luta!

O dia 12 de agosto é o dia de luta contra a violência no campo. A data relembra o assassinato de Margarida Alves, em 1983, uma grande lutadora contra as injustiças no campo que foi morta a mando dos fazendeiros interessados em continuar explorando as trabalhadoras e trabalhadores. Os assassinos continuam soltos, não foram julgados, por isso é preciso lembrar e se mobilizar todo ano, porque a violência no campo continua.

O assassinato de Irmã Dorothy Stang, agente da Comissão Pastoral da Terra, e de outros sindicalistas este ano, escancarou para a sociedade brasileira, e para aqueles que ainda teimam em não querer ver, a realidade de violência no campo brasileiro. O ano passado também foi violento, marcado por dois brutais massacres em Minas Gerais, entre eles de cinco sem-terra em Felisburgo.

Mas não só as mortes são sinais de violência. Também é uma violência o povo continuar

sem terra, sem trabalho, sendo escravo dos fazendeiros. As trabalhadoras e trabalhadores sofrem com a falta de políticas públicas que favoreçam as(os) agricultoras(es) e incentivem a produção de alimentos.

As mulheres ainda sofrem muitas injustiças. Trabalham muito sem que o seu trabalho seja valorizado. Sofrem de violência física, psíquica, moral e de humilhação. Agora é principalmente a situação da previdência social que preocupa. Perder os direitos já conquistados é uma grande violência contra os trabalhadores e contra as mulheres.



Irmã Dorothy foi assassinada covardemente



Por tudo isso, vamos pra rua no dia 12 de agosto lutar. Não vamos nos calar diante da violência e da injustiça no campo e na cidade. **Fortalecer a luta em defesa da vida! No 12 de agosto e em todos os dias!**

Desperta Mulher, n. 66, jul/ago, 2005

24 anos de morte de Margarida Alves – a violência continua.

Em 12 de agosto de 1983 a líder sindical Margarida Alves, foi covardemente assassinada com um tiro no rosto, na frente de seu filho 10 anos de idade. Margarida Alves era presidente do sindicato de Trabalhadores Ru-

rais de Alagoa Grande na Paraíba e uma grande líder que lutava contra o poder dos latifundiários na época.

Dos cinco acusados de serem os mandantes do crime, apenas dois foram julgados e no entanto absolvidos: Antônio Carlos Coutinho e José Buarque de Gusmão Neto, conhecido como Zito Buarque.

Relembramos o aniversário de morte de Margarida Alves e relembramos também que a violência e a impunidade contra trabalhadoras/es que lutam por seus direitos não terminou, são Margaridas, Dorothys, Galdinos e tantas Marias e Joões dos quais nem ficamos sabendo.

Além desta violência visível, há a violência, escondida. Será? Nem tanto, acontece diariamente e muitas vezes nós mesmos so-

fremos: o nosso não acesso a alimentos de qualidade, à saúde, ao lazer, a exploração do trabalho....



Está claro que toda esta violência é fruto do Modelo de sociedade Capitalista que vivemos que gera a violência e a morte.

Assim, junto com o poeta S. Feitosa, façamos um "convite à Flor", a justiça, ao prazer, a solidariedade.... a vida digna!!!

Leia nesta edição:

A importância da participação das mulheres na luta

Hiroshima lembra 62 anos de bomba nuclear

Texto para estudo

Fome - Uma violência ao ser humano

Desperta Mulher, n. 74 jul/ago 2007

Seminário contra Monocultivo de eucalipto encaminha proposta de delimitação das áreas de plantio de eucaliptos, pinus e acácia no município de Encruzilhada do Sul.

Com o tema "Meio ambiente, produção de alimentos e os impactos da monocultura de eucaliptos em Encruzilhada do Sul e região", aconteceu no dia 6 de dezembro um seminário em Encruzilhada do Sul na localidade de Corredor do Meio e reuniu mais de 100 pessoas.

O seminário teve como assessor Altben Teixeira Filho, professor de Anatomia Animal da Universidade Federal de Pelotas-UFPEL. No Seminário o professor falou sobre as mentiras e falsas promessas das empresas produtoras de celulose, sobre geração de renda e retorno de impostos. Também falou sobre os acordos políticos entre as empresas de celulose e o governo do estado, já que a governadora Yeda recebeu R\$ 500.000,00 da Aracruz, para financiar sua campanha, o que firmou seu compromisso antes mesmo de ser eleita.

A tarde houve apresentações artísticas e depoimentos de pessoas que estão sofrendo as consequências diretas da vizinha monocultura de eucaliptos. Do seminário saíram outros encaminhamentos concretos de ações contra o monocultivo de eucalipto, dentre eles destaca-se:

- Investir na produção de alimentos diversificados e ecológicos;
- Organizar formas de comercializar os produtos da agricultura camponesa a nível local;
- Discutir um projeto de lei articulado plano diretor que limite o plantio de eucaliptos, pinus e acácia no município (Encruzilhada do Sul), realizando audiências públicas para discutir o projeto;

- Trabalhar junto da secretaria de educação municipal para que a discussão sobre o meio ambiente e produção de alimentos seja feita nas escolas;

- Continuar com os encontros de estudo sobre o tema;

O Seminário é resultado do processo que começou no 8 de março de 2008, onde o MMC e demais movimentos da Via Campesina realizaram um ato em Encruzilhada do Sul. A partir dali mais entidades começaram a reunir-se e a discutir a problemática dos monocultivos no município e região.



Desperta Mulher, n. 83, nov/dez 2008

4 Os mapas da Comunicação e dos Estudos de Gênero

Este capítulo, entre os movimentos de compreensão dos contextos onde envolvem a pesquisa, se propõe a uma parada sobre o território dos aportes teóricos que devem amparar as reflexões. A Comunicação, as reflexões feministas e os Estudos de Gênero serão estudados a fim de elaborar mapas em diálogo com o objeto e sua problematização fornecendo bases para a compreensão de seu funcionamento.

Mas a elaboração deste mapa teórico implica em ir além de dialogar com os autores que refletem sobre os temas envolvidos na pesquisa. Implica, e foi a perspectiva que norteou a proposição deste item, em escolhas que determinarão o ponto de vista, o lugar de onde vou olhar para meu território/objeto e que deverão registrar e dialogar constantemente com as ações envolvidas neste processo.

4.1 Comunicação Popular

A Comunicação, dentro da cartografia que estou construindo, é um dos critérios (ROLNIK, 2008) que organiza minhas escolhas do ponto de vista teórico. Dentro do campo da Comunicação um conjunto específico de reflexões o da Comunicação Popular, servirá para estabelecer os marcadores que me permitirão observar o jornal. Serão consideradas ainda as reflexões propostas por estudiosos (as) que tratam de Comunicação alternativa, engajada e feminista a partir de investigações sobre as práticas de comunicação de inúmeros grupos sociais.

As estratégias de comunicação utilizadas pelos movimentos sociais organizados estão cada vez mais especializadas. Já é possível acessar *sites*, assistir vídeos institucionais e documentários sobre suas atividades, mas um dos meios ainda bastante utilizado para relacionar-se com os seus públicos, especialmente o militante, é o meio impresso - jornais ou boletins - elaborados com ou sem a colaboração de profissionais da área da comunicação. Quando há esta colaboração ela pode ser voluntária ou remunerada.

Este predomínio do material impresso para dirigir-se aos (às) militantes já foi ressaltado na entrevista da dirigente do MMC/RS, Adriana Maria Mesadri, que lembrou que as camponesas,

na maioria das vezes, não dispõem de um computador em casa. Como ponto de partida para a observação do **Desperta Mulher** é importante considerar que este jornal é produzido dentro MMC/RS sem o aparato de produção que caracteriza a produção de um jornal comercial, por exemplo, sendo mais uma entre as tantas tarefas assumidas pelas pessoas que integram os quadros de direção. São materiais feitos no “ativismo” para cumprir também um papel de formação, de conscientização e resistência (BERGER, 1998), integrado a um conjunto de ações marcadas pela decisão política de demarcar as lutas específicas das mulheres no conjunto das lutas sociais do campo.

Conforme lembra Berger, é pela “comunicação pública que outros campos sociais conhecem, formam opinião, elaboram argumentos e dialogam com os movimentos sociais” (1998, pg. 86) e, como o MMC/RS não reconhece esta comunicação pública como um espaço capaz e nem interessado de falar de suas questões de interesse, produz seu próprio jornal a fim de garantir a circulação, ainda que restrita, de sua versão sobre os acontecimentos sociais.

De modo geral, estas publicações – como é o caso do **Desperta Mulher** - são dirigidas a segmentos específicos da população e têm um alcance limitado em termos de cobertura e número de leitores/as (PERUZZO, 2003). Estes materiais guardam múltiplas características que os identificam pelos seus objetivos, suas relações no contexto da produção e conteúdo com aquelas destacadas no âmbito das reflexões conceituais sobre Mídia Comunitária e da Comunicação Popular.

A necessidade de aproximar-se destes conceitos surge da aproximação com o próprio jornal **Desperta Mulher**. A leitura dos textos e as entrevistas com integrantes do MMC/RS apontam para a complexidade da questão. Não é possível simplesmente olhar o jornal e defini-lo como um veículo comunitário ou popular ou como um jornal feminista. A aproximação do objeto de pesquisa com os teóricos que têm pensado este tipo de comunicação mostra que complexos cruzamentos conceituais estão também presentes no jornal.

O tema da comunicação comunitária, alternativa e popular é tratado por autores como Beltrán (1981), Kaplun (1983), Festa (1984), Berger (1989) e Gomes (1990) que destacam a diversidade de publicações e boletins surgidos no contexto dos movimentos populares. Estas publicações têm como objetivo mobilizar os militantes, convocando-os a participar de ações específicas ou ainda reforçando e valorizando a participação destes nas atividades de iniciativa das diversas organizações sociais. Estes objetivos passam ainda pela perspectiva da educação e formação dos integrantes dos movimentos e pela apropriação do direito à comunicação e à

expressão. Atualmente estes mesmos movimentos populares passam também a ocupar espaço na internet como forma de ampliar seus serviços e visibilizar sua comunicação.¹⁵

Buscando uma melhor compreensão destes conceitos, apresento alguns autores (as) e elementos conceituais de suas produções que dialogam com o jornal **Desperta Mulher**.

A idéia de mídia comunitária e comunicação popular é trazida por Cecília Peruzzo. Para a autora a mídia comunitária tem como objetivos e finalidades:

a) divulgar assuntos específicos das comunidades, de movimentos coletivos e de segmentos populacionais ou do interesse público, que normalmente não encontram espaço na mídia convencional; b) ter como força motriz a meta de contribuir para o desenvolvimento comunitário como forma de ampliar o exercício dos direitos e deveres de cidadania; c) não ter finalidades lucrativas. É auto financiada, ou recebe doações, além de trabalhar apenas com apoio cultural e não com anúncios publicitários. (PERUZZO, 2003, p.8)

Ao tratar dos conteúdos deste tipo de mídia, Peruzzo aponta que estes se referem a necessidades e problemas de interesse do grupo ou dizem respeito às artes e à cultura. Estes conteúdos também são organizados de modo a informar sobre as atividades de grupos populares organizados ou a fins de esclarecimentos sobre temas que toquem a vida das pessoas que compõem aquele grupo, tais como: tráfico de drogas, “campanhas contra a discriminação da mulher e das raças, dicas de saúde, informações sobre prevenção de doenças, reivindicações de serviços públicos de uso coletivo e outras informações de utilidade pública” (PERUZZO 2003, p.9)

A autora vai destacar ainda outro tipo de comunicação, a popular, que apresenta algum grau de diferença da mídia comunitária.

Ao tratar da comunicação popular a autora destaca a questão dos conteúdos. Estes vão se preocupar em representar um contexto de luta e têm por objetivo serem críticos e promover a emancipação dos indivíduos. Estes conteúdos enfatizam ainda sua dimensão democrática onde o povo figura como protagonista de uma luta social e a comunicação que emerge deste contexto popular se constitui como um instrumento das classes subalternas (PERUZZO, 1998).

Já o que aproxima as iniciativas da mídia comunitária e da comunicação popular são seus contextos de produção. Oriundas de setores populares, estas produções não “estão sujeitas ao controle governamental ou empresarial direto” (PERUZZO, 1998, p.115).

¹⁵Alguns exemplos relacionados à mulheres: Associação Mulheres na Comunicação: mulheresnacomunicação.blogspot.com; e Teclê Mulher, um serviço via internet de apoio e orientação sobre violência contra a mulher: www.teclmulher.com.br; Articulación Feminsitas Marcosul: <http://www.muieresdelsur-afm.org.uy>; Servicio de Información y de Comunicación de las Mujeres – Isis Internacional: <http://www.isis.cl>.

Nesta mesma perspectiva de reflexão dois autores, Gomes (1990) e Dorneles (2007), vão se debruçar sobre as práticas jornalísticas.

Gomes apresenta o conceito de jornalismo popular. Para o autor, neste contexto, o jornal nunca (é nunca) é um fim em si mesmo, mas é um produto da comunidade. Assim sua função é ser instrumento de trabalho comunitário e refletir a problemática da comunidade no sentido global (GOMES, 1990).

Também Beatriz Dorneles (2007) vai se dedicar a observar estas práticas no contexto popular para encontrar o que chamou de jornais socialmente engajados. São engajados por que têm como objetivo informar, dialogar, educar, organizar e mobilizar a comunidade em torno de causas que visam ao bem comum. Em sintonia com os demais autores que tratam da questão, Dorneles também identifica esta prática de comunicação como aquela que se preocupa em refletir a realidade da comunidade para qual se dirige (2007).

Alguns trechos do jornal **Desperta Mulher** refletem sua filiação ao ideal da comunicação que busca se afirmar como contraponto à grande mídia e cumprir as funções descritas pelos autores estudados.

O número 70 do jornal - mar/ago de 2006, por exemplo, tematiza questões ambientais na sua matéria de capa: “Seminário Estadual discute o Deserto Verde”, informando as camponesas sobre o evento realizado na UFRGS, em Porto Alegre, que apresentou estudos relacionados à plantação de eucalipto no RS com denúncias contra a empresa Aracruz. Na página dois o jornal relata que este assunto foi tema de discussões durante o mês de agosto em sete regionais do Movimento reunindo mais de mil pessoas e apresenta uma entrevista com o Eng. Agrônomo Sebastião Pinheiro, do Núcleo de Economia Alternativa da UFRGS com o título “A indústria da celulose”.

No mesmo ano, o número 71 do *Desperta Mulher* revela a preocupação do Movimento com a formação de suas militantes ao colocar como notícia de capa o encerramento de um curso de extensão em parceria com a UFRGS sobre “Economia Invisível das Mulheres Camponesas. “O curso aconteceu em três etapas e discutiu a conjuntura atual camponesa com a influência do agronegócio e, sobretudo a participação não reconhecida da mulher na economia da propriedade camponesa.”(DESPERTA MULHER, ano XIV, n. 70 – set/out 2006, capa)

O exemplar de jul/ago 2008 – n. 81 – está repleto de exemplos da função mobilizadora que o Movimento cumpre e que o jornal consolida, registra e propaga. Os temas da violência contra as mulheres e a produção de alimentos estão em pauta.

Um exemplo disso é a matéria “Regional Palmeira realiza seminário para discutir violência” que registra as ações do MMC/RS na mobilização nacional pela não violência contra as

mulheres e de divulgação da lei Maria da Penha (DESPERTA MULHER, capa). Na página 3 (três) o jornal relata a participação do MMC em Seminário Internacional sobre Soberania Alimentar que reuniu no mês de agosto lideranças de 8 países para discutir a produção de alimentos. Ainda em agosto as mulheres da Via Campesina se juntaram à Marcha Mundial de Mulheres no “Encontro Nacional – Mulheres em Luta por Soberania Alimentar e Energética”. Neste evento mais de 400 mulheres discutiram o modo de produção agrícola e energético e promoveram troca de experiências, alternativas de produção e usos de energia protagonizados por mulheres.

4.2 Imprensa Feminista

Dentro do conjunto de iniciativas sociais que culminaram com a emergência da comunicação comunitária, popular e alternativa como práticas midiáticas empreendidas por grupos sociais¹⁶, especialmente aqueles que atuam à margem do poder hegemônico, com o objetivo de oferecer à sociedade outras pautas ou enfoques diferenciados da realidade social e de ser mais uma ferramenta para a conquista de mais justiça social, destaco a imprensa feminista como um fato relevante histórico, especialmente para esta pesquisa. O jornal **Desperta Mulher** guarda características específicas da imprensa feminista, pois volta seus esforços para a situação das mulheres para mostrar a realidade sob seu ponto de vista e destacar sempre seu protagonismo.

Segundo Dulcília Schoroeder Buitoni (1986), a imprensa feminista surgiu como mais um espaço importante de organização do movimento feminista, composta por jornais e revistas que tinham como preocupação central a vida das mulheres e aquelas questões do universo social e político que se refletiam especialmente sobre o cotidiano delas. Estes jornais e revistas vão, em várias partes do mundo, tematizar a mudança na vida das mulheres como o trabalho fora de casa, as lutas por direitos políticos, como o voto, e suas organizações sindicais.

No Brasil esta imprensa tem uma história¹⁷ importante e, como em todo mundo, vai sofrendo as mudanças que o cenário sócio-político vai impondo. Eram jornais e revistas que, de forma mais moderada ou radical, chamavam a atenção para questões relativas ao universo feminino, politizando as discussões do universo privado, questionando o sistema patriarcal, falando de feminismo, de ecologia, etc. (DEBERTOLIS, 2002).

¹⁶ Parte importante destas iniciativas estão registradas pela *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación – ALAIC*, tem um grupo temático dedicado aos temas da Comunicação Popular e Comunitária.

¹⁷ Vários jornais feministas surgiram nas décadas de 1879 e 1880, como é o caso do semanário “O Sexo Feminino” dirigido por Francisca Senhorianha da Mota Diniz, de Minas Gerais no ano de 1873. (Debertolis, 2002, p.27)

É no conjunto das ações de mobilização de diversos segmentos sociais, de sua organização em movimentos reivindicatórios e de pressão social, que destaco a atuação articulada do Movimento de Mulheres Camponesas nas lutas pelos interesses das mulheres que vivem no campo, cuja trajetória tem gerado inúmeros documentos que registram a história destas mulheres como textos de reflexão, cartilhas, o *site* oficial e próprio jornal **Desperta Mulher**.

Para compreender a trajetória deste tipo de imprensa e entender a filiação do jornal produzidos pelo MMC/RS a este tipo de imprensa é significativo voltar a observação para as características que fundaram a imprensa feminista no Brasil.

Este contexto histórico traz à tona a dificuldade de inserção do feminismo nos jornais de esquerda e busca, por parte das mulheres que escreviam, brechas em periódicos com colunas para tratar do tema com intervenções preocupadas em combater o estereótipo de feias e masculinizadas ligado às militantes. O entendimento que a sociedade tinha e divulgava do feminismo, em 1965, por exemplo, pode ser ilustrado pelo jornal catarinense **A Nação** que descreve o feminismo nestes termos: “um dos mais cruciantes problemas da sociologia doméstica”. Neste período o trabalho feminino remunerado junto com o feminismo é responsabilizado pelo afastamento das mulheres “do posto que naturalmente lhes compete na engrenagem social: a direção do lar.” (ZIRBEL, 2007, 54)

Com o golpe militar de 1964 as iniciativas femininas de criar seus próprios veículos de comunicação, de fazer circular suas idéias, se tornam ainda mais difíceis. Assim em 1974 a anistia política também passa a figurar no interesse das mulheres como ilustra a circulação no Brasil do jornal *Nosotras*, editado pelo Grupo de Mulheres no Exílio em Paris. *Nosotras*, que era feito de forma artesanal (com ilustrações e escrito à mão, datilografado, mimeografado e grampeado pelas participantes do grupo), analisava a situação de mulheres em vários países e tinha a colaboração de cubanas, venezuelanas, albanesas, chilenas e brasileiras. De 100 a 200 cópias eram feitas e enviadas ao Brasil para o endereço de uma prima de Danda Prado¹⁸, moradora em uma fazenda, que as redistribuía via correio para “despistar” a censura do governo (ZIRBEL, 2007, pg. 55).

Em 1975, em Londrina/Paraná, as questões políticas voltam a ser divulgadas pela perspectiva das mulheres no jornal Brasil Mulher, uma iniciativa de Joana Lopes que, por seu protagonismo feminista, foi detida seis vezes e teve seu cotidiano documentado pelos organismos de repressão do governo militar.

¹⁸ Tolanda Prado, filha do líder do Partido Comunista Brasileiro - PCB, Caio Prado Júnior.

Conhecedora deste contexto fundador BUITONI (1986) vai descrever esta imprensa feminista como aquela que se caracterizava por ser dirigida às mulheres e por defender suas causas.

DEBERTOLIS (2002) acrescenta que estas publicações (jornais, revistas) chamavam atenção para questões relativas ao universo feminino, politizando as discussões do universo privado, questionando o sistema patriarcal, falando de feminismo, ecologia, etc. O estudo da imprensa feminista revela ainda que ao longo da sua trajetória houve uma mudança nas prioridades das questões tematizadas que vão passar das clássicas reflexões sobre a luta de classes para priorizar as questões ligadas aos conteúdos dos Estudos de Gênero.

Em meio aos diversos materiais publicados sobre a história da imprensa feminista, tive acesso a um relato sobre uma experiência deste tipo de imprensa, que embora tenha acontecido em outro contexto geográfico, traz elementos importantes para a presente discussão. Trata-se de uma experiência estadunidense dos anos 70 quando um grupo de mulheres se dispôs a fazer uma revista elaborada nos moldes de uma revista comercial, mas com a missão de popularizar o feminismo e “moldar suas palavras para que ressoassem os pensamentos, experiências e necessidades do seu público” (FARREL, 2004, pg.16).

A história da *Ms. Magazine*¹⁹ ocupou a pesquisadora Amy Erdman Farrel (2004) e sua narrativa traz uma importante reflexão sobre esta ação de comunicação, que embora se distancie dos moldes da comunicação popular tratada até aqui, analisa profundamente a importância da comunicação como uma possibilidade dentro da luta feminista.

Deste relato destaco o que Farrel (2004) vai trazer como reflexões sobre estes exercícios de transformar o discurso feminista em grupos organizados de mulheres e daí passar a produção de materiais de divulgação. A autora chama atenção para os complexos processos pelos quais passam estes grupos de mulheres. Para a Farrel isto representa

transformação de consciência (que leva à percepção dos problemas, à conquista do poder para nomear estes problemas, à formulação de uma série de perguntas

¹⁹ A *Ms Magazine*, se estruturou sobre os temas clássicos da luta feminista: irmandade entre as mulheres; aborto; filhos; papéis sexuais; a vida como dona de casa e trouxe para questionamentos os tipos de isolamento a que estão submetidas as mulheres, ou seja, as circunstâncias familiares, geográficas ou culturais que impedem seu fortalecimento. A revista se propôs a ser um elo, uma forma de superação deste isolamento. A iniciativa da *Ms. Magazine* foi alvo dos diferentes agrupamentos feministas, cuja polifonia revelava as diferentes concepções do que deveria ser o objeto maior da luta das mulheres. As feministas liberais, por exemplo, concentravam-se no indivíduo e na necessidade de erradicar os papéis e estereótipos sexuais e derrubar as barreiras legais para a plena participação na mulher na sociedade constituída (sem questioná-la). Era a ênfase na oportunidade individual. Já aquelas que militavam nos movimentos por igualdade racial traziam para as reflexões feministas o questionamento das limitações do racismo e do feminismo branco, reclamando uma irmandade de mulheres. O que certamente era consenso entre os diversos grupos era o entendimento de que o feminismo era o comprometimento com a melhoria das condições de vida das mulheres e a eliminação da dominação por gênero (FARREL, 2004).

novas e ao reconhecimento de que não se está sozinho, louco ou em outra dimensão por causa dessas novas percepções) é e primeira parte, contínua e necessária para qualquer movimento social, especialmente para o feminismo, no qual as mulheres “vivem com o inimigo” de forma pessoal e freqüentemente íntima. (FARREL, 2004, pg.16)

As lições da experiência da *Ms. Magazine*, que se sustentou por quase duas décadas, mas que acabou por ser comprada por uma empresa com visão exclusivamente comercial trazem para a discussão o aspecto econômico definitivo para a existência ou não de iniciativas alternativas como a do jornal **Desperta Mulher**.

A relação da mídia alternativa (alternativa à grande mídia) e seus objetivos esbarram nas estratégias da grande mídia, cada vez mais atenta ao surgimento de nicho de mercado, tal como alerta Farrel (2004) ao analisar a história da revista que prometeu popularizar o feminismo. A autora destaca que a capacidade do capital “de absorver dissidências é um processo complicado no qual derrotas e vitórias nem sempre são bem delineadas.” (pg.19). Exemplo deste comportamento do capital são as inúmeras revistas segmentadas voltadas para mulheres, negros, homossexuais, todos os grupos organizados de reivindicação de direitos e de denúncia de violências e discriminação. Seus temas e conteúdos já foram e são absorvidos pelas grandes empresas midiáticas e devolvidos a população reelaborados do ponto de vista do indivíduo, da realização pessoal e especialmente do consumo. São diversos os títulos voltados para o público feminino onde a mídia se reveste de autoridade para falar das questões relativas às mulheres num “imperativo publicitário” que não causa estranheza porque se assenta sobre uma organização social patriarcal, que embora já tenha sofrido abalos, se reorganiza e permanece vigente.

Por isso merece destaque o lugar que o jornal **Desperta Mulher** vem ocupando, já que, não estando atrelado a questões comerciais, não precisa fazer concessões ao mercado e segue no seu propósito de construir-se como um jornal de perspectiva feminista. Esta perspectiva se confirma, além dos conteúdos do conjunto dos textos, numa dedicação da temática explicitamente feminista no espaço que o jornal reserva especificamente para a formação de suas militantes como se pode verificar no quadro abaixo:

seção	título da matéria	Exemplar
texto para estudo	A visão de gênero na perspectiva feminista	n. 59 – mai/jun, 2004,pg. 3
texto para estudo	A visão de gênero na perspectiva feminista	n. 60 – jul/ago 2004,pg. 3
texto para estudo	Violência mascarada	n. 62 – nov/dez, 2004, pg. 3

Capa	Ivone Gebara ²⁰ participa de seminários em Passo Fundo e fala sobre gênero e cultura	n. 68 – nov/dez, 2005, capa e pg. 3
Texto para estudo	Enfrentando a violência contra a mulher	
Capa	Ivone Gebara: “O feminismo é uma forma de reagir contra a violência	n. 69 – jan/fev, 2006, capa
Texto para estudo	Uma vida sem violência é um direito das mulheres	n. 72 – nov/dez, 2006, pg. 3
Texto para estudo	8 de Março – Dia Internacional da Mulher	n. 73 -jan/fev, 2007, pg. 3
página 2	Inicia a Campanha 16 dias de ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres	n. 78 – nov/dez, 2007 , pg. 2

Após as reflexões dos autores e a leitura e observação do jornal **Desperta Mulher**, indico, a partir da Comunicação, os marcadores da **comunicação popular** e do **engajamento feminista** para acompanhar a análise do jornal.

O marcador **comunicação popular**, que considera os conteúdos do jornal e seu modo de produção, insere o jornal no projeto político do Movimento que tem como uma de suas bandeiras de luta a construção de um projeto popular para o Brasil.

O marcador **engajamento feminista**, pensado a partir da derivação filosófica²¹ da palavra engajamento que significa “o empenho ético e político na realização das escolhas absolutamente livres e impreteríveis, por meio das quais o ser humano inventa a si mesmo e o seu mundo” (HOUAISS, *on line*, 2010), reconhece o jornal como espaço de formação e de visualização de uma sociedade que pode reelaborar os papéis sociais de mulheres e homens a partir do conceito de equivalência social.

²⁰ **Ivone Gebara**: São Paulo, 1944. Doutora em filosofia com uma tese sobre Paul Ricouer. Durante 17 anos foi professora de teologia e filosofia no Instituto de Teologia de Recife, fechado em 1989 pelo Vaticano. Assessora de grupos populares especialmente de mulheres. Professora visitante em diferentes universidades e Centros de Estudos no Brasil e exterior. Escritora de livros e artigos de filosofia e teologia na perspectiva feminista. Em 1998 defendeu uma tese de doutorado Ciências Religiosas em Lovaina (Bélgica) sobre o mal no feminino, traduzida para diversas línguas. Há mais de 15 anos vive em um bairro popular de Camaragibe, a 25 km de Recife. Membro da Associação de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo, ASETT. Fonte: <http://latinoamericana.org/2004/textos>

²¹ De sua vertente existencialista, especialmente em Jean-Paul Sartre. Ver texto: Literatura e experiência histórica em Sartre: o engajamento, de Franklin Leopoldo e Silva, disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/087/87silva_franklin.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010

4.3 Estudos de Gênero

Uma leitura das Teorias Feministas e dos Estudos de Gênero dá prosseguimento ao esforço para compreender os contextos da pesquisa e se constitui, junto com a Comunicação Popular, num dos critérios para a investigação. Ela permite observar o jornal e suas relações com o Movimento buscando traçar as fronteiras de suas possibilidades como um instrumento de enfrentamento de sistemas de discriminação e posturas machistas, tal como descreve a missão das camponesas do MMC/RS. Os textos relacionados aos Estudos de Gênero apontam a diversidade de tendências e linhas de pensamento, onde os diferentes autores e autoras deixam claro que, apesar de alguns consensos, são múltiplos os caminhos e as possibilidades de entradas nestas discussões.

Então, o ponto de partida é próprio jornal **Desperta Mulher** e o Movimento de Mulheres Camponesas que se autodenomina como movimento feminista: “Há mais de vinte anos construímos um Movimento autônomo, democrático, popular, **feminista** e de classe, na perspectiva socialista.²²”

Além das matérias já ilustradas, a perspectiva feminista do Movimento é reafirmada ainda na fala de uma das dirigentes nacionais do Movimento, Luciana Passinato Piovesan, em uma entrevista para o *Portal del Medio Ambiente*²³:

Portal: O fato de aglutinar-se como organização especificamente de mulheres implica que o MMC tem uma estratégia de poder exclusivamente feminista? O que é mais importante para vocês, ser mulher ou ser camponesa?

Luciana: Não existe separação entre essas identidades. Quem compõe o MMC são mulheres trabalhadoras. Não poderia ser um movimento popular se não tivesse essas duas características: mulheres e trabalhadoras. Está claro que temos que lutar tanto a favor da emancipação da mulher como da classe trabalhadora. (PIOVESAN, *on line*, tradução da autora)²⁴

Uma vez que a esta filiação a perspectiva feminista está clara na identificação do MMC/RS e aparece refletida no jornal, é preciso voltar-se para a literatura sobre o tema e

²² http://www.mmcbrasil.com.br/menu/quem_por.html, acessado em 15 de fevereiro de 2009.

²³ A entrevista completa está disponível em: www.portaldelmedioambiente.com

²⁴ **Portal:** *¿El hecho de aglutinarse como organización específicamente de mujeres implica que el MMC tiene una estrategia de poder exclusivamente feminista? ¿Qué es lo más importante para ustedes, ser mujeres o ser campesinas?*

Luciana: *No existe separación entre esas dos identidades. Quienes componen el MMC son trabajadoras. No podría ser un movimiento popular si no tuviera esas dos características: mujeres y trabajadoras. Está claro que tenemos que luchar tanto a favor de la emancipación de la mujer como de la clase trabajadora. (on line)*

perseguir os marcadores que compõem as ferramentas de análise da relação do Movimento com o jornal **Desperta Mulher**.

Assim, trago algumas das reflexões das Teorias Feministas e Estudos de Gênero extraídas de uma vasta e complexa produção. Uma leitura atenta das diversas autoras e autores mostrou que alguns textos não deixam totalmente explícita a perspectiva feminista ou de gênero adotada nas suas reflexões, mas também pude perceber que alguns conceitos, autores e autoras são referência para os diversos textos.

Exemplo disso é a produção de Simone de Beauvoir em seu livro **O segundo sexo** (1949). A filósofa francesa foi uma das precursoras na crítica à noção de sujeito desafiando sua presumida universalidade, neutralidade e unidade, argumentando que no mundo social existem aqueles que ocupam a posição não específica, sem marcações (sexual, racial, religiosa), universal e aqueles que são definidos, reduzidos e marcados por sua diferença sempre confinados em suas especificidades e designados como o outro. Para a autora francesa, isso define a posição de homens e mulheres: “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro”. Ou seja, “o masculino está investido dos significados de representação da totalidade, ao mesmo tempo em que possui a qualidade de um gênero frente ao outro”. (BEAUVOIR, 1980). Assim, denunciar a referência masculina do sujeito implica sua desconstrução e seu descentramento.

Joan Scott também se configura como uma referência ao escrever sob a emergência da categoria **gênero** apontando a necessidade de uma teoria que lhe dê suporte. E é no pós-estruturalismo que a autora localiza esta possibilidade, uma vez que o pós-estruturalismo permite o questionamento das categorias unitárias e universais e torna históricos conceitos que são normalmente tratados como naturais como, por exemplo, “homem” e “mulher”. (SCOTT, 1995.)

A elaboração desta categoria recebeu críticas nos meios feministas e Simone Aparecida Mariano (2005) alerta que não basta incluir as mulheres nas análises dizendo que a cidadania, bem como a classe social são compostas por homens e mulheres, ainda que essa “denúncia” tenha tido grande importância. Tal procedimento não resolvia de todo o problema com o universalismo, o essencialismo e o binarismo que constroem hierarquias e subordinações. (MARIANO, 2005, *on line*). Nesta perspectiva, em vez de teorias que concebem o sujeito de antemão, são necessárias teorias que se proponham a pensar como o sujeito é constituído e como diferenças e hierarquias são construídas e legitimadas nos contextos de relações de poder. Assim, o sujeito do feminismo deveria ser compreendido sempre como construção discursiva (,) em

contextos políticos específicos a partir de articulações, alianças, coalizões; portanto, sempre contingente (MARIANO, 2005).

Já para SAFFIOTI (2004) o conceito de gênero não se resume a uma categoria de análise como muitas estudiosas pensam, embora tenha utilidade enquanto categoria histórica. A autora sustenta que o gênero (enquanto categoria histórica) pode ser concebido em várias instâncias: como aparelho semiótico (Laurentis, 1987); como símbolo cultural evocador de representação de significados, organizações e instituições sociais, identidade subjetiva (SCOTT, 1988); como divisões e atribuições assimétricas de características e potencialidades (FLAX, 1987); como, numa certa instância, uma gramática sexual, regulando não apenas relações homem-mulher, mas também as relações homem-homem e relações mulher-mulher (SAFFIOTI, 1992, 1997b; e SAFFIOTI e ALMEIDA, 1995)” (SAFFIOTI, 2004, pg. 45)

Conforme Saffioti, “cada feminista enfatiza um determinado aspecto do gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é a construção social do masculino e do feminino.”(SAFFIOTI, 2004, pg. 45). Embora construir consensos não seja uma preocupação deste relato de pesquisa, este entendimento serve para mostrar a convergência do pensamento das pesquisadoras em torno de um marco importante da produção científica sobre o feminismo, ou seja, a elaboração do gênero como categoria de análise.

Para Guacira Lopes Louro (2002), que é uma pesquisadora com uma vasta reflexão sobre as relações de gênero, a emergência da categoria gênero representou uma virada epistemológica (2002). A autora salienta que ao utilizar esta categoria

deixava-se de fazer uma história, uma psicologia, ou uma literatura das mulheres sobre as mulheres e passava-se a analisar a construção social e cultural do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos em meio a relações de poder. O impacto dessa nova categoria analítica foi tão intenso que, mais uma vez, motivou veementes discussões e mesmo algumas fraturas internas. Também as relações de gênero passaram a ser compreendidas e interpretadas de muitas e distintas formas, ajustando-se (a) ou interpelando referenciais marxistas, psicanalíticos, lacanianos, foucaultianos, pós-estruturalistas...(LOURO, 2002, p. 15)

Articular os Estudos de Gênero na perspectiva das mulheres que vivem no universo rural tem sido a preocupação das pesquisadoras Anita Brumer e Maria Ignez Paulilo. Em 2004, elas participaram do Dossiê²⁵ elaborado pela Revista de Estudos Feministas, cujo tema foi mulher rural, em uma perspectiva de gênero. Neste texto as autoras esclarecem que categoria sexo diz

²⁵ Dossiê elaborado por uma das edições da Revista Estudos Feministas, da UFSC, em 2004.

respeito a categorias biológicas associadas ao homem e à mulher e que a noção de gênero abrange a idéia de que a sociedade, por razões culturais, sociais, econômicas e políticas, atribui diferentes papéis a ambos os sexos. Neste sentido entendem que se as características biológicas de homens e mulheres são herdadas, as diferenças de gênero são construídas socialmente e, por isso, podem variar no tempo e no espaço e estão sujeitas a questionamentos, reflexões e a mudanças.

Já Isaura Rufino Fischer (2001) ao refletir sobre as relações de gênero acrescenta outra variável a ser considerada: a exclusão social das mulheres. Para esta autora as relações de gênero entre homens e mulheres são norteadas pelas diferenças biológicas geralmente transformadas em desigualdades que tornam o ser mulher vulnerável à exclusão social. No contexto desta exclusão Fischer chama atenção para a necessidade de considerar o conjunto de fatores que se somam a questão gênero como classe, cultura, etnia, idade e raça. Assim, a exclusão não pode ser atribuída a um aspecto específico e sua compreensão e enfrentamento exige um olhar amplo sobre esse fenômeno.

Para Fischer a exclusão social da mulher “é secular e diferenciada” (2001, *on line*) e sua compreensão passa pelo entendimento da condição bipolarizada do sexo (homem-mulher) como ponto de partida da exclusão social fundamentada na diferença.

Nesta mesma linha de raciocínio, Brummer e Paulilo, em seus estudos voltados para a mulher do campo, apontam para discriminação e desigualdade social das mulheres baseada na idéia de diferença. As autoras afirmam que “é somente através do reconhecimento dessas diferenças e da luta para mudar o quinhão das mulheres que se pode tornar as relações de gênero mais eqüitativas” (2004, *on line*). Na perspectiva destas duas autoras o olhar sobre a situação das mulheres deve assumir a igualdade de gênero como uma posição política.

VAN DER SCHAAF (2003) que realizou uma pesquisa junto ao Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais - MMTR, denominação do MMC antes da unificação nacional, faz suas considerações sobre o uso do conceito de gênero.

Na minha opinião, o uso de gênero, no Movimento, deve ser entendido como o potencial de mudança das normas antigas, que atribui às mulheres um papel silenciado, de conformidade, ignorância e sacrifício a serviço dos outros. Gênero significa que as agricultoras se levantaram contra o poder de decisão que os homens têm sobre elas, para poderem decidir sobre as suas próprias vidas. (VAN DER SCHAAF, 2003, *on line*)

Para a autora o enfoque na ação social das mulheres trabalhadoras rurais revela como a política está entrelaçada com a vida diária. A análise da dimensão cultural e histórica do

movimento confirma que os movimentos são espaços importantes para a reflexão e o debate, formados por relações interpessoais em que são desenhados significados alternativos de "cidadania", "democracia", "igualdade", "direitos" e do que é "justo" desafiando definições do que se conhece como estritamente político. (VAN DER SCAF, 2003)

Assim, após esta circulação entre os conceitos e reflexões aqui reunidos os marcadores que serão propostos se dão dentro da compreensão de que, como em todos os campos do conhecimento, o dos Estudos de Gênero comporta tensões e disputas que perduram em produtivos debates no que diz respeito ao lugar social das mulheres. Compreendo ainda que estas elaborações não necessitem de encerramento, que não se pretenda definições universalizantes ou conceitos funcionais.

Assim os três marcadores, que foram construídos para configurar a sustentação nas questões relativas ao Gênero, buscam evidenciar a articulação entre as autoras e o jornal. Eles oferecem um ponto de vista possível que permite acompanhar a leitura das diversas edições do jornal **Desperta Mulher** para com eles compreender como algumas questões sobre o universo feminino estão sendo elaboradas discursivamente no jornal **Desperta Mulher**.

O marcador **gênero**: para buscar descortinar nos textos do jornal o entendimento elaborado pela tradição do pensamento feminista de que a noção de sujeitos masculinos e femininos é uma construção social e cultural, que atribuí diferentes papéis e lugares sociais a ambos os sexos.

O marcador **ação política**: para buscar identificar as características das ações políticas de denúncia das situações de discriminação contra as mulheres e que inauguram novos territórios de pensar e agir orientados pela igualdade de gênero.

O marcador **mobilidade identitária**: para manter presente que a elaboração social da noção de sujeitos masculinos e femininos é variável no tempo, no espaço, não é estática e não existe sem a participação destes sujeitos. Este marcador referência buscará nos textos pesquisados as marcas das ações sociais que historicamente tentaram fixar e reduzir homens e mulheres a uma questão binário-opositora, bem como os movimentos de superação desta condição.

SEGUNDO ESPAÇO E CONEXÃO

6ª Assembléia Estadual do MMC-RS

Mulheres Camponesas: luta e resistência!

Os conteúdos do jornal e o projeto político do MMC/RS de combater toda discriminação de gênero e posturas machistas

Informativo do Movimento de Mulheres Camponesas - RS
Ano XVI - Nº 83 - Novembro e Dezembro de 2008

Seminário com Ivone Gebara discutem religião, mulher e poder.

Nos dias 10 e 11 de dezembro de 2008, em Passo Fundo, aconteceu o Seminário estadual Religião, mulher e poder organizado pelo Movimento de Mulheres Camponesas do Rio Grande do Sul. O Seminário teve como Assessora a Teóloga e Feminista Ivone Gebara.



Durante os dois dias de estudos, as mulheres camponesas de 10 regiões do estado discutiram temas ligados à fé e a religião na vida e também na luta. Temas como o aborto, crenças, mitos e ritos religiosos, foram debatidos neste seminário.

Muitas destas crenças e destes mitos carregam a cultura Patriarcal, onde o Pai - Homem é o organizador da vida social.

O objetivo do seminário foi desmistificar estes mitos e crenças colocando a fé como a ação cotidiana na luta em defesa da vida, por transformação social, justiça social, e contra este modelo de sociedade Capitalista e Patriarcal de exploração e opressão.



Seminário "Sentido Universal dos Direitos Humanos e a Luta das Mulheres" comemora os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.



No dia 10 de dezembro, em celebração aos 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, foi realizado no Instituto Superior de Teologia, o seminário "Sentido Universal dos Direitos Humanos e a Luta das Mulheres".

O Seminário foi promovido pelo Movimento de Mulheres Camponesas e a Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo. Fizeram parte da mesa a Teóloga Ivone Gebara e o militante da Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo, Paulo Carbonari.

Desperta Mulher, n.83, nov/ dez 2008

Lei Maria da Penha já está em vigor.

A lei Maria da Penha foi criada em 2006 a partir da luta e organização das mulheres contra a violência. Ela cria formas legais para coibir (inibir) a violência doméstica e familiar praticada contra a mulher.

A lei considera violência doméstica, qualquer ação que cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico, de dano moral ou patrimonial, tanto na

família ou em qualquer relação de afeto que se tenha. Portanto a lei traz presente que tanto a violência física, quanto a psicológica, a sexual, a patrimonial e a moral são crimes.

Também entende que a violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos.

Segundo a lei, se a pessoa que agride for pega em flagrante, ou seja, na hora em que está batendo,

xingando, abusando... está sujeita a prisão.

Esta lei entrou em vigor depois de muita luta de mulheres organizadas.

Existem várias maneiras de se "livrar" desta situação. Uma delas é a Denúncia.

Violência contra as mulheres é crime. Denuncie!

Central de atendimento: Delegacias ou postos da Mulher ou o número 180.

Inicia a Campanha 16 dias de ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres

Iniciou a Campanha de 16 dias pelo Fim da Violência contra as Mulheres, esta campanha já acontece a 17 anos. É organizada pela Agende (Ações em Gênero Cidadania Desenvolvimento) e está acontecendo em 135 países, incluindo o Brasil.

Neste ano, ela tem como objetivo alertar a população so-

bre a violência familiar sofrida por mulheres, na aplicação efetiva da Lei Maria da Penha, símbolo de luta contra este crime.

A campanha tem como lema *Está na Lei. Exija seus Direitos. Lei Maria da Penha.*

O MMC faz parte desta campanha que inicia todos os anos no dia 20 de novembro e vai até o dia 10 de dezembro.

O MMC também neste ano trouxe presente a Campanha "Rompendo o Silêncio", que tem como objetivo alertar, informar e orientar as mulheres camponesas com relação às diferentes formas de violência praticadas no campo e sobre as mulheres.

Toda forma de Violência contra as mulheres é crime, por isso denuncie.



Desperta Mulher, n. 78 nov/ dez 2007

Seminário discute a produção e geração de renda das mulheres camponesas.

Mulheres camponesas se reuniram nos dias 3 e 4 de novembro para debater a produção e a geração de renda na unidade de produção camponesa.

O Seminário tinha como objetivo a troca de experiências e o aprofundamento das discussões sobre formas de produção, comercialização e geração de renda e contou com assessoria do CETAP (Centro de Tecnologias Alternativas Populares) e a participação do Coordenador do Núcleo de Economia Alternativa da UFRGS, o economista Carlos Cscheidt.

Quatro experiências incluindo agroindústria, feira, venda direta, e venda para merenda escolar foram apresentadas pelas mulheres e discutidas.



Como encaminhamento do Seminário, as mulheres discutiram a importância de fazer encontros nas regiões, para envolver mais experiências, fazer a articulação com experiências de mulheres que não participam do movimento e fazer o debate para exigir das prefeituras mais apoio, como, transporte, estrutura, auxílio na discussão da legislação, já que estes são os principais problemas que elas enfrentam.

Desperta Mulher, n.83, nov/ dez 2008



Desperta MULHER

Informativo do Movimento de Mulheres Camponesas - RS
Ano XIV - Nº 69 - Janeiro e Fevereiro de 2006

Ivone Gebara

"O feminismo é uma forma de reagir contra a violência"

Feminismo e violência foram os temas debatidos com a religiosa, teóloga, filósofa e feminista Ivone Gebara, num seminário promovido pelo MMC-RS, dias 2, 3 e 4 de dezembro de 2005, em Passo Fundo. As participantes debateram e realizaram exercícios que ajudaram a aprender mais sobre elas mesmas e sobre o feminismo.

feminista. A teoria feminista é uma explicação do porquê da opressão das mulheres, apresentando uma proposta para sair desta situação.

Ivone Gebara é filha de pais imigrantes libaneses e



Desperta Mulher, detalhe da capa do n. 69, jan./fev. 2006

5 O Mapa do jornal **Desperta Mulher**

Para elaborar o mapa do jornal **Desperta Mulher** é preciso ter presente a maneira como ele se insere no processo da pesquisa. Neste processo ele é o território sobre o qual se pode observar o MMC/RS, é o território onde se pode apreender sua dinâmica, instável e inapreensível no seu cotidiano. O jornal é entendido a partir Deleuze e Guattari (1995) como um platô, como o registro relativamente estável das intensidades que compõe a vida deste movimento social. Ele é um traço registrado, uma memória possível, uma ação política concebida dentro de um conjunto de meios de levar adiante bandeiras de lutas estabelecidas em acordos por um conjunto de mulheres. Este território que é o jornal vai ser mapeado através da identificação de linhas que, ao se cruzarem, o tornam visível.

Neste capítulo apresento a minha leitura analítica dos textos do jornal **Desperta Mulher** a partir das linhas rizomáticas já descritas no Capítulo I. Estas linhas, base, superfície, lilás e semente, foram elaboradas a partir daquelas descritas por Deleuze e Guattari (1995) (duras, abstratas, flexíveis e de fuga) e sob suas definições serão agrupados exemplos de matérias publicadas no jornal²⁶.

Uma vez que “todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” (DELEUZE e GUATTARI, 1995.), esta análise representa no momento presente uma síntese das diversas paradas sobre os textos e vai apresentar organizações, significações e articulações que não são definitivas. Ao fazer a leitura através destas linhas tenho presente que suas descrições estanques e separadas só o são para fins de organização da análise, uma vez que no jornal elas se entrecruzam o tempo todo fazendo o possível para captar inúmeras conexões. Na análise que se segue está claro que fiz escolhas em função dos objetivos da pesquisa e por vezes as conexões se sobressaíram do texto e estão apontadas, mas mesmo as que não estão explícitas estão atuando no território.

²⁶ O anexo A apresenta um quadro com a listagem completa de todos os exemplares do jornal **Desperta Mulher** que compõe o corpus da pesquisa, com todos os títulos das matérias.

Assim, esta análise da qual resultou o agrupamento de matérias sob a descrição de cada linha foi um exercício de múltiplas leituras. Houve, novamente, leituras completas dos textos, folhear os jornais sem seguir uma ordem pré-estabelecida, mas de forma intencionada, já que tinha presente a idéia de cada linha rizomática. Cada um desses momentos de leitura significou uma parada sobre textos, títulos ou imagens que chamaram atenção, que aos meus olhos se sobressaíram do conjunto dos jornais ou, cujos conteúdos me afetaram de alguma forma. Cada vez que essa parada aconteceu anotei o número do jornal e a matéria em questão destacando uma imagem, anotando manchetes, palavras, frases e algumas vezes textos inteiros. O resultado deste trabalho encontra-se distribuído nas linhas rizomáticas.

A **linha base** é a que está relacionada às linhas duras, que atuam por dualidade. Elas são horizontais e verticais e representam as relações de hierarquia.

O uso da palavra base faz referência a idéia de sustentação e também é o nome dado pelo Movimento aos grupos que o compõem (grupos de base) e desta forma quer também destacar a centralidade das diversas relações que o jornal estabelece com seu contexto.

Através desta linha a leitura do jornal seguiu pistas de aspectos que representassem hierarquias, binaridades e dicotomias. Para Deleuze e Guattari (1995), lógicas binárias levam a procedimentos dicotômicos e são os traços dessas lógicas e procedimentos que chegam ao jornal nas relações que o MMC/RS estabelece e que serão investigadas.

Da leitura e observação dos exemplares do jornal **Desperta Mulher**, estabeleci associações das matérias com a **linha base** a partir de duas questões. A primeira questão é uma das mais clássicas tratadas pelos estudos de gênero e diz respeito à presença das mulheres nos espaços públicos e privados. A segunda questão está ligada ao espaço que o jornal destina a manifestação das suas militantes, a seção **Fala Mulher**.

O ponto de partida, o que desencadeou estas associações, foram as fotografias que compõem os textos do jornal. Chamou-me atenção o número delas: são 208 fotografias em 25 exemplares de jornal e então me detive a observar o que traziam as imagens.

A maioria das fotografias, 180, são imagens de pessoas, sobretudo mulheres e as outras 28 registram alimentos, paisagens, símbolos do movimento, bandeiras, flores, etc.

Das 180 fotografias de pessoas, 148 são imagens coletivas que mostram as camponesas do MMC ou em atos públicos na rua ou em atividades do Movimento. As outras 32 fotografias que compõem este conjunto de imagens de pessoas apresentam imagens individuais, onde 30 são mulheres e 02 são homens.

Chego assim à primeira questão que associa textos do jornal **Desperta Mulher** à linha base: a presença feminina no espaço público.

A imagem de uma mulher dentro de casa ocupada com as tarefas domésticas ainda traduz uma idéia aceita e nem sempre questionada pela sociedade. Este espaço interno e reservado compôs o aparato de opressão e exploração das mulheres e foi alvo das denúncias feministas que lutaram para politizar as experiências até então restritas a este universo privado.

Roberto da Matta (1997), ao se debruçar nestes universos, representados por ele através da idéia da “casa e da rua”, alerta:

“casa” e rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, providências éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas” (MATTÁ, 1997, pg. 15)

No jornal **Desperta Mulher** as camponesas são retratadas em protestos e atos públicos muitas vezes convocados pelo MMC/RS, em mobilizações nacionais ou então em conjunto com a Via Campesina ou a Marcha Mundial de Mulheres, por exemplo. São atos de protestos contra alimentos transgênicos, chamam atenção aos prejuízos da seca, pedem melhores salários. As mulheres camponesas também vão às ruas no “8 de Março” (Dia Internacional de Mulher), contra a Organização Mundial do Comércio – OMC e pela anulação do leilão que vendeu a Vale do Rio Doce.

Outro conjunto marcante de fotografias mostra as mulheres fora de casa, retrata as camponesas em seus processos de formação. Aqui elas estão reunidas em seminários, nos cursos de extensão ou como formandas dos diversos cursos que o Movimento promove e divulga. Este processo de formação é estendido em algumas ocasiões a filhos e filhas das militantes e simpatizantes do Movimento. Também neste conjunto de imagens estão as que registram as camponesas reunidas em seus processos de organização, como assembléias e congressos, para os quais também levam seus filhos como registra uma foto.

E ainda, junto com outras entidades, as mulheres também participam de feiras e romarias como a da Terra, promovida pela Pastoral da Terra, de celebrações religiosas, distribuem comida e aparecem na ocupação de uma distribuidora de alimentos (Bunge).

Em meio a tantas atividades da agenda política do MMC/RS, uma única fotografia mostra as camponesas em um momento de festa, uma festa da Colheita numa de suas Regionais.

As imagens das mulheres sempre e repetidamente na rua dão a idéia de que elas nunca param e informam sobre uma intensa agenda política de mobilizações. E dentro desta agenda política identifico no jornal uma função institucional e uma função nas vidas militantes ao organizar o registro da participação delas nas manifestações públicas.

Considerando o contexto rural, considerando que estas mulheres têm atividades ligadas às suas propriedades, este registro de constantes atividades pode servir para justificar a ausência do espaço doméstico. O jornal se encarrega de explicitar que as camponesas estão envolvidas em grandes causas. Assim, se as mulheres camponesas saem do espaço que lhes é tradicionalmente atribuído é porque a causa é justa. As imagens coletivas funcionam como um elemento de convencimento caso o entorno doméstico ou de vizinhança seja hostil à saída de casa. O grupo dá amparo público a uma ação individual daquela mulher que organiza sua vida pessoal para estar fora de casa, em função do Movimento.

Estas imagens podem ainda corresponder a uma resposta à sociedade que tradicionalmente cobra das mulheres uma excelência na atuação pública, funcionando como um elemento de legitimação e afirmação do MMC/RS como instituição.

As mulheres camponesas que são um grupo diferente dentro do conjunto dos demais movimentos camponeses mostram que podem se mobilizar e reafirmar a justeza de suas causas, uma vez que são temas de abrangência nacional, de importância para a vida de muita gente. Assim a ocupação do espaço público se faz dentro de um marco que responde às exigências sociais tradicionais, ou seja, o Movimento reúne as camponesas e suas motivações para estar na rua não são fúteis. Isto serve para consolidar a atuação política do MMC/RS de forma positiva e ligada a temas de relevância nacional fortalecendo sua posição perante os demais movimentos que são mistos²⁷ e demonstrando que elas também podem mobilizar ocupar e protestar.

Esta perspectiva pode ser confirmada ainda num outro conjunto de fotografias, onde as mulheres, em grupo, para assim uma confirmar a presença da outra, aparecem nos seus processos de formação. Estudar é um valor e uma necessidade reconhecida e legitimada socialmente, o que também justifica, senão a presença na rua, pelo menos a ausência de casa com o tempo ocupado com coisas sérias e úteis como estudo e formação.

Outra vez esta idéia pode responder a duas frentes: a da vida particular de cada camponesa, na sua relação com seus familiares e família, vizinhos, e a do MMC/RS institucionalmente perante o conjunto dos outros movimentos da Via. As imagens coletivas nos

²⁷ Dos movimentos sociais que compõe a Via Campesina no Brasil somente o MMC é uma organização que congrega somente mulheres. Os demais grupos agrupam homens e mulheres e alguns, como é o caso do Movimento Sem Terra – MST tem sua setorial de mulheres.

espaços públicos dizem da seriedade de suas atitudes, postura esta cobrada das mulheres como conduta no espaço público, para que não se duvide de suas intenções ao ocupar este lugar que sempre foi dos homens.

A segunda questão, que liga os textos do jornal **Desperta Mulher** à linha base, diz respeito à organização da seção **Fala Mulher**.

“A partir dessa edição, este espaço será reservado para você mulher que quer contar um pouco de sua experiência de vida a partir do movimento. Sua história pode ser publicada, basta enviá-la com uma foto.” (DESPERTA MULHER, n. 63, jan/fev, 2005). Assim o MMC/RS anuncia o início deste espaço que vai comportar histórias e fotografias individuais das mulheres camponesas.

Das 25 edições que compõe o corpus desta pesquisa, 14 apresentam a seção, que teve início na edição de número 63, a primeira de 2005, registrando a história da camponesa Madalena. Nesta primeira história o nome da camponesa está incompleto, sem o sobrenome, e não traz fotografia.

A partir de então todas as seções apresentam a foto da camponesa sobre a qual se refere a história. As primeiras 11 histórias são narrativas na terceira pessoa do singular, ou seja, é o Movimento que conta sobre as experiências da camponesa. É o MMC/RS que fala sobre a militante. As informações a respeito da vida destas mulheres têm um recorte bem claro, já explicitado na apresentação da seção, ou seja, dizem respeito à sua militância. Além destas informações, alguns poucos dados caracterizam as mulheres: Inelves, 52 anos, solteira; Catia, 30 anos; Nadir, 57 anos, 6 filhos e 2 netos; Edelaine, 24 anos; Juraci, 48 anos, viúva a 20; Ilse, e uma referência ao “seu companheiro” e Hilda, 66 anos, 3 filhos e uma referência ao “seu marido”. A estes dados se juntam algumas informações resumidas sobre suas atividades na propriedade rural. É a partir destas informações que o MMC/RS conclui que Hilda “ela mesma é exemplo de mulher realizada, feliz, de boa saúde e auto-estima” (DESPERTA MULHER, n. 66, jul/ago, 2005).

Transparece aqui um ideal de mulher camponesa: aquela que atua no Movimento.

Com o passar do tempo, a elaboração da seção **Fala Mulher** sofre uma alteração e nos números mais recentes estão registradas já três histórias narradas em primeira pessoa. Agora as camponesas respondem, elas mesmas, às seguintes perguntas: “o que significa ser mulher camponesas? o que significa o MMC? como é sua atuação?” A mudança de sujeito das narrativas não alterou as informações aportadas sobre as camponesas: Lourdes, a bruxa Rafinha, nasceu em 1945; Lourdes, 56 anos; Teresa, 56 anos; Jurema, 53 anos e Angelina, 53 anos.

Uma leitura desta seção, levando em conta os valores já expressos nos documentos do MMC/RS, reforça o modo como ele vai propondo, construindo, aquele que deve ser o ideal de militante para o Movimento, ou seja, a que destaca sua conduta de militante e está a serviço do projeto coletivo.

Quero parar aqui para pensar no nome da seção e igualmente no nome do jornal, já que os dois empregam o mesmo tempo verbal, ou seja, o imperativo. Esta forma verbal, associada à noção de autoridade, da convocação e do aconselhamento expressa o lugar que o MMC/RS se atribui e a partir do qual enxerga as mulheres camponesas. Seu lugar é o de quem sabe, de quem a tem consciência e missão de conscientizar característico dos movimentos de esquerda e em consonância com seus princípios. Ao usar o imperativo para incitar as camponesas à ação, o MMC/RS parte do pressuposto de que, pelo menos nas questões que ele propõe (MESADRI, 2008), elas estão adormecidas, inertes e mudas. As que “despertam” são convocadas a se expressar e assim testemunhar sobre a realização de suas vidas enquanto militantes do Movimento.

Mas há ainda mais um conjunto das fotografias individuais. São 3 fotografias marcantes e que merecem um destaque mesmo que só uma faça parte da seção **Fala Mulher**. Elas apresentam três mulheres que já morreram. A primeira trata-se da fotografia de Loiva Rübenich, líder do MMC/RS, que faleceu em 5 de outubro de 2006 por motivo de doença. Já as outras duas referem-se a mulheres que foram assassinadas nos seus contextos de lutas sociais ligadas a terra. Trata-se da foto de Margarida Alves, assassinada em 12 de agosto de 1983, com um tiro no rosto e da foto do corpo da Ir. Doroty Stang, assassinada em 12 de fevereiro de 2005, com seis tiros.

No entorno deste último conjunto de fotos o MMC/RS denuncia a questão da violência que acompanha os processos de luta pelo acesso a terra no Brasil, mas também reforça nestas mulheres o aspecto das lutadoras sociais envolvidas visceralmente nos projetos de uma sociedade mais justas. Elas são bravas guerreiras e dispostas a sacrifícios e, portanto, exemplos e ideal a ser perseguido. Estes ideais já estão presentes nos valores propostos pelo Movimento, como por exemplo:

opção, amor à causa: a luta é uma opção séria e intransferível, onde os interesses pessoais estão à serviço do projeto e do coletivo com paixão e coragem;

coerência e exemplo: ser resistente e persistente, vivendo em nosso cotidiano aquilo que acreditamos e dizemos, sem deixar de estar aberta às transformações;

honestidade: ser verdadeira, agindo de acordo com as decisões do coletivo, não deixando se cooptar ou corromper. (MMC/RS, Cartilha, p.8,9,10)

Retomando o percurso analítico previsto pela linha base, quero pensar nos textos descritos acompanhada pela idéia de multiplicidade apresentadas por Deleuze e Guattari:

(...) mesmo quando se acredita atingir uma multiplicidade, pode acontecer que esta multiplicidade seja falsa – o que chamamos de radícula – por que sua apresentação ou seu enunciado de aparência não hierárquica não admitem de fato senão uma solução totalmente hierárquica.(DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 27)

Um primeiro olhar sobre os textos associados à linha base parece apontar para uma atuação claramente revolucionária do ponto de vista de ocupação do espaço público uma vez que as mulheres estão explicitamente ocupando um espaço que já foi exclusivamente masculino. Também a seção **Fala Mulher** pode aparentar que a garantia de um espaço destinando a fala das mulheres no seu mais constante veículo de comunicação expressa a democracia e a participação que se espera em um jornal produzido dentro de um enfoque popular.

Certamente estas idéias estão também na essência das iniciativas do Movimento, pois como já alerta Farrel (2006) as mulheres empreendem uma longa jornada, pessoal e coletiva até juntar-se em grupos e formar comunidades onde podem expressar-se. Mas as imagens, tal como podem ser lidas no jornal, dão a ver, também, marcas de relações hierárquicas e procedimentos dicotômicos. As marcas da hierarquia estão na supervalorização do espaço público, no esforço empreendido para justificar a presença das camponesas neste espaço.

A ação de comunicação, que é a produção do jornal, reproduz a dicotomia público/privado, do dentro/fora. A seção **Fala Mulher** reproduz esta lógica ao considerar material publicável somente as experiências ligadas ao MMC/RS. Há uma valorização dos aspectos da vida das mulheres vividos na coletividade e a expressão da individualidade causa surpresa como relatou na entrevista uma das dirigentes do Movimento:

(...)tem uma coisa que, que é. que a gente até se surpreendeu que é a história do quadro dos aniversários, que as mulheres, ãh...elas ..quem, quem participa, assim os nomes que aparecem que fazem aniversário ali são as mulheres que dão contribuição, né, até por que nós não teríamos como colocar todas as mulheres do Movimento de aniversário ali. (MARTINS, 2008, entrevista)

Há uma separação das que estão dentro das que estão fora que também é reproduzido pelas camponesas como já foi apontado na entrevista de uma das dirigentes (MESADRI, 2008), onde as próprias camponesas se utilizam do jornal para marcar um diferencial da vida em relação à vida das demais mulheres.

Assim, ao considerar os textos agrupados sob a linha base na perspectiva da multiplicidade, tal como proposta por Deleuze e Guattari (1995), observo o peso dos julgamentos morais e dos aprendizados de toda uma tradição social marcada por posturas machistas e autoritárias que acompanham homens e mulheres em sua circulação pelos espaços público e privado. O jornal, ao mesmo tempo em que registra os esforços de superação e combate a opressão das mulheres, registra também a força das heranças culturais atuando na essência de muitas das ações políticas do Movimento.

Em seguida vem a **linha superfície** que diz respeito às linhas abstratas, que são os fluxos e forças que atuam sobre o território e configuram o mapa. Entendendo a superfície “um espaço para construção” (Houaiss, *on line*). Interessa compreender o jornal como (a) esta superfície que registra o movimento do MMC/RS entre as forças que atuam sobre ele. Estão organizados nesta linha os textos que apresentam os inimigos do projeto de lutas do MMC e também seus modelos e ideais de luta para captar de que maneira o Movimento insere as camponesas no embate entre essas forças.

No jornal *Desperta Mulher* o MMC/RS se preocupa em reforçar qual sua missão, como fica(†) claro nos seguintes trechos:

(...) vamos continuar caminhando rumo a construção do socialismo feminista, que defende e preserva a vida” (DESPERTA MULHER, n. 68, nov/dez 2005)

(...) o debate feminista e camponês reafirmou nossa identidade como movimento de mulheres camponesas, e destacou que a nossa luta é de gênero e de classe (DESPERTA MULHER, n. 65, mai/jun 2005)

E para dar conta desta missão, o MMC/RS vai se preocupar em apresentar no jornal aqueles com quem se pode contar e ainda os que representam seu ideal desta sociedade mais justa e seus modelos de fazer revolução. Vão aparecer como aliados do projeto de sociedade proposto pelo MMC/RS setores como a Igreja que vai se manifestar em apoio às camponesas no episódio da Aracruz, a universidade, em especial a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a qual o Movimento tem uma parceria importante para formação e também para as discussões sobre o deserto verde. Neste conjunto de apoiadores estão os outros movimentos sociais que compõem a Via Campensina, cujas atividades sempre são anunciadas e reforçadas pelo jornal.

Também o governo do presidente Lula vai aparecer entre estes aliados do MMC/RS como quando aprova um seguro agrícola, mas esta posição vai oscilar em vários momentos e o governo também vai figurar entre os inimigos e receber duras críticas e cobranças (DESPERTA MULHER, n. 59/2004, n. 62, 66 e 67/2005, n. 70/2006)

Na outra face desta superfície, no outro extremo, estão os inimigos do projeto do MMC/RS claramente nominados e em maior número que os aliados: a Rede Globo, as empresas de celulose, os plantadores de eucalipto, o governo Yeda, o agronegócio, os Estados Unidos, as multinacionais, a União Democrática Ruralista -UDR, a Monsanto, o George Bush, a polícia com referência explícita ao Coronel Mendes²⁸ e Renan Calheiros.

Alguns trechos do jornal revelam a leitura que o MMC/RS faz das ações dos seus inimigos e os esclarecimentos que o jornal leva às camponesas:

(...) a influência da elite continua forte e agindo na sociedade e dentro do Estado, como podemos ver na composição política brasileira. (DESPERTA MULHER, n. 57 jan/fev, 2004)

O capitalismo baseado na exploração dos trabalhadores se mantém nos dias atuais pelo modelo neoliberal, onde o dinheiro e o livre comércio comandam o curso da história. Como conseqüência temos milhares de pessoas morrendo de fome em todo o mundo e a exploração principalmente das mulheres (DESPERTA MULHER, n. 57, jan/fev, 2004)

(...) a América latina tem o maior aquífero do mundo, o aquífero guarani, um reservatório de 1,2 milhes de quilômetros quadrados localizados no subsolo dos países do MERCOSUL. Os Estados Unidos já estão de olho (DESPERTA MULHER, n. 59, mai/jun, 2004)

Na luta contra estes inimigos o MMC/RS se preocupa em destacar no jornal notícias que dão conta de ações concretas e exemplos de transformação social, indícios de uma revolução possível.

No número 68 do jornal **Desperta Mulher** há uma matéria sobre a cúpula dos presidentes da América destacando uma atividade de organizações com inspiração bolivariana: “Ali se realizou o ato pela dignidade latino-americana, no qual se puderam escutar testemunhos excepcionais de pessoas que lutam contra as políticas do governo Bush, entre eles o presidente venezuelano Hugo Chaves.” (nov/dez, 2005). A Venezuela já havia aparecido em um número anterior como destaque de política anticapitalista: “O significado do governo Chaves: o resultado do referendo venezuelano amplia as forças de transformação da América Latina” (DESPERTA MULHER, n. 60, jul/ago, 2004).

²⁸ Paulo Roberto Mendes, Comandante-Geral da Brigada Militar do RS até o final de 2008. Em outubro de 2008, durante a Marcha dos Sem organizada pela Via Campesina houve um confronto entre policiais e integrantes dos movimentos sociais, que responsabilizam o Coronel Mendes pelas agressões sofridas.

O jornal se esforça ainda na construção de outra leitura sobre Cuba que em geral é alvo de críticas na grande imprensa e em uma matéria é apresentada como: “Cuba um país solidário” (DESPERTA MULHER, n. 60, jul/ago, 2004)

E toma para si a responsabilidade de conscientizar as camponesas. O MMC/RS alerta as mulheres sobre as estratégias dos inimigos para em seguida convocar-lhes para a tarefa de combatê-los e indicando o lugar onde começar: “Por isso não deixe de se organizar em grupos de base” (DESPERTA MULHER, n. 71, set/out, 2006).

Estes alertas podem se referir, por exemplo, aos meios de comunicação como fica claro no jornal número 70 (mar/ago, 2006), o primeiro editado após a ação de ocupação da Aracruz:

Você pode acompanhar na Globo, por exemplo, ou em outras emissoras de TV, a dominação que as grandes empresas têm na mídia quando os fatos são mostrados só com o olhar da empresa. Assim por acreditar na importância de um jornal que possa mostrar a versão das trabalhadoras, é que retomamos a edição e alertamos: sempre que você olhar uma notícia na TV, ou ler um desses jornais comerciais, pergunte-se: quem está contando a notícia; que interesse há em narrar este fato; há outras versões deste fato, quais; Desperte mulher! Seja crítica, vá à luta e divulgue o nosso jornal. Desperte homem! Seja crítico, vá à luta e divulgue o nosso jornal. (DESPERTA MULHER, mar/ago, 2006)

Cinco edições mais tarde o alerta permanece na manchete da seção Conjuntura: “Cuidado com a Rede Globo” (DESPERTA MULHER, n. 75, mai/jun, 2007).

A convocação à ação de resistência e transformação social aparece também na seção conjuntura do número 66: “Devemos denunciar os métodos utilizados pela burguesia, a falsa democracia, identificar quem são nossos inimigos; unir forças populares; estimular as lutas sociais com propostas concretas” (jul/ago, 2005).

E ao se referir ao governo Lula como “um governo que não consegue dar respostas às necessidades básicas da classe trabalhadora” (DESPERTA MULHER, n.67/out, 2007), o MMC/RS convoca outra vez:

(...) agora estamos diante de um desafio ainda maior. Frente à conjuntura atual e a crise do nosso Brasil, temos que organizar o povo para avançar na construção de um projeto popular de mulheres e homens livre para o nosso país. (DESPERTA MULHER, n.81 jul/ago, 2008)

Porém, se por um lado os textos mostram a coerência entre as matérias do jornal e o projeto do MMC como um movimento social disposto a construir um projeto popular para o

Brasil, alguns deles também revelam trazer para o jornal uma elaboração discursiva baseada no conceito de gênero, ainda hesitante, marcada por avanços e recuos.

A mesma mulher que é convocada à ação antiimperialista e anticapitalista ainda é compreendida pelo MMC/RS dentro de um esquema idealizador da mulher-mãe, da mulher como um ser mais sensível e capaz de dar a vida, como nos dois trechos abaixo:

Nada melhor, então, do que fazermos a ligação com a luta pela defesa da vida. Quem sente calar mais profundo que uma mãe, quando seus filhos sofrem por fome ou desabrigo. A defesa da vida está na entranha destas mulheres que buscam as mais variadas formas de resistência e sobrevivência. (DESPERTA MULHER, n. 59, mai/jun, 2004)

Nós, mulheres camponesas, carregamos uma grande capacidade de promover a vida e defende-la. Precisamos reunir luta e sensibilidade, ternura e dureza, decisão e democracia, fazendo de nossa vivencia uma grande escola, para nós mesmas, para as gerações futuras e todos (as) que querem seguir o exemplo de construir mudanças cotidianas e revolucionárias. (DESPERTA MULHER, n. 61, set/out, 2004)

Outro conteúdo bastante freqüente no jornal **Desperta Mulher** é o da violência contra as mulheres. Ele chega ao jornal através da divulgação de seminários de formação, de texto para estudo e do engajamento nas campanhas nacionais mostrando a importância deste tema no enfrentamento da situação de opressão às mulheres. Mas seu tratamento também deixa entrever movimentos ainda instáveis de apropriação dos conceitos de gênero e dos enfoques feministas para tratar do tema. O editorial do número 76 explicita a complexidade do tema, mesclando um tom de alerta, de culpa e a consciência da enorme tarefa a ser realizada:

(...) ainda é preciso lembrar da violência domestica que faz diariamente muitas vitimas mulheres, mortas, violentadas, espancadas, exploradas.

(...) a violência invisível tá sempre presente (...) ela vai entrando em nós com o leite materno, no cuidado das crianças. Portanto nunca chegaremos a um lugar onde não haverá violência. Nosso esforço é construir relações com menor violência e construir uma cultura feminista. (DESPERTA MULHER, n. 76, jul/ago, 2007)

Se ao se referir a questões da conjuntura política ou econômica o MMC/RS não tem dificuldade em nomear seus inimigos, quando se trata da violência doméstica o contorno deste território, deste espaço em construção de entendimentos, se apresenta em traços inseguros e o inimigo não é identificado. As abordagens, na maioria das vezes, assumem o tom abrangente construindo uma idéia de distanciamento desta realidade. Em grande parte das matérias a

linguagem é a mesma das campanhas da grande mídia e a violência permanece em **um lugar** afastado.

Há, no entanto, um texto que ao tratar da violência doméstica ensaia um discurso mais próximo do cotidiano das camponesas como mostra o trecho abaixo, publicado na seção texto para estudo do número 68, com o título “Enfrentando a violência contra a mulher”:

Clara foi criada em uma época em que a mulher devia ser obediente ao marido, por isso muitas vezes quando à noite seu marido quer ter relações sexuais e ela não tem vontade, não contradiz. Clara nunca sentiu prazer. (...) ela começou a participar de um grupo do MMC, e pouco a pouco, começou a se conscientizar. Está aprendendo que a violência psicológica é feita através de humilhações e palavras grosseiras, que causam mágoa, tristeza e depressão. (...) ao deitar sua cabeça no travesseiro ela chorou, pois começou a entender que estava sofrendo violência dentro de sua casa (DESPERTA MULHER, n. 68, nov/dez, 2005)

Este texto marcou, na minha leitura, um momento de entrelaçamento entre as linhas que estão cruzando o texto. Ele representa um registro dos movimentos de rompimento com as lógicas de opressão às mulheres e as transformações em suas vidas. Falar da violência doméstica é trazer à cena pública, é publicar sobre acontecimentos do espaço reservado da casa e incluí-lo nas questões que devem ser debatidas pelo conjunto da sociedade e dizer que isso também diz respeito às camponesas.

E este é um dos objetivos da **linha lilás** relacionada às linhas flexíveis que realizam pequenas transformações nas suas movimentações. Esta linha busca as possíveis transformações na vida das mulheres camponesas e pretende também organizar os textos que representem uma memória das lutas das camponesas no RS.

Nas transformações que identifiquei está o rompimento com os papéis sociais tradicionalmente atribuídos às mulheres e o esforço de tratar a questão da violência contra as mulheres. Se por um lado na **linha superfície** identifiquei a dificuldade no tratamento do tema, a quantidade de matérias publicadas expressa a determinação do movimento de avançar nas discussões e elaborar uma abordagem capaz de dialogar com as camponesas. Este esforço se traduz nas diversas matérias publicadas no jornal sobre tema violência. Estas são algumas das manchetes:

- Aborto mata cinco mil mulheres por ano na América Latina (DESPERTA MULHER, n. 61, set/out, 2004)
- Mobilização pelo fim da violência contra as mulheres (DESPERTA MULHER, n. 62, nov/dez, 2004)
- Carta mundial das mulheres para a humanidade (DESPERTA MULHER, n. 64 mar/abr, 2005)
- Com a força das bruxas (DESPERTA MULHER, n. 67, set/out, 2005)

- 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres (DESPERTA MULHER, n.78, nov/dez, 2007)
- Seminário para discutir violência (DESPERTA MULHER, n. 81, jul/ago, 2008)
- Via campesina e campanha pelo fim da violência contra a mulher (DESPERTA MULHER, n. 82 set/out, 2008)

Mas, ao olhar para os textos, considerando a perspectiva da linha lilás de registrar transformações, mais dois conteúdos cujas matérias são frequentes se sobressaíram. São os momentos e espaços de formação propostos pelo MMC/RS que já foram destaque através das fotografias analisadas na linha base e as matérias que abordam, também na perspectiva da formação, a questão do feminismo e do conceito de gênero.

Os processos de formação do MMC/RS se dão dentro de um ideal de educação como esclarece o texto para estudo do número 78 do jornal **Desperta Mulher**: “Para o MMC a educação precisa ser comprometida com o processo de libertação das pessoas, de modo especial das mulheres, que são as mais negadas do direito ao acesso a educação formal” (nov/dez, 2007).

Assim o MMC/RS se preocupa em garantir às mulheres o acesso à educação formal e registra no jornal o fato de suas militantes estarem na universidade cursando pedagogia, desenvolvimento rural e gestão agroindustrial. O jornal divulga e incentiva a participação das mulheres em cursos técnicos e de extensão, tais como Técnico em Agropecuária Ecológica (n. 73, jan/fez, 2007), curso de extensão sobre Realidade Brasileira, sobre Comunicação (n.77, set/out, 2007) e Economia Invisível das Mulheres Camponesas, estes dois últimos em parceria com a UFRGS (n. 81, jul/ago, 2008). Além disso, o próprio MMC organiza seminários temáticos para discutir, por exemplo, socialismo e luta de classes (n.62, nov/dez, 2004) e o deserto verde (n.70, mar/ago, 2006).

Os conteúdos que tratam da perspectiva feminista e de gênero representam um conjunto importante de textos do jornal *Desperta Mulher* como mostram algumas manchetes:

- Ivone Gebara participa de seminários em Passo Fundo e fala sobre gênero e cultura (DESPERTA MULHER, n. 68, nov/dez, 2005)
- Seminário de formação “O feminismo é uma forma de reagir contra a violência” (DESPERTA MULHER, n. 69, jan/fev, 2006)
- As bruxas são más? (DESPERTA MULHER, n. 61, set/out, 2004)

No entanto, quero me deter um pouco no número 59 do Jornal, na seção texto para estudo, sob o título “A visão de gênero na perspectiva feminista” onde o Movimento traz um esclarecimento:

Temos aí outra polêmica, há quem diga que o feminismo exclui os homens e que a mulher deve ser feminina. Isto nada mais é que do que a tentativa de deixar tudo como está. Mulher feminina é igual a “mulher ideal”, que simplesmente agüenta tudo, até violência...por que “este é o papel da mulher”. O feminismo, ao contrário do que falam, é um movimento social, político e econômico que luta pelos direitos das mulheres, o que não significa tirar os direitos dos homens, mas ampliar o das mulheres. (DESPERTA MULHER, n. 59, mai/jun, 2004)

Este texto me remete ao “espaço para construção” da linha superfície, porque deixa à vista traços dos processos internos e da relação com as militantes neste esforço de consolidação do MMC/RS como um movimento feminista. Este é um processo permeado por avanços e recuos, pois na sexta Assembléia Geral, quando foram aprovados os princípios e valores do Movimento, entre os primeiros, os que esclarecem sob que noções e conceitos ele norteia sua ação, sua organização e seus objetivos, na idéia de feminino e feminista não aparece a contradição que o texto acima indica:

e) feminino e feminista: é composto por mulheres comprometidas com a transformação nas relações sociais de gênero e classe, buscando a integralidade do ser humano. (MMC/RS, Cartilha, p.8,9,10)

Assim apesar da visível dificuldade de implementar esta decisão política, o conjunto dos textos sobre feminismo e gênero publicados no jornal vai testemunhar o esforço do Movimento em apresentar elementos, de propor entendimento capazes de construir o movimento feminista que ele se propõe a ser.

No que diz respeito aos textos para compor a memória das lutas das camponesas entre e 2004 e 2008, a observação dos 25 exemplares do jornal **Desperta Mulher** permite agrupar as matérias sob alguns temas que mobilizaram os esforços da direção estadual, ocuparam as camponesas e pautaram suas ações políticas. Os temas identificados são: **a)** assegurar as conquistas da previdência pública; **b)** a divulgação da Lei Maria da Penha; **c)** discutir o “deserto verde”; **d)** aumento do salário mínimo e **e)** as campanhas “Uma vida sem violência é um direito das mulheres” e “16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres”.

Assim através da linha lilás, que marca as transformações, o jornal se configura como um elemento importante de registro da participação das camponesas gaúchas ligadas ao MMCRS no cenário político que garantiu direitos que já estão sendo usufruídos por todas as mulheres que vivem no campo e indica ainda que cada vez mais elas se apropriam das questões que preocupam a sociedade como um todo e se engajam nos debates que envolvem os projetos de desenvolvimento rural.

A quarta e última linha rizomática de análise é a **linha semente**. Esta linha relaciona-se com as linhas de fuga, as que têm conexões imprevisíveis e operam sobre o desejo e a criação. Na perspectiva de Deleuze e Guattari “há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma, estas linhas não param de se remeter umas às outras” (1995, p. 18). Assim, a idéia de semente interessa como por representar tudo que se lança à terra para germinar, é aquilo que com o tempo, há de produzir certos efeitos (HOUAISS, *on line*). Interessa por carregar o potencial do novo e inesperado, de algo que pode vir a se concretizar ou não, mas que permanece na ordem do possível.

Na análise do jornal **Desperta Mulher** a **linha semente** vai observar aqueles movimentos que escaparam à vigilância de um movimento de militância de esquerda, caracterizados pela lógica do coletivo, do sacrifício pela revolução e que podem traçar outros percursos e talvez acionar outros valores, diferentes daqueles propostos pela documentação do MMC/RS, mas que fazem parte do universo das mulheres camponesas.

Minha aposta para encontrar estes traços com potencial de desobediência a lógica que orienta o MMC/RS e o jornal foi buscar os textos que fazem referências às individualidades da ordem do privado, que deixam entrever a mulher antes ou além da militante camponesa e ainda aqueles que não se caracterizam por aspectos informativos e formativos. Estes aspectos estão organizados em quatro grupos de texto.

Destaco no primeiro grupo a seção dos **Aniversários**. Ali o jornal publica a lista das aniversariantes do bimestre com o nome completo, a cidade onde vive a camponesa e a data de seu aniversário. Nas 25 edições que compõem o *corpus* somente os números 57 (jan/fez, 2004) e 61 (set/out, 2004) não trazem a lista. Para ter o nome incluído na lista a camponesa faz uma contribuição que é espontânea. No ano de 2007, 111 camponesas tiveram seus nomes citados, ou seja, contribuíram financeiramente e o relato de uma das dirigentes dá a medida da importância desta seção para as camponesas:

(...) ou então se por algum lapso um nome que deveria aparecer ali não apareceu, elas nos cobram...” ah!! meu nome não tava lá mês passado e eu tava de aniversário” e tal. Daí, isso foi na verdade uma surpresa, por que a gente não esperava...que isso, teria essa... e tanto é que quando elas dão a contribuição, é dar o nome e data de aniversário bem certinho prá não ter problema de esquecer disso, né...então é uma coisa bem interessante. (MARTINS, 2008, entrevista)

Assim, contrariando um pouco a lógica do espírito coletivo, a seção acabou por mobilizar nas camponesas um desejo de reconhecimento individual e visibilidade dentro do

contexto do Movimento. Um desejo de ser vista na sua individualidade, para além da sua face militante.

No segundo grupo de textos me voltei para quatro poesias publicadas no jornal, todas assinadas individualmente, das quais destaco alguns trechos significativos. No número 58 (mar/abr, 2004), Natalina Feldkircher, de Cruz Alta escreve “Tive medo de um temporal, onde encontrar a coragem e a força para enfrentar este destino?”; Simone Clair Wendling encerra um texto poético intitulado “Realidade”, afirmando:

Além de tudo isso é preciso ter coragem de assumir os nossos atos, nossas palavras e principalmente, ter muita coragem de assumir os sentimentos que nos inundam a cada momento (DESPERTA MULHER, n. 61, set/out, 2004)

Em outros poemas, compostos de 4 estrofes rimadas, Isaura Conte afirma: “queremos viver a beleza, dançar, apreciar as cores, queremos celebrar nossos amores” (DESPERTA MULHER, n. 74, mar/abr, 2007)

No terceiro conjunto de textos destaco conteúdos ligados à vida e à morte. No seu número 75 o jornal **Desperta Mulher** publicou um texto breve, relatando o nascimento de duas crianças, filha e filho de militantes:

nestes últimos meses tivemos o nascimento de dois bebês de companheiras nossas. Os nossos parabéns e o nosso desejo de felicidade às companheiras de luta: à mamãe Adriana Mesadri da Região do Alto da Serra e sua filha Dandara Loiva e à mamãe Marilene Schalavin da Região Palmeira e seu filho Anderson. O desejo do MMC é que Dandara e Anderson possam crescer como construtores e com a esperança de uma nova sociedade, mais justa, solidária e igualitária (DESPERTA MULHER, n. 75, mai/jun, 2007)

O tema da morte já foi tratado na linha base, mas quero trazer outra vez o destaque para os textos que marcam o tempo de falecimentos da dirigente Loiva Rubenich. Os números 71, 72 e 77 (set/out e nov/dez de 2006, e set/out de 2007, respectivamente) vão fazer referência a esta líder que morreu de forma abrupta causando tristeza e desconcerto na Direção do Movimento.

O número 71 (set/out, 2007) traz uma seção Fala Mulher *in memoria* contando um pouco da trajetória de Loiva, apresentada como “feminista, lutadora, companheira e amiga”. Na contra capa do número 72 (nov/dez, 2006) uma nota lembra os 2 meses da “perda” da dirigente que tinha, segundo relato, boa parte da memória do MMC/RS, agora impossível de ser recuperada. O jornal número 77 (set/out, 2007) marca o aniversário de 1 ano da morte de Loiva com um texto que recupera outra vez sua trajetória como militante, sua força, sensibilidade e alegria.

No quarto e último conjunto de texto, que fecha a análise do jornal a partir da **linha semente**, quero destacar alguns textos que se referem ao tema da violência contra as mulheres. São três textos, extraídos de um conjunto significativo numericamente, onde a narrativa assume um tom mais particular esboçando um movimento de aproximação com a leitora camponesa. São umas poucas frases, mas que arriscam sugerir que isto pode estar acontecendo nas casas delas. Na seção texto para estudo do número 62, que tematizou a violência mascarada, o texto exemplifica:

“O marido fala pra esposa:
- Você não sabe nada” (DESPERTA MULHER, n. 62, nov/dez, 2004)

No número 69 o jornal publicou uma entrevista com Ivone Gebara com o seguinte título **Violência: destino ou realidade a ser mudada**. No final da conversa a filósofa toca na relação das mulheres com seus maridos e diz “a mãe dos teus filhos não pode apanhar do pai dos teus filhos” (jan/fev, 2006). O tema da violência volta na seção texto para estudo do número 73 e o jornal questiona: “quem de nós já não foi vítima de algum tipo de violência? Algum xingamento, algum empurrão, tapa, privação de direito?” (jan/fev, 2007)

Estes quatro conjuntos de textos do jornal **Desperta Mulher**, na minha leitura, escapam, por sua forma ou conteúdo, do fio condutor que sustenta o jornal. A fala das dirigentes é bem clara ao defini-lo como espaço de formação e informação sobre o Movimento. Os princípios e valores do MMCRS apontam para a centralidade das lutas coletivas e a perspectiva da militância como fonte de satisfação e realização para as mulheres camponesas.

Os textos associados à linha semente interrogam, falam de temores e desafios, de desejos e de emoções e amores. O jornal deixa entrever com isso as outras faces da mesma mulher militante que não tem espaço no projeto político que o jornal luta para consolidar. Os temores e desejos pessoais não estão definidos nem no grupo dos aliados, nem no grupo dos inimigos das bandeiras de lutas do Movimento, mas encontram brechas para se manifestar.

A morte de uma companheira de luta traz à tona relações de amizade e afeto e toca em sentimentos de insegurança e perda. E se a morte expõe a fragilidade da vida, o relato dos nascimentos assegura que a vida segue seu curso e a esperança e as lutas têm razão de ser e se supera o medo do fim através da valorização da função feminina de dar a vida.

E se há o anseio de cantar os amores, há também o conhecimento de que as experiências amorosas também podem fazer par com a dor e o medo. Há medo inclusive de nomear estes fatos. Então, os relacionamentos amorosos, a vida afetiva das camponesas, dimensão privada e íntima que não cabe no projeto de revolução, tateia maneiras de se colocar no

cenário do Movimento fazendo movimentos de aproximação com este projeto grandioso e exigente de construir um mundo mais justo.

Estes textos podem ser lidos como sementes. Carregam a potencialidade de inúmeros efeitos impossíveis de serem controlados. Que afetações vão desencadear só uma pesquisa específica pode detectar, mas é certo que se num primeiro momento eles escapam e desaparecem no jornal, vão ao longo do tempo se reencontrar com o território do jornal, alterar sua superfície e assim lançar outras bases para o projeto político do Movimento.

Este percurso rizomático empreendido através do jornal, foi marcado pelo encontro constante com o MMC/RS e com suas militantes. O jornal é a consolidação das muitas entradas possíveis para a compreensão deste movimento social que compõe o cenário das reivindicações por justiça social no Brasil, no universo rural. O jornal **Desperta Mulher**, que obedece na sua feitura a critérios de uma comunicação comprometida e engajada com a causa das mulheres, é o elemento que articula intensidades (DELEUZE e GUATTARI, 1995) e estabelece ligações potenciais de multiplicidades.

Ele articula as intensidades vividas no contexto do Movimento por mulheres que ora são desafiadas e ora desafiam as noções tradicionais do que deve ser a vida de uma mulher, de uma camponesa. O jornal retrata, relata e publica a ocupação do espaço público, espaço concreto e visível de poder e assim empodera as camponesas.

Os textos reunidos no **Desperta Mulher** se ligam aos projetos de multiplicidade que mantém engajadas mulheres em todas as sociedades porque garantem sua memória. Será esta memória que falará sobre as lutas e sobre quem lutou para combater o esquecimento, porque esquecimento gera invisibilidade. Eles servem para “combater o desperdício de experiências” de acordo com a proposição de Santos (2007), segundo a qual permaneceriam invisíveis por que são hostilizadas pelos meios de comunicação comerciais.

O jornal articula os passos do Movimento e das camponesas na sua longa caminhada rumo ao seu projeto de emancipação feminina e ao colocar lado a lado seus avanços e recuos, o traz para o terreno do possível suas vivências, dá concretude e permanência para seus questionamentos, suas reivindicações e suas conquistas.

TERCEIRO ESPAÇO DE CONEXÃO



Desperta MULHER

Informativo do Movimento de Mulheres Camponesas - RS
Ano XIV - Nº 79 - Março e Abril de 2008

***Jornada de luta das mulheres da Via mobilizam
mais de 1500 mulheres camponesas no estado***

Desperta Mulher, n. 79, mar/abr, 2008

ESPAÇOS DE FORMAÇÃO



ESPAÇOS PARTICULARES

Aniversários

Ironi Pessi – Maquiné – 03/07
 Jurema Justo Mengue – Três Cachoeiras – 06/07
 Farmácia Comunitária Sempre Viva – Três Cachoeiras – 08/07
 Iris Bencke – Horizontina – 14/07
 Lizandra Devontier Zilner – Canguçu – 17/07
 Maria de Lurdes Zanetti Ferreira – Piratini – 23/07
 Lourdes Maria Gewehr – São Pedro do Butiá – 29/07
 Cleusa Terezinha Biasi – Charrua – 29/07
 Erna Sauter – Crissiumal – 30/07
 Lourdes Speranza – Bento Gonçalves – 30/07
 Rosa Nesthal Jung – Pelotas – 31/07
 Narda Roubes Butzon – São Pedro do Butiá – 31/07
 Alice K. Pety – Horizontina – 01/08
 Maria Ernestina Lunetz Lentz – Torres – 10/08
 Helena Fernandes Borges – Três Cachoeira – 14/08
 Vera Lúcia da Rocha Fagan – Julio de Castilhos – 15/08
 Delaide Santos Pereira – Morrinhos do Sul – 21/08



Desperta Mulher, n. 78 nov/ dez 2007



Aniversários

Queremos parabenizar as companheiras assinantes que aniversariam nestes meses de maio e junho.

Eloá d'Ávila Costa – Piratini – 02/05
 Grupo Filhas da Terra – Três Cachoeiras – 05/05
 Noemi de Abreu Padilha – Sede Nova – 06/05
 Corinne Dobler – Passo Fundo – 11/05 (Cooperante)
 Miriam Post – Inglaterra – 13/05
 Delaide Santos Pereira – Morrinhos do Sul – 21/08
 Irdes Lúcia Guadagnin – Lages – 23/05
 Olga B. Link – Horizontina – 26/05
 Hilda Lumertz Borges – Três Cachoeiras – 28/05
 Nilva Pooter Holz – Novo Xingu – 01/06
 Rosa Bozpalto Rösch – Horizontina – 05/06
 Grupo Krakatoa – Sede Nova – 07/06
 Lenita da Rosa Prestes – Piratini – 12/06
 Lizete Focan Focce – Nova Palma – 17/06
 Odete Lodi Toazza – Ibiraiaras – 18/06
 Madalena Centenário Dalpiaz – Torres – 21/06
 Luciana Piovesan – Ronda Alta – 23/06
 Sueli Silveira Ferreira – Canguçu – 28/06
 Neli Magnus Schwannck – Três Cachoeiras – 29/06



ESPAÇOS DE AÇÃO



Desperta Mulher, n. 65 mai/ jun 2005



Imagens do 8 de março de 2007. Fonte: MMC/RS

Os outros caminhos e a uma cartografia final

Este é o último mapa desta pesquisa. Desafio maior de sobrepor todos os mapas para dar a ver um território nítido e claro, mas não definitivo e murado. Esta é a minha cartografia particular e a hora marcada para encerrar este percurso que seguiu e produziu caminhos entre o Movimento de Mulheres Camponesas - MMC/RS e seu jornal **Desperta Mulher**.

Não que as possibilidades cessem de surgir. Cada um dos mapas que compôs a cartografia, que este relato pretendeu ser, é pleno de múltiplos caminhos e pode(m) ser percorrido com outros objetivos. Todas as leituras e análises por certo deixaram regiões inexploradas e ignoram tramas que estão por acontecer.

Outros caminhos permanecem abertos no tempo da duração que não se interrompe e este relato busca equilíbrio no tempo cronológico que o faz viável e que já está contado.

O objetivo desta cartografia final é organizar as respostas, os “nortes”, que foram sendo traçados em outros mapas ao longo da pesquisa e que neste momento respondem as questões que problematizam a relação entre o Movimento e o jornal na perspectiva da construção de um projeto de mulher camponesa.

Do mapa do MMC/RS trago os contornos de um movimento social, recentemente organizado em nível nacional, com objetivos claros para o país e para as mulheres. Construir em conjunto com outros movimentos sociais do campo um projeto popular centrado na agricultura familiar e na valorização da produção de alimentos dentro dos parâmetros de integração e respeito ao meio-ambiente, este é um projeto com uma trajetória mais longa. Recente na história desta organização, que tem 21 anos, é a explicitação de que este projeto deve ser construído levando em conta a perspectiva das mulheres. E é esta perspectiva, traduzida em princípios e valores, que integrou as pautas de unificação dos movimentos de mulheres do campo e o que o MMC/RS leva a disputa de projetos junto aos outros Movimentos como a da Via Campesina no RS, por exemplo.

Este projeto, idealiza(n)do a partir de bandeiras de luta, claramente identificado com leituras sociais marxistas, pede um sujeito também ideal. Este sujeito é uma mulher que a partir de agora deve se autodenominar camponesa e responder a uma conduta que foi acordada em grupo. Esta conduta é exigente de uma opção pela causa, de disciplina e de exemplo.

Este ideal de projeto e sujeito foi aprovado na 6ª Assembléia e publicado numa Cartilha de Resoluções em 2005. Certamente todas as ações do Movimento a partir de então se organizam a partir destes marcos, mas o jornal **Desperta Mulher**, conforme já visualizado a partir da linha superfície, é o espaço privilegiado de construção-concretização desta mulher camponesa. As razões deste privilégio estão nas suas características de veículo de comunicação e no papel que MMC/RS lhe delega e que se cumpre em movimentos entre forças aliadas e projetos inimigos.

O jornal **Desperta Mulher**, cuja história inicial não está mais acessível, nem mesmo para o próprio Movimento, carrega as marcas da comunicação popular podendo ser reconhecido como um jornal que não responde a critérios comerciais. Embora ele corresponda ou reproduza aspectos do que se compreende como um padrão de jornal nos cuidados da forma, nas seções que se repetem em todos os números, por exemplo, o seu único compromisso é estar a serviço do projeto do MMC/RS. Por suas características, estabelecidas dentro dos marcos da comunicação popular, ele cumpre a atribuição de levar às militantes informações que acabarão por consolidar um processo de formação.

Estas informações, além de dar conta da agenda política do Movimento, se preocupam em apresentar versões alternativas para pautas da grande mídia. Mas a maior e mais constante pauta são as camponesas, em breves trajetórias, em ação nas ruas e em processo de formação. A formação está presente ainda como função do jornal que oferece em todas as edições conteúdos para serem estudados.

Assim, o jornal **Desperta Mulher** participa da construção de um ideal de mulher camponesa porque integra o projeto político do MMC/RS e dá visibilidade à atuação das militantes em seu conjunto apresentando uma unidade nas reivindicações e compartilhando igualmente os méritos das conquistas. Mas é também lugar de pertencer, encontrar e ser vista nos moldes mais atualizados dos modernos meios de comunicação.

O jornal, como suporte comunicacional de reconhecida função de memória histórica, fixa os rastros e percursos empreendidos por mulheres gaúchas na busca de sua emancipação. Esta emancipação também é parte do projeto do MMC/RS e está expresso nas suas bandeiras de lutas. No jornal ele se traduz como engajamento feminista. Este

engajamento, **que** é um esforço por criar um mundo livre de discriminação de gênero e posturas machistas, se concretiza na articulação dos conteúdos do jornal ao projeto político do MMC/RS.

A linha lilás, ao detectar o traçado das transformações que o jornal **Desperta Mulher** registra, aponta para os conteúdos ligados aos processos de formação e aqueles que buscam propor versões das elaborações teóricas feministas e dos estudos de gênero que se aproximem do contexto das camponesas. O ponto de partida para este exercício é a adoção, por parte do Movimento, do conceito de gênero para pensar a relação mulher/homem. Esta decisão se expressa na promoção de seminários para discutir o tema, na oferta de textos no jornal (,) que buscam esclarecer que sujeitos masculinos e femininos são uma construção social e cultural (,) com marcas temporais sob as quais vão se estruturar as atribuições de diferentes papéis e lugares sociais a ambos os sexos.

Demonstra este engajamento também o tratamento das questões ligadas à violência contra as mulheres que dá conta ainda do momento “entre” que vive o Movimento. Há uma clara decisão de abordar esta questão, mas são movimentos complexos de avanços e recuos entre uma educação para o silêncio e a articulação de palavras para se fazer ouvir. O jornal registra bem este momento de desafio, de sonhar com uma sociedade de seres equivalentes e, desafio ainda maior, de apontar esta possibilidade como válida também para o universo rural.

Também a abordagem dos conteúdos ligados aos processos de formação ofertados ou promovidos pelo MMC/RS dá conta deste alinhamento à bandeira de luta contra o machismo e opressões de gênero, pois pode potencializar nas mulheres camponesas sua competência argumentativa, já necessária para negociar espaços, começando por sua casa. Oferecer espaços de formação significa acreditar no poder transformador da educação e na potencial necessidade das mulheres acolherem estes espaços e se fortalecerem neles coletivamente.

Mas o jornal *Desperta Mulher*, como um importante mapa impresso da história das lutas das mulheres camponesas no RS, porque guarda versões em autodenominação, registra também as resistências e as negociações para a implantação de um projeto para o qual a prioridade é o coletivo.

Este projeto de mulher camponesa do MMC/RS abriga movimentos motivados por valores individuais. Contrariando a lógica do coletivo e desviando o foco da revolução as camponesas querem ver, e que seja visto, seu nome e sua fotografia estampados no jornal.

A linha semente se moveu entre datas de aniversário, expressões poéticas, entre o medo e a esperança para registrar não a negação do grupo, mas o potencial da parte, do nó que sustenta a trama. Trama que se desenvolve na rua.

E é para mostrar as mulheres camponesas na rua que jornal **Desperta Mulher** organiza seus conteúdos evidenciando atividades de protesto, ocupação e manifestações diversas. Pelo jornal a militante do MMC/RS não está em casa, não está plantando, colhendo ou em família, está em constante atividade de luta.

Seguidas pela linha base, lado a lado com outras mulheres e confirmadas pelo jornal, as camponesas irrompem no espaço público para romper com papéis sociais tradicionais ainda que estas imagens também participem de processos de negociação individuais e institucionais onde a igualdade entre homens e mulheres não está consolidada. O jornal nomeia os projetos e atores chamados a reelaborar os papéis sociais de mulheres e homens a partir do conceito de equivalência.

Viabilizar esta equivalência pressupõe a crença numa mobilidade identitária de mulheres e homens reforçada pela idéia de um aprendizado e re-aprendizado de papéis. Se aprendo de uma maneira, posso reaprender de outra. Mulheres e homens são chamados a reconhecer sua participação nos procedimentos binário-opositores e são desafiados a mover-se para além da troca de lugares. Estes movimentos estão prescritos nos princípios e valores do MMC/RS, na direção de um projeto de mulher camponesa.

Este projeto está acontecendo há 21 anos no tempo e no espaço das assembleias e nos seminários, nos relatos e nas memórias das camponesas que compartilham suas reivindicações e conquistas com outras mulheres. Mulheres que se movem entre o Movimento e a dinamicidades de suas vidas. Algumas já fizeram movimentos definitivos.

Nos grupos de base do MMC/RS as mulheres camponesas se reúnem, já não são pontos isolados pouco visíveis, mas um grupo numeroso que ocupa espaço e sae da invisibilidade. Assim, elas dão a ver também fatos que vão fazendo parte das pautas que monopolizam a grande mídia e correm o risco de não existirem simbolicamente.

É neste cenário onde se constrói este projeto de mulher camponesa que o jornal **Desperta Mulher** se consolida como uma ação política porque é mapa que visibiliza seus processos de formação, documenta os discursos de apropriação do acúmulo histórico das lutas feministas e guarda em seus traçados a memória dos movimentos sociais que lutam pela justiça no campo.

...

Esta é uma cartografia engajada proposta por uma cartógrafa confiante.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA

1. BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Ed. universidade/UFRGS, 1998. 223 p.
2. BERGSON, Henri. **O pensamento e o moverte**. São Paulo: Martins Fontes, 2006
3. BERGUER, Christa. **Movimientos Sociales y comunicación en Brasil**. In: CENTRO DE ESTUDIO DE LA INFORMACIÓN Y LA COMUNICACIÓN. **Comunicación y Sociedad**. no. 9, mayo-agosto 1990. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 1990.
4. BOURDIEU, Pierre. **O campo científico**. In: ORTIZ, Renato (org). *Pierre Bourdieu: sociologia*. Sao Paulo: Ática, 1983, p. 122-155
5. BRUMER, Anita e PAULILO, Maria I. **As agriculturas do sul do Brasil**. Rev. Estudos Feministas, Florianópolis, Abr 2004, vol.12, no.1, p.171-174.
6. BRUMER, Anita. **Gênero e Agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**. Estudos Feministas, Florianópolis, 12(1): 205-227, janeiro-abril/2004
7. BUTTONI, Dulcília Schoroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986.
8. CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 530 p. (A era da informação : economia, sociedade e cultura ; 2)
9. CAVALCANTI, Márcia de Gusmão. **Ocupar, Resistir, Produzir**. Rio de Janeiro: 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação) Universidade Federal Fluminense, 2002.
10. DEBÉRTOLIS, Karen Silva. UFRGS Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação e da Informação. **Brasil Mulher: Joana Lopes e a imprensa alternativa feminista [Dissertação de Mestrado]** Porto Alegre, RS, 2003. Dissertação - FABICO/UFRGS, 2002.
11. DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
12. **Desperta Mulher**, Ano XII, no. 57 jan/fev, 2004
13. **Desperta Mulher**, Ano XII, no. 58 mar/abr, 2004
14. **Desperta Mulher**, Ano XII, no. 59 mai/jun, 2004

15. Desperta Mulher, Ano XII, no. 60 jul/ago, 2004
16. Desperta Mulher, Ano XII, no. 61 set/out, 2004
17. Desperta Mulher, Ano XII, no. 62 nov/dez, 2004
18. Desperta Mulher, Ano XIII, no. 63 jan/fev, 2005
19. Desperta Mulher, Ano XIII, no. 64 mar/abr, 2005
20. Desperta Mulher, Ano XIII, no. 65 mai/jun, 2005
21. Desperta Mulher, Ano XIII, no. 66 jul/ago, 2005
22. Desperta Mulher, Ano XIII, no. 67 set/out, 2005
23. Desperta Mulher, Ano XIII, no. 68 nov/dez, 2005
24. Desperta Mulher, Ano XIV, no. 69 jan/fev, 2006
25. Desperta Mulher, Ano XIV, no. 70 mar/ago, 2006
26. Desperta Mulher, Ano XIV, no. 71 set/out, 2006
27. Desperta Mulher, Ano XIV, no. 72 nov/dez, 2006
28. Desperta Mulher, Ano XV, no. 73 jan/fev, 2007
29. Desperta Mulher, Ano XV, no. 74 mar/abr, 2007
30. Desperta Mulher, Ano XV, no. 75 mai/jun, 2007
31. Desperta Mulher, Ano XV, no. 76 jul/ago, 2007
32. Desperta Mulher, Ano XV, no. 77 set/out, 2007
33. Desperta Mulher, Ano XV, no. 78 nov/dez, 2007
34. Desperta Mulher, Ano XVI, no. 79 mar/abr, 2008
35. Desperta Mulher, Ano XVI, no. 80 mai/jun, 2008
36. Desperta Mulher, Ano XVI, no. 81 jul/ago, 2008
37. Desperta Mulher, Ano XVI, no. 82 set/out, 2008
38. Desperta Mulher, Ano XVI, no. 83 nov/dez, 2008
39. DORNELES, Beatriz. **Divergências conceituais em torno da comunicação popular e comunitária na América Latina**, Disponível em>

<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/176/177>.
Acessado em 07 de abril de 2009

40. DORNELES, Beatriz. **Jornalismo “Comunitário” em cidades do Interior**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004
41. FARREL, Amy Erdman. **A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular**. São Paulo: Editora Barracuda. 2004. 287 p
42. FESTA, Regina. **Comunicação popular e alternativa. A realidade e as utopias**. Bernardo do Campo: IMS, 1984.
43. FESTA, Regina et ali. **Genero y Comunicación**. Disponível em: http://www.isis.cl/temas/cominf/genero_y_Comunicacion_2003.pdf. Acessado em 20.05.08
44. FISCHER, Izaura R. **Gênero e Exclusão Social**. 2001, Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/113.html>. Acessado em 16 de fevereiro de 2009.
45. FONSECA, Tânia M. G., KIRST, Patrícia G. (orgs). **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 395 p.
46. FONSECA, Tânia M. Galli e KIRST, Patricia G. (org). **Cartografias e Devires: a construção do presente. Conhecimento e Cartografia: tempestades possíveis**. Porto alegre, Editora da UFRGS, 2003
47. FONSECA, Tânia M. Galli e KIRST, Patricia G. (org). **Cartografias e Devires: a construção do presente. Cartografia: do método a arte de fazer pesquisa**. Porto alegre, Editora da UFRGS, 2003
48. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993
49. GOMES, Pedro Gilberto. **O jornalismo alternativo no projeto popular**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 1990. 197 p.
50. GROSSI, Mirian Pilar e PEDRO, Joana Maria (org). **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Ed. Mulheres, Florianópolis: 1998.
51. HOUAISS, **Dicionário de Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete>. Acessado em 8, 9 e 10 de fevereiro de 2010.
52. LOURO, Guacira L. (org). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. 120 p. (Projetos & práticas pedagógicas)
53. LOURO, Guacira L.. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. Educação e Realidade**. Porto Alegre, n. 2, p. 101 –132. jul./dez. 1995
54. LOURO, Guacira Lopes. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. In: ADELMAN, Miriam; SILVESTRIN, Celsi Brönstrup. (Orgs). **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 11-22.

55. MARIANO, Simone A. **O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo**. Ver. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005
56. MARTÍN-BARBERO, Jesús. Introdução. Aventuras de um cartógrafo mestiço. In: _____. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004. 9-42 p.
57. MARTINS, Mariane. FUNDEP/UERGS Curso de Administração. **Processo de consciência feminista de classe: contraditoriedades de paradigmas para uma ação transformadora [Monografia Administração]** Ronda Alta, RS, 2006. Monografia (Conclusão do Curso de Administração) - FUNDEP/UERGS, 2006. PAULILO, Maria I. **O Peso do Trabalho Leve**. Ciência Hoje, São Paulo: v. 5, n. 28, p. 64-70, jan./fev.1987.
58. MATTA, Roberto da. A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rocco, Rio de Janeiro, 5 ed. 1997.
59. Movimento de Mulheres Camponesas. Site oficial. Disponível em: <http://www.mmcbrazil.com.br/>. Acessado em 1º de março 2010.
60. PEREIRA, Carmem R.A. **O rural televisivo nas apropriações das telespectadoras camponesas**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-carmem-rural-televisivo.pdf>. Acessado em 07 de novembro de 2007.
61. PERUZZO, C. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.
62. PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária**. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP12_peruzzo.pdf. Acessado em 20 de maio de 2008
63. PERUZZO, Cicilia M. Krohling (org.) e Almeida, Fernando F. de (org.). **Lugar da Comunicação Comunitária nas Políticas de Comunicação no Brasil**. Disponível em http://www.compos.org.br/data/biblioteca_338.pdf, acessado em 20 de maio de 2008
64. ROLNIK, Suely. **Cartografia ou de como pensar um corpo vibrátil**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Acessado em 10 de agosto de 2009.
65. ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. 304 p.
66. ROSARIO, Nísia M. do. Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In: MALDONADO, et al (orgs). **Perspectivas Metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora Univesitária da UFPB, 2008. 324 p.
67. SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
68. SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática, vol 1. São Paulo: Cortez, 2001.

69. SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
70. SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. trad. Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007
71. SCOTT, Joan Wallach. Entrevista com Joan Wallach Scott. **Revista de Estudos Feminista**. Rio de Janeiro, v.6, n.1, p 114-124, 1998. Entrevista concedida a Miriam Grossi, Maria Luiza Heilborn e Carmen Rial
72. SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
73. THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 427 p
74. VAN DER SCHAAF, Alie. **Jeito de mulher rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul**. Sociologias, 2003, no. 10, p.412-442.
75. Zirbel, Ilze. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa e Pós-Graduação em Sociologia Política. **Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil: um debate** [Dissertação de Mestrado] Florianópolis, SC, 2007. Dissertação.USFC, 2007.

ANEXOS

ANEXO A: Quadro completo das manchetes do jornal Desperta Mulher, de 2004 à 2008

2004

identificação do exemplar	Capa	pagina 2	página 3	contracapa
Ano XII, no. 57 jan/fev	<ul style="list-style-type: none"> - De MMTR a MMC - Movimento de mulheres camponesas - Fortalecer a luta em defesa da vida - Somos Mulheres Camponesas de Norte a Sul, de Leste a Oeste do Brasil 	<ul style="list-style-type: none"> - Editorial: Um novo ano de luta se inicia - Conjuntura: Os desafios da lutas das camponesas - Congresso nacional do movimento de mulheres camponesas: você está sendo convidada - Expediente 	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha de experiências: Um jeito novo e solidário de viver e cuidar da saúde - Dica de Saúde: menos gordura; as vitaminas do nosso corpo - Uma história em construção: Sociedade capitalista: a partir de 1750 	<ul style="list-style-type: none"> - Fórum social mundial: espaço de unificação da luta contra o imperialismo neoliberal - Mulheres na universidade: militantes do movimento ingressam na universidade - Curso sobre realidade brasileira - Para que lutar? (texto poético) - Fique de Olho (Informações sobre o governo Rigotto, referente a investimentos e promessas não cumpridas)
Ano XII, no. 58 mar/abr Edição especial: 1º. Congresso Nacional do Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil	<ul style="list-style-type: none"> - Congresso marca consolidação do Movimento de Mulheres Camponesas 	<ul style="list-style-type: none"> - Editorial: fortalecendo a luta - Conjuntura: A esperança depende de nós 	<ul style="list-style-type: none"> - Ato público e audiências encaminham reivindicações das Mulheres Camponesas - Fique de olho (atividades de 1º. de Maio) 	<ul style="list-style-type: none"> - O amor de uma guerreira (texto poético)
Ano XII, no. 59 mai/jun	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades internacionais da Via Campesina agitam o mês de junho - Mobilizações garantem diminuição dos prejuízos com a seca 	<ul style="list-style-type: none"> - Editorial: fortalecer a luta em defesa da vida - Partilhando experiências: somar a esperança, o amor, a alegria e a fé - Expediente 	<ul style="list-style-type: none"> - Texto para estudo: A visão de gênero na perspectiva feminista - A América Latina pode ser palco de grande crise de água - Dica de saúde: cuide-se com o resfriado - Aniversário 	<ul style="list-style-type: none"> - MMC continua o processo de unificação iniciado no congresso nacional - Movimentos discutem a educação no campo - “águas pela vida” é tema de marcha nacional do MAB - MTD comemora quatro anos de fundação

				<ul style="list-style-type: none"> - Fique de Olho: (Mudanças na previdência) - Linha de crédito para mulheres - Rotulagem de transgênicos - Aquífero Guarani
Ano XII, no. 60 jul/ago	<ul style="list-style-type: none"> - Ato público das Camponesas marca o dia de luta contra a violência, a impunidade e pela defesa dos direitos sociais - Negociações com o Governo Federal 	<ul style="list-style-type: none"> - Conjuntura: O significado da vitória de Chávez: o resultado do referendo venezuelano amplia as forças de transformação na América Latina - Partilha de experiências: União Caibaté/Mato Queimado - Paródia: o pezinho - Expediente 	<ul style="list-style-type: none"> - Texto para estudo: A visão de gênero na perspectiva feminista - Curso sobre realidade brasileira integra lideranças sociais - Dica de saúde: Atenção para os alimentos com transgênicos (lista de alimentos) - Aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> - Cuba: um país solidário - Conferencia aponta caminho para uma política pública de educação no campo
Ano XII, no. 61 set/out	<ul style="list-style-type: none"> - Os jovens estão na luta: 1º. acampamento Latino Americano de jovens do Cone-Sul - Eleições 2004: agora vamos ver! 	<ul style="list-style-type: none"> - Editorial: Rompendo as barreiras do medo, do silêncio e da apatia - Conjuntura: Promessas vazias - Partilha de experiências: O trabalho com os jovens na Argentina - Expediente 	<ul style="list-style-type: none"> - Texto para estudo: As bruxas são más ? - Querem tomar nossa água - 6ª. Assembléia Estadual do MMC/RS - Aborto mata cinco mil mulheres por ano na América Latina - Dica de saúde: Atenção para os alimentos com transgênicos (lista de alimentos: chocolates) 	<ul style="list-style-type: none"> - Lei poderá liberar os transgênicos - Em defesa da vida - Realidade (texto poético) - Fique de Olho: MERCOSUL e segurança alimentar
Ano XII, no. 62 nov/dez	<ul style="list-style-type: none"> - A formação é o nosso combustível: cursos de formação de quadros impulsionam a organização - Mensagem de Natal 	<ul style="list-style-type: none"> - Editorial: fortalecidos para iniciar o novo ano - Conjuntura: O leite em perigo - Charge: Rosa...vai para o encontro. - Partilhando experiências: espaço próprio é uma conquista - Expediente 	<ul style="list-style-type: none"> - Texto para estudo: violência mascarada - Mobilização pelo fim da violência contra as mulheres - Dica de saúde: rins, cálculos renais e diuréticos - Aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> - Cooperação sem fronteiras: (entrevista com Corine Dobler) - Marcha de Mulheres: campanha pelo aumento de salário mínimo - Fique de olho (CD de músicas do Movimento e do 1º. Congresso do MMC) Bunge denunciada
- 2005				
identificação do exemplar	Capa	pagina 2	página 3	contracapa
Ano XIII, no. 63 jan/fev	<ul style="list-style-type: none"> - Seca causa situação de emergência em 117 municípios gaúchos 	<ul style="list-style-type: none"> - Editorial: a face revelada - Conjuntura: as tsunamis diárias 	<ul style="list-style-type: none"> - Encontro das educandas do MMC 	<ul style="list-style-type: none"> - MMC entrega carta para Humanidade

	- Fórum social Mundial: outro mundo é possível	- Fala Mulher: Madalena (Pinhal Grande/RS) - Charge: Rosa...está discutindo com a vizinha - Expediente	- Dicas de saúde: evitando a desidratação - Aniversários - Texto para estudo: o significado dos símbolos: bandeira do MMC	- Vídeos sobre o MMC - 6ª. Assembléia Estadual do MMC-RS - Romaria da Terra - Monsanto subornou autoridades na Indonésia - Dia Internacional da Mulher: 8 de março será marcado com atividades regionais - Fique de olho: Arca das Letras (mini-bibliotecas)
Ano XIII, no. 64 mar/abr	-Dia Internacional da Mulher: mais de 500 mulheres em ação no Rio Grande do Sul - Camponesas marcam a passagem do 8 de Março com mobilizações em 19 estados brasileiros	- Editorial: a caminho - Intercâmbio: Um outro mundo é possível se a gente quiser - Charge: Rosa... vai lutar - Fala Mulher: IlseK. Diel - Boa Vista do Buricá/RS - Expediente	-Texto para estudo: O que é a Consulta Popular? - Grupos de base se preparam para Assembléia Estadual - Dica de saúde: pomada da alergia - Aniversários	- Carta mundial das mulheres para a Humanidade - Violência contra os movimentos sociais - Romaria da Terra no meio da seca - Fique de olho: Marcha pela reforma agrária em abril
Ano XIII, no. 65 mai/jun	- 6ª. Assembléia Estadual do MMC-RS - Mulheres Camponesas: luta e resistência - Plenária Estadual em Cruz Alta	- Editorial: Semear para ver germinar - Conjuntura: Fátima só planta soja. E para comer? - Roda da alegria - Charge Rosa na Assembléia - Ser mulher (texto poético) - Expediente	- Fala Mulher: Juraci Lourdes Manchado da Silva, de Ronda Alta/RS - Dica de saúde: maionese de bata doce - Eixos de atuação do MMC Brasil para 2005 - Aniversários	- A previdência em debate: - A previdência é nossa, ninguém tira da roça! - Camponesas e bruxas - Trabalho coletivo garante o sucesso da assembléia do MMC-RS - Fique de Olho: Monsanto quer invadir as escolas públicas
Ano XIII, no. 66 jul/ago	- 12 de agosto: dia de luta - Seminário sobre a previdência nas regiões	- Editorial: vale a pena lutar - Conjuntura: Não desanime. A luta continua - Charge: Rosa... não perde a esperança - Fala Mulher: Hilda Aléssio Rubin - Encruzilhada do Sul/RS - Expediente	-Dica de saúde: Erva de São João - Reunião da nova coordenação do MMC-RS - TV Sul iniciou suas transmissões - Texto para estudo: “Da luta não fujo” Há 22 anos Margarida Alves foi assassinada	- O mensalão do agronegócio: esta é a verdadeira história do mensalão do agronegócio - Carta ao povo brasileiro - Fique de Olho: Monsanto vai cobrar royalty da semente da soja
Ano XIII, no. 67 set/out	- 12 de agosto: 300 mulheres nas ruas de Passo Fundo e Ijuí para defender a Previdência Pública - Grito em favor da justiça e da	- Editorial: com a força das bruxas - Conjuntura: a luta não pode parar	- Dica de Saúde: riscos respiratórios na agricultura - CREA reconhece que o uso de agrotóxicos causa problemas	- Visita suíça no grupo de base de São Francisco - Principais ações do MMC-RS para 2005/2006

	ética- 11º. Grito dos Excluídos reúne 700 manifestantes em Porto Alegre	- Fala Mulher: Bruxa Rafinha - - Rede de Comunidades do Vale do Gravataí/RS - Expediente	- Texto para estudo: Dia 31 de outubro é o dia das bruxas	- Carta das mulheres para a Humanidade termina sua viagem - Charge: Rosa... é uma bruxa! - Fique de Olho: Assembléia Popular de da Esquerda
Ano XIII, no. 68 nov/dez	- 2º. Encontro das crianças da Região Litorânea - Educandas de Pedagogia e Técnicas em Agropecuária Ecológica do MMC formam-se este ano - Ivone Gebara participa de seminários em Passo Fundo e fala sobre gênero e cultura	- Editorial: Natal - Conjuntura: entenda melhor algumas siglas - Fala Mulher: Ivone e Simone Castros Marques - Maquine/RS - Expediente	- Dica de Saúde: arroz de leite - Cuidado com o leite - Texto para estudo: enfrentando a violência contra a mulher - Aniversários	- 3ª cúpula dos Povos das Américas - Mutirão por um novo Brasil - Projeto viabiliza permanência no campo preservando e recuperando a natureza - Charge: Rosa... se prepara! - Fique de olho: Uma vida sem violência é um direito das mulheres
2006				
identificação do exemplar	Capa	pagina 2	página 3	contracapa
Ano XIV, no. 69 jan/fev	- Ivone Gebara: “O feminismo é uma forma de reagir contra a violência” - Formatura da turma TAPE VIII da Fundep	- Editorial: despertar a vontade de lutar - Conjuntura: Movimentos Sociais e a esquerda: convergência ou confrontação? Opiniões de alguns participantes do Fórum Social Mundial de 2006, na Venezuela - Entenda melhor o significado de algumas palavras e siglas (parte II) - Mais de 800 pessoas fazem seus documentos em Dom Feliciano - Expediente	- 2005 e2006: olhar para trás e olhar para frente - Dica de saúde: suco refrescante - Texto para estudo: uma história de violência - Aniversários	- Violência: destino ou realidade a ser mudada: entrevista com Ivone Gebara - 8 de Março em Porto Alegre - Fique de Olho: agenda cheia em fevereiro e março
Ano XIV, no. 70 mar/ago	- Seminário Estadual discute o Deserto Verde - Bispos falam em defesa das mulheres camponesas	- Editorial: a importância da Comunicação - Entrevista: a indústria da celulose - Seminários regionais discutem as consequências do deserto	- MMC e UFRGS promovem curso sobre economia das Mulheres Camponesas - Texto para estudo: como reduzir o consumo de papel? - Dica de saúde: dicas para reduzir	- Seu moço, eu nem sabia que sabia: às mulheres que bravamente lutaram contra o projeto de morte da Aracruz celulose, em Barra do Ribeiro/RS, no dia 8 de março de 2006 - (texto poético e manifestações de

		verde - Expediente	o uso de papel - Aniversário	apoio) - Charge: Rosa... plantando árvore nativa - Protesto da Via Campesina contra a OMC em Genebra - Fique de olho: o cultivo do eucalipto
Ano XIV, no. 71 set/out	- Encerra a 1ª. turma do curso de extensão de Economia Invisível das Mulheres Camponesas, na UFRGS - Camponesas celebram a Luta e Vida - Homenagem à Loiva Rubenich (integrante do MMC que faleceu em 5 de outubro)	- Editorial: companheiras! - Análise de conjuntura: dois projetos em disputa - Desafios para os Movimentos - Sociais - Charge: Rosa...reclama do valor da conta de luz - Fala Mulher: Loiva Lourdes Rubenich (in memorian) - Expediente	- (texto sobre a Aracruz) - Dica de saúde: xarope de babosa - Texto para estudo: agricultura camponesa X agronegócio - Aniversários	- MMC participa de XI Colóquio Nacional e IX Colóquio Internacional de Educação Popular - O preço da luz é um roubo e a vítima é você! - Campanha contra os altos preços da energia elétrica - Quantos empregos são gerados no setor de energia elétrica? - Fique de olho (informações sobre energia elétrica)
Ano XIV, no. 72 nov/dez	- Camponesas entregam produtos para o Fome Zero - Jovens camponesas se reúnem no 2º. Encontro de Jovens do MMC	- Editorial: 2007 será um ano de realizações - Conjuntura: o meio ambiente não resistirá a tanta pressão e exploração - Fala Mulher: Lurdes Rosseto – Cruz Alta/RS - Charge: Rosa.....contra a violência - Expediente	- MMC realiza seminário para discutir socialismo e lutas de classe - Dica de saúde: arroz enriquecido - Texto para estudo: uma vida sem violência é direito das mulheres - Aniversários	- Feira da Biodiversidade reúne produtos de seis estados brasileiros - MMC participa do 2º. Seminário Nacional de Teologia e Educação Popular - Meninas da roça, moças da cidade (texto poético) - Fique de Olho: técnico em agropecuária ecológica - Homenagem à Loiva Rubenich (integrante do MMC que faleceu em 5 de outubro)
- 2007				
identificação do exemplar	Capa	pagina 2	página 3	contracapa
Ano XV, no. 73 jan/fev	- MMC lança Campanha pela produção de alimentos saudáveis: produzir alimentos saudáveis, cuidar da vida e da natureza	- Editorial: nossa história a gente faz – campanha de produção de alimentos saudáveis - Conjuntura: contra o capital e o patriarcado, lutar em defesa da vida	- Aquecimento global causa desastres ecológicos - Texto para estudo: 8 de março Dia Internacional da Mulher - Aniversários	- Aracruz quer fechar convênio com Universidade Federal do Rio Grande do Sul – mais dinheiro para multinacionais - Charge: Rosa...vai para 8 de março - Encontro das jovens marca inicio de

		<ul style="list-style-type: none"> - Fala Mulher: Inelves Dal Moro - Cacique Doble/RS - Expediente 		<ul style="list-style-type: none"> atividades de formação do MMC em 2007 - Dica de saúde: para tirar manchas da pele - Fique de olho: técnico em agropecuária ecológica
Ano XV, no. 74 mar/abr	<ul style="list-style-type: none"> - 8 de março mobiliza 2.000 mulheres no Estado 	<ul style="list-style-type: none"> - Editorial: 8 de março de 2006 - Dia de luta em Defesa da Vida - Reitoria da UFRGS revê posição sobre convênio com Aracruz - Conjuntura: conjuntura sobre a celulose - Fala Mulher: Edelaine Aparecida Brinker – Palmeira das Missões/RS - Expediente 	<ul style="list-style-type: none"> - Mulheres camponesas e a Campanha Nacional pela produção de Alimentos Saudáveis - Dica de saúde: pomada cicatrizante - Texto para estudo: monocultivos e agrocombustíveis: vai etanol, fica o lixo e a exploração - Aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> - Jornada Nacional de Luta das Mulheres da Via Campesina - Cheiro de Luta e de Flor (texto poético) - Fique de olho (curso de comunicação na Fundep, Previdência Pública, previdência e sindicato)
Ano XV, no. 75 mai/jun	<ul style="list-style-type: none"> - A previdência: reforma previdenciária quer tirar os direitos das/os trabalhadoras/res - Via Campesina faz audiência para discutir o monocultivo de eucalipto e a irregularidade das empresas de Celulose no Estado 	<ul style="list-style-type: none"> - Editorial: Companheiras! - Conjuntura: cuidado com a Rede Globo - A administração de Yeda Portaria permite flexibilização do Zoneamento Ambiental e plantio de eucaliptos e pinos em áreas de risco para o meio ambiente - Expediente 	<ul style="list-style-type: none"> - Nascimentos - Charge: Rosa...e a aposentadoria - Dica de saúde: xarope de cerveja - Texto para estudo: <ul style="list-style-type: none"> - O que o seqüestro de carbono? - Aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> - CTNBio libera milho transgênico na marra - Emenda 3 quer tirar o direito dos trabalhadores - Fique de olho (CTNBio e transgênico, curso de comunicação na Fundep, reforma da previdência, audiências públicas sobre plantio de eucalipto)
Ano XV, no. 76 jul/ago	<ul style="list-style-type: none"> - Campanha quer anular o leilão da Companhia Vale do Rio Doce - 24 de morte de Margarida Alves – a violência continua 	<ul style="list-style-type: none"> - Editorial: companheiras e companheiros! - O governo Yeda, a administração para o lucro e o problema da educação - Charge: Rosa...a violência que causa indignação - Plantando saúde e resistência camponesa - Expediente 	<ul style="list-style-type: none"> - Vânia Mattos recebe o diploma de Medicina em Cuba - Dica de saúde: caldo verde nutritivo para com osso - Texto para estudo: fome – uma violência ao ser humano - Aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> - Assembléia popular discute a importância da participação das mulheres na luta - Argentina e Uruguai debatem papeléiras - Hiroshima relembra 62 anos de bomba nuclear - Fique de olho: curso de comunicação, acampamento da Educação Popular, privatização do Banrisul)

Ano XV, no. 77 set/out	- MMC e Via Campesina trancam portões de viveiros de eucalipto da Votoratin - Empresas de celulose agem com apoio de Yeda	- Editorial: Companheiras e Campanheiros! - Fundep e UFRGS realizam curso de comunicação - Charge: Rosa...e o que plantar? - Fala Mulher: Neusa Salete Agnolin. Ela estava presente na ação da Via em frente ao viveiro da Votorantin - Expediente	- Dica de saúde: suco diurético - MMC participa do Plebiscito da Vale - Texto para estudo: campanha nacional pela produção de alimento saudáveis - Aniversário	- Um ano sem Loiva - Quando uma mulher não morre...(texto poético) - 31 de outubro: Dia das Bruxas. - Novos tempos. (texto poético) - Fique de olho: aumenta o trabalho de base no movimento
Ano XV, no. 78 nov/dez	- MMC faz avaliação e faz planejamento para o próximo ano - Proposta da Previdência passa em mais uma comissão - Expediente	- Editorial: o fim do ano esta chegando - Lei Maria da Penha já está em vigor - Charge: Rosa...comemora a boa notícia - Inicia a Campanha 16 dias de ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres - Expediente	- Fala Mulher: hoje vamos contar a história de Cátia Silva Bauer – 30 anos - FUNDEP forma turma de Comunicação e Administração no final do ano - Texto para estudo: a educação no Movimento de Mulheres Camponesas - Dica de Saúde: farofa nutritiva de miúdos de frango/vaca - Aniversários	- II Acampamento de Educação Popular - MST marcha para a Fazenda Guerra - No cotidiano das camponesas o natal vai surgindo
- 2008				
identificação do exemplar	Capa	pagina 2	página 3	contracapa
Ano XVI, no. 79 mar/abr	- Jornada de luta das mulheres da Via mobilizam mais de 1.500 mulheres camponesas no estado - Acampamento em Encruziliada debate Deserto Verde	-Editorial - Mulheres Camponesas são vítimas da violência da Brigada Militar - Charge: Rosa... comemora a boa noticia do Natal - Mulheres Camponesas denunciam o agronegócio em 18 estados e lutam em defesa da vida - Expediente	- Fala Mulher: Estefânia Jurack - Texto para estudo: o que é área de segurança nacional ou ares de fronteira? - MAB faz ações em 9 estados contra a construção de hidrelétricas - Aniversários - Dica de saúde: suco antifadiga	- Seminário Municipal em comemoração ao Dia Internacional da Mulher I- I Fórum Social da Missões - Feliz Páscoa! - Fique de olho
Ano XVI, no. 80 mai/jun	- Medida provisória ameaça direitos previdenciários	- Editorial: companheiras (as) - Mais de 800 pessoas ocupam	- Via Campesina faz distribuição de alimentos em Passo Fundo	- Mulheres camponesas celebram colheita

	<ul style="list-style-type: none"> - As ameaças da medida provisória - Expediente 	<p>área da Bunge em Passo Fundo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Charge: Rosa.... e a crise dos alimentos - Fala Mulher: Angelina Pereira de Carvalho é moradora da cidade de Senador Guimard (Acre), tem 53 anos e é - camponesa - Expediente 	<ul style="list-style-type: none"> - Manifestação em Porto Alegre é reprimida com violência - Texto para estudo: a crise anunciada - Dica de saúde: suco antidepressão - Aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> - MMC da Região Litorânea promove 6ª. Feira da Biodiversidade - Governo do estado dá mais dinheiro às papeleiras
Ano XVI, no. 81 jul/ago	<ul style="list-style-type: none"> - Regional Palmeira realiza seminário para discutir violência - Regional Planalto discute Soberania Alimentar em seminário regional - Expediente 	<ul style="list-style-type: none"> - Editorial: companheiras e companheiros! - Tape X teve 13 formandas de todo Brasil do MMC - Charge: Rosa em...Democracia? - Fala Mulher: Jurema Justo tem 53 anos e é Camponesa da cidade de Três Cachoeiras Região Litorânea - Expediente 	<ul style="list-style-type: none"> - Encontro nacional – Mulheres em luta por Soberania Alimentar e Energética - Texto para estudo: a crise dos alimentos - Dica de saúde: câncer de colo uterino - Aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> - Recuperação e preservação das Mata Ciliares – MMC e MMTU Região Litorânea - MMC participa de seminário internacional sobre Soberania Alimentar - Curso Energia e Sociedade no Capitalismo Contemporâneo
Ano XVI, no. 82 set/out	-	-	-	-
Ano XVI, no. 83 nov/dez	<ul style="list-style-type: none"> - Seminário com Ivone Gebara discute, religião mulher e poder Seminário “Sentido Universal dos Direitos Humanos e a Luta das Mulheres” comemora os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Editorial - Charge: Rosa em....final de ano - Apresentações culturais e discussão de agroecologia marcam a II Festa Camponesa em Horizontina. - Fala Mulher: Maria Inês Salini - Expediente 	<ul style="list-style-type: none"> - Seminário discute a produção e geração de renda das Camponesas - Dica de saúde: saiba mais sobre o câncer - Texto para estudo: as grandes crises mundiais - Aniversários 	<ul style="list-style-type: none"> - Seminário em Cruz Alta discute os perigos dos agrotóxicos para a vida - Mensagem de Natal - Seminário contra Monocultivo de eucalipto encaminha proposta de delimitação das áreas de plantio de eucaliptos, pinus e acácia no município de Encruzilhada do Sul.

ANEXO B

